

**BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES  
UNESP**

**RESSALVA**

Alertamos para ausência de Agradecimentos, Dedicatória e Resumo não incluídos pelo autor no arquivo original.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

**Instituto de Biociências**

**Campus de Rio Claro**

**INTERFERÊNCIA DA TORCIDA NA  
ANSIEDADE E AGRESSIVIDADE DE ATLETAS  
ADOLESCENTES**

**Afonso Antonio Machado**

**Tese apresentada ao concurso para obtenção do Título  
de Livre-Docente do Instituto de Biociências, UNESP –  
Campus de Rio Claro.**

**Rio Claro**

**1998**

## SUMÁRIO

Agradecimentos.....	i
Dedicatória.....	ii
Resumo.....	iii
<b>Introdução.....</b>	<b>01</b>
Formulação da situação- problema.....	05
Objetivo do estudo.....	07
Justificativa.....	08
<b>Revisão</b>	<b>de</b>
<b>Literatura.....</b>	<b>09</b>
<b>Parte</b>	<b>I-</b>
<b>Adolescência.....</b>	<b>09</b>
Considerações gerais.....	10
Características e limites.....	13
Conflitos internos: marca registrada.....	19
Transição bio-psico-social.....	23
Interferências socio- culturais.....	26
<b>Parte</b>	<b>II-Ansiedade</b>
<b>Agressividade.....</b>	<b>29</b>
Conceituação de ansiedade.....	31
Traço- estado.....	34
Manejo da ansiedade.....	36
Agressividade.....	41
Conceitos de agressividade.....	42
Estudos sobre a agressão no esporte.....	45
Manifestações agressivas.....	48
Objetivos do ato agressivo.....	53
Agressão e esporte.....	59

<b>Parte III-Torcida</b> .....	69
Torcida: sua influência no momento esportivo.....	70
Características da torcida.....	73
Familia: estes estranhos torcedores.....	79
Amigos, imprensa, fãs, dirigentes.....	82
A torcida e a individualidade do atleta.....	86
Estados emocionais e interferências externas.....	95
<b>Metodologia</b> .....	101
Característica da pesquisa participante.....	103
Coleta de dados: definição de técnicas.....	105
Universo da pesquisa.....	108
Questões a investigar.....	110
<b>Análise e Discussão</b> .....	111
<b>Considerações finais</b> .....	152
<b>Sugestões</b> .....	165
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	168

## INTRODUÇÃO

Ao analisarmos o problema da torcida, gerando a agressão e a ansiedade no esporte, além de outros transtornos emocionais, temos plena consciência da dificuldade de recepção por parte daqueles que se encontram impregnados pela visão idealista da existência, especialmente dependente, neste caso, das tradições sociodarwinistas da luta pela vida, já há muito tempo liquidadas cientificamente, mas que continuam a dominar a visão preponderante na formação dos educadores.

Falar da ansiedade e da agressividade no espetáculo esportivo é tocar em dois fenômenos complexos e sensíveis, protagonistas de uma longa controvérsia: o esporte, com sua estranha textura, está longe de ser compreendido em toda sua trama, e a agressão e ansiedade, questões pendentes há muito tempo na existência humana, hoje se manifesta com formas cada

vez mais terríveis, na sociedade contemporânea e, em nosso caso, em especial, acreditamos que por intermédio da torcida.

O significado preciso que a prática esportiva tem para o indivíduo está ainda para ser determinado e, talvez, jamais se poderá compreendê-lo em toda a sua complexidade. Além disso, deve-se considerar, também, toda a personalidade atlética que está em causa, assim como a resposta a diferentes e complexas necessidades conjuntas com suas opostas e desiguais e, em alguns casos, obscuras funções, que o esporte pode preencher. Junte-se ainda a influência determinante do meio em que o jogo tem lugar e, em relevância, os espectadores que o assistem.

Trata-se assim, de uma rede complexa de entrecruzamentos que se abrem na nossa frente e onde cada um vai encontrar aquilo que, momentaneamente, mais interessa e convém para a personalidade de quem procura a atividade.

Será uma “experiência do corpo”, do “movimento vivido”. de “procura de ultrapassagem das próprias possibilidades”, de “enfrentamento com o obstáculo”, de “competição” interligando-se com as funções agonal, higiênica, relacional, lúdica, educativa, estética, terapêutica, política..., conjugando-se num complexo totalizante em que a atividade e o indivíduo constituem uma unidade onde as relações que se constroem com caráter duradouro exercem uma ação estruturada sobre a própria construção da personalidade.

E, certamente, neste intrincado novelo as relações do indivíduo e da atividade se entrecruzam com as funções que esta pode desempenhar, respondendo às necessidades múltiplas daquele. Ora, é exatamente isto que justifica que o esporte constitua uma das atividades culturais que mobiliza o maior número de indivíduos, desempenhando os mais diversos papéis e funções, desde a diferença das funções de quadra, até as formas de assistir, passando pelos diferentes tipos de dirigentes.

Para aquilo que agora nos voltamos, convém observar as relações que existem entre a afirmação competitiva do indivíduo, normalmente acusada de, em conjunto com a frustração causada pela impossibilidade de responder a uma pulsão, provocarem a agressividade e desta passar a violência e a função agonal do esporte que, fazendo deste “um estado de combate”, provocaria a atitude ansiosa e agressiva contra o adversário ou, na impossibilidade de tal acontecer, contra o próprio meio em que se desenrola a competição.

Interessa- nos estudar, no momento, aspectos relativos à ação da torcida e sua interferência no comportamento agressivo e ansioso do jogador jovem, que participa de uma modalidade federada. É difícil responder, sem hesitação, à concepção de que o esporte é o desejo de domínio e corresponde à noção nitzcheniana de vontade de poder; sabemos que o esporte se afirma também como uma atividade psíquica e, neste sentido, esbarra- se em questões de difícil solução e que envolvem

disciplinas, campos de conhecimentos e a possibilidade de inter ou multidisciplinaridade.

Parece- nos que não especularemos em demasia se afirmarmos que o esporte constitui um sistema de promoção do próprio “eu”, através da utilização das “técnicas gestuais” esportivas, que permitem a estruturação da personalidade, a construção do “eu”, a realização e a expressão do sentimento e intenções, o reconhecimento gratificante de si mesmo através dos outros, a afirmação do prestígio e do domínio sobre si, sobre os outros e sobre os obstáculos.

Tudo isto estará presente na ação sistematizada da turba agressiva e ansiosa? A verdade é que a luta constante e intransigente contra a agressão e a ansiedade no esporte não pode ser vista com um mínimo de eficácia se não se conhecerem, com clareza, as causas que as engendram. Particularmente importante no conjunto destas preocupações, para GIL ( 1988 ), é o desmascaramento das teorias biologizantes do comportamento humano, que vão buscar nos animais irracionais, particularmente nos insetos, aspectos fundamentais explicativos do comportamento humano, traçando paralelismos grotescos entre os aglomerados humanos e os animais.

É bem verdade que nenhum sistema pode explicar, na sua totalidade acabada, o comportamento humano, em todos seus aspectos. Longe de nós esquecer os maiores perigos que se encontram no dogmatismo das idéias que nada tem que ver com a



solidez das convicções. Mas a visão científica do mundo não pode se confundir com as paixões e os interesses de classe do cientista.

Compreende-se bem que para muitos daqueles que estão diretamente ligados ao espetáculo esportivo, esta perspectiva não seja a mais agradável. É bem mais simples não misturar o esporte com os aspectos mais complexos da vida psico-social. Por outro lado, se defendermos que o espetáculo carrega em si valores culturais ainda que nem sempre bem aceitos, não será possível analisá-lo separando-o do fenômeno psico-social total.

A verdade é que o aumento da ansiedade e da agressividade, no momento esportivo, reflete o aumento de pressão que se exerce, cada vez mais intensa e acentuadamente, sobre os jogadores, equipes e dirigentes, com o objetivo único de ganhar ou de perturbar, função específica dos torcedores. Cria-se o que se determinou designar de “círculo infernal de violência” ou “espiral de violência”, querendo significar o seu permanente aumento.

A problemática toda reside no fato simples, mas bem escamoteado pela capa pseudocientífica, de que através da defesa destas evidências se faz, de fato, a defesa da situação atual, tal como a encontramos. E que a torcida apenas se manifesta para ajudar seus eleitos ou ídolos, não podendo — portanto — perturbar em nada o transcurso de uma partida ou desestabilizar emocionalmente os seus escolhidos.

## **FORMULAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA**

Atualmente, e de forma acentuada em certas sociedades, vive-se um sentimento difuso de ansiedade e insegurança que provoca um sentimento de agressividade que não é dirigido em especial contra alguém, em particular, mas que impregna toda a realidade social. Este sentimento gera estranhos fenômenos, entre eles a indiferença mais completa pela situação em que outros se encontram, constituindo, no fundo, dois aspectos específicos do comportamento humano: a agressividade e a ansiedade.

É neste quadro que os distúrbios de comportamento despontam e começam a apresentar aspectos que, sem assumirem a gravidade que atingem em outros setores da vida social, são, no entanto, preocupantes na medida em que liquidam, ou pelo menos limitam, o caráter educativo e cultural da prática esportiva.

A agressão e a ansiedade assumem aqui um caráter particular, porque atinge as virtualidades humanizadoras de uma atividade absolutamente essencial para o homem, no quadro de sua vida em sociedade contemporânea. As consequências desta situação são múltiplas e todas igualmente graves, quer para o jovem em si, como para o próprio esporte. Em relação a este, a primeira consequência é o abandono das quadras, pelo

desinteresse à atividade esportiva. É significativo que, em praticamente todas as modalidades, se verifique um acentuado número de abandonos entre seus apaixonados adeptos, e já se fala do valor e relevância das torcidas, no sentido de incentivarem estas fugas das praças esportivas.

Em termos educativos a questão assume foros de autêntico escândalo, na medida em que, por causa da agitação agressiva da multidão desorganizada, se perde a função formativa da prática esportiva. Hoje, temos desde cedo, a preparação esportiva para a vitória a qualquer preço: este jogador que aprende rapidamente a ultrapassar as regras do jogo e a intimidar antes de receber os primeiros golpes, constrói, pouco a pouco, e desde que tenha uma responsabilidade em campo, um comportamento de que a ansiedade e a agressão são elementos essenciais de sua performance.

A esta situação deve ser somada o papel fundamental da imitação, que atua de duas formas distintas, conforme nos afirma RICHARDS ( 1988 ). Em primeiro lugar, através de cópia direta do comportamento dos atletas mais velhos pelos jovens jogadores, tanto no que diz respeito aos comportamentos incorretos como na violência. O segundo aspecto consiste na identificação do jovem jogador com um mito que retrata um comportamento que deixa muito a desejar, do ponto de vista ético. Para cada um dos casos a torcida age de maneira inclemente: ela não respeita a individualidade ou a intencionalidade do atleta.

As preocupações com a ansiedade e agressão esportiva, geradas pelas torcidas, no campo e fora dele, nunca foram tão grandes como hoje, tanto por parte das entidades públicas como dos próprios clubes e escolas. No entanto, todas as medidas tomadas não parecem dar qualquer resultado palpável. Pelo contrário, continuam a afirmar-se, cada vez mais, como uma realidade que não se consegue superar.

Acreditando que seja no processo educativo e cultural que se deva procurar a resolução dos problemas deste aglomerado humano, chamamos a atenção para o fato de que não só todo o sistema esportivo está em causa, como também a totalidade da dinâmica social que o determina, tendo em vista o fato de que as instituições e seus membros desempenham aí um importante papel.

## **OBJETIVO DO ESTUDO**

O estudo aqui proposto tem por objetivo verificar o grau de incidência, a origem e a evolução dos quadros de ansiedade e agressividade, causados pela ação das TORCIDAS, em jovens do sexo masculino, na faixa etária entre 15 a 18 anos, participantes de modalidades esportivas coletivas ou individuais, de esportes federados.

## **JUSTIFICATIVA**

A realização de um estudo desta natureza justifica-se pelos seguintes aspectos:

1. a grande preocupação que envolve profissionais da Educação Física e do Esportes, quanto a interferência da torcida, seja ela de qualquer tipo
2. a interferência da torcida na ansiedade e agressividade em atletas jovens;
3. poucos estudos sobre a torcida, em situações esportivas brasileiras, em especial nesta faixa etária;
4. a relevância do assunto, para estudiosos da Motricidade Humana e, em especial, da Psicologia do Esporte e a utilização das conclusões e do próprio desenvolvimento da pesquisa, incluindo a revisão de literatura, no embasamento teórico-prático de profissionais interessados no assunto, atendendo-se as exigências da atualidade esportiva.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

Estudar os efeitos da torcida sobre atletas adolescentes, em momentos esportivos, demanda uma análise apurada entre questões em constante efervescência, na Psicologia do Esporte. Desta forma, a opção de encaminhamento foi por discutirmos a Adolescência, a Ansiedade e a Agressividade e, posteriormente, a torcida, partindo para as análises dos discursos colhidos na pesquisa de campo.

A relevância temática é sentida em toda sua abrangência, de forma a tornar interessante, na revisão de literatura, cada uma das três partes, e permitir o envolvimento dos assuntos, como uma teia que se arma a cada passo. Assim, a Motricidade Humana, enquanto área de estudo, ganha por ter somado a outros estudos, mais este que busca interpretar os fenômenos agressivos e ansiosos nesta faixa etária - a adolescência.

### **Parte I: Adolescência**

Os crescentes índices divulgados, atualmente, pela imprensa do país, sobre a violência e agressividade nos estádios, envolvendo inclusive adolescentes tornam necessária a pesquisa

do esporte praticado pela adolescência, bem como as formas de manifestação da agressividade e ansiedade apresentadas nas competições esportivas, tanto pelos jogadores como pelos torcedores.

Ao se levar em conta que a valorização do indivíduo, o ambiente e as coisas sofrem influências das experiências emocionais de cada pessoa, emoções tais como: o medo, a humilhação, o desgosto, não representam necessariamente uma aprendizagem considerada menos ou mais humana, esses sinais representam a sensibilidade e as conseqüências de atitudes que reforçadas sinalizam inteligência e não um processo subumano (BANDURA, 1973).

No enfoque da aprendizagem social, as experiências aversivas, bem como as conseqüências cognitivas, quando antecipadas levam o indivíduo a um estado de excitação emocional difuso, o qual pode acarretar comportamentos distintos, tais como: dependência, agressividade, psicossomatização, fuga e solução destrutiva de problemas, dependendo da história de cada indivíduo.

### ***considerações gerais***

Com suas características próprias, o período do desenvolvimento humano chamado adolescência é marcado essencialmente por uma fase de mudança de um período de vida para outro. A passagem do mundo infantil para o mundo da vida

adulta é melhor caracterizada por duas palavras: transformação e transição. A transição, para alguns, é muito difícil e complicada; para outros, é tranqüila e calma, mas de uma forma ou de outra, esta fase é bastante complexa. As transformações percorrem o espaço do desenvolvimento físico, emocional, intelectual e social, aglutinando valores e interagindo com o mundo da vida adulta.

PFROMM NETTO(1976) lembra que adolescência significa participação de um grupo de idade e seu desenvolvimento do status infantil para o adulto; cronologicamente correspondente às idades aproximadas que vão dos 12 aos 21 anos. Há controvérsias na simples delimitação do período de anos em que ocorre esta etapa do desenvolvimento, mas todos aceitam que o adolescente encontra-se em transição da infância para a vida adulta e passa por várias transformações de ordem física e psico-sócio-cultural.

Devido à complexidade dessa fase de vida, na qual o indivíduo passa por grande transformações e mudanças, em um limitado espaço de tempo, é que vários autores apresentam caracterizações e delimitações distintas. Para PFROMM NETTO (1976), nada impede o estabelecimento de critérios para sua definição cronológica em função do desenvolvimento físico, sociológico e psicológico.

Percebe-se que as transformações físicas, bastante acentuadas, também provocam mudanças cognitivas, afetivas,



sexuais, sociais e psicológicas no comportamento do adolescente que passa a necessitar de uma reestruturação e adaptação de sua personalidade à exigência dessa nova fase.

O processo de crescimento e desenvolvimento humanos têm sido, desde há muito, tema de muita discussão e teorização. Entretanto, desde o advento do Século XX, tem-se dado atenção especial ao período de desenvolvimento comumente chamado de “adolescência”. A enorme quantidade de literatura recente sobre a adolescência nos mostra o profundo e sólido interesse manifestado por psicólogos, educadores, médicos, advogados e outros.

Numerosas teorias vêm sendo desenvolvidas com a finalidade de explicar o fenômeno da adolescência. Estas teorias resultaram em pontos de vista divergentes. Nos séculos passados, os campos opostos na psicologia do desenvolvimento basearam seus argumentos principalmente em experiências pessoais e considerações filosóficas. Recentemente, eles se baseiam cada vez mais em estudos sistemáticos, observação controlada e em pesquisa experimental. Estes métodos científicos de investigações eliminaram alguns falsos conceitos passados quanto ao desenvolvimento adolescente, mas ainda não falaram muitos dos pontos de vista controversos.

Diversos problemas surgiram devido à terminologia ambígua e desacordos sobre asserções básicas sobre o que

constituía adolescência. Em muitos casos, diferenças teóricas relativas ao período da adolescência provêm de discordâncias mais básicas quanto aos métodos e objetivos da pesquisa psicológica e à natureza do conhecimento psicológico. Desde que o defensor de uma determinada teoria tende a citar somente a pesquisa que dá apoio à sua posição, há necessidade de analisar e algumas vezes de integrar, até certo ponto, as diferentes posições teóricas quanto ao desenvolvimento adolescente.

A palavra “adolescência” é derivada do verbo latino “adolescere” significando “crescer” ou “crescer até a maturidade”. Para o objetivo deste estudo, as definições gerais que vêm a seguir parecem ser as mais úteis; sociologicamente, adolescência é o período de transição da dependência infantil para a auto-suficiência adulta. Psicologicamente, adolescência é uma “situação marginal” na qual novos ajustamentos, que distinguem o comportamento da criança do comportamento adulto em uma determinada sociedade, têm que ser feitos. Cronologicamente, é o tempo que se estende de aproximadamente doze ou treze anos até a casa dos vinte e um, vinte e dois, com grandes variações individuais e culturais.

Este período tende a ocorrer mais cedo para as moças do que para os rapazes e terminar mais cedo em sociedades mais primitivas. Os termos “adolescência”, “idade adolescente”, “período adolescente” e mesmo **teen-ager** são usados intercambiavelmente. Landis acrescenta, como sinônimo adicional,

“juventude”, que ele usa para descrever o final do período da adolescência enquanto GESELL (1978) usa o termo “juventude” para designar o período de dez a dezesseis anos de idade.

### ***características e limites***

Adolescência é o conceito mais amplo e inclusivo, que se refere também a mudanças no comportamento e no **status** social. Stone e Church (apud GESELL, 1978) fazem uma distinção semelhante entre as manifestações culturais e comportamentais de um lado e as manifestações físicas, de outro. Entretanto, vão um pouco além diferenciando entre “puberdade”, o ponto em que a maturidade sexual é alcançada, e “pubescência” o período de aproximadamente dois anos que precedem o advento da puberdade.

Pubescência é o período de desenvolvimento fisiológico durante o qual as funções reprodutivas amadurecem; é filogenético e incluir o aparecimento das características sexuais secundárias e a maturidade fisiológica dos órgãos sexuais primários. A idade exata, na qual a maturidade reprodutiva ocorre, varia grandemente e parece estar relacionada a fatores sócio-econômicos assim como a fatores geográficos. Parece manifestar-se mais cedo nas zonas temperadas, em classes sócio-econômicas mais elevadas, e como resultado da boa nutrição: aparece mais tardiamente nas regiões tropicais e árticas.

Estas mudanças ocorrem num período de aproximadamente dois anos. Talvez, em nenhum outro período na

vida humana, exceto o nascimento, suceda uma transição de tal importância. Embora ocorram mudanças fisiológicas em todos os níveis de idade, a rapidez das transformações durante este período é imensuravelmente maior que nos anos que o precedem ou seguem.

Tem-se alegado que estes rituais de iniciação podem ocorrer depois, durante ou até mesmo antes do período da pubescência biológica. Enquanto permanece o argumento de que a duração da pubescência é estabelecida por fatores biológicos, a da adolescência social é determinada por instituições sociais e pelo grupo social. Podem coincidir, mas não necessariamente.

A relação causal entre as mudanças fisiológicas, especialmente endocrinológicas, durante a pubescência, e os fenômenos sociais e comportamentais da adolescência tem sido negada e tem-se afirmado que o comportamento adolescente é culturalmente determinado.

Entretanto algumas das questões subentendidas estão ainda em aberto. Ausubel acentua que a iniciação social à fase adulta ou corresponde, ou se segue à maturação fisiológica, mas que a consecução da maturidade sexual biológica “sempre precede e nunca se segue” à inauguração social do adolescente. Sherif (apud WALL, 1990), depois de rever estudos antropológicos sobre o assunto, conclui que os problemas experimentados pelos adolescentes “variam de cultura a cultura, tornando a transição para a idade adulta mais ou menos conflitiva,

mais ou menos prolongada”. Contudo, ele afirma que “os princípios psicológicos básicos que operam em todas estas situações sociais devem ser os mesmos.”

Por muito tempo presumiu-se a existência de uma relação causal específica entre mudanças pubertárias e ajustamento sócio-psicológico do adolescente. Embora essa suposição não seja cientificamente defensável, os efeitos das mudanças fisiológicas parecem ser grandemente modificados pelas expectativas e instituições sociais. Os correlatos psicológicos, particularmente notáveis nesta área do ajustamento sexual e do reconhecimento social, encontram expressão no comportamento, e unem a pubescência à adolescência.

Na cultura ocidental, a pubescência como período evolutivo corresponde à pré-adolescência ou adolescência inicial. O começo da pubescência pode ser determinado por mudanças corpóreas específicas, que ocorrem nem sempre em seqüência lógica. Essa seqüência, de acordo com AUSUBEL ( 1969 ), permanece praticamente constante, mesmo em indivíduos retardados ou precoces.

Qualquer desses fenômenos poderia ser escolhido, e uma variedade deles tem sido usada para determinar o início da pubescência. É evidente que a pubescência não é um único fato isolado, mas um conjunto de fatos, nenhum deles ocorrendo instantaneamente. Conseqüentemente, há uma grande superposição de coincidências na seqüência do desenvolvimento.

A idéia principal na definição de puberdade é o advento da maturidade reprodutiva. Portanto, o critério isolado de maior uso na determinação da puberdade nas moças é a primeira menstruação.

O limite cronológico superior da adolescência não é tão claramente determinado como o início da pubescência, desde que não há fenômenos fisiológicos objetivos que possam ser usados para definir o término da adolescência. Fenômenos sociais observáveis, tais como independência financeira, êxito no emprego e casamento, são úteis. Mas, segundo CAMPOS (1991), em primeiro lugar, não indicam, necessariamente, maturidade fisiológica; em segundo lugar, nenhum acordo foi alcançado no tocante à importância relativa de cada um deles.

Finalmente, o significado psicológico e até mesmo sociológico de tais fenômenos difere de acordo com o ambiente sócio-cultural; como determinar quando a fase adulta, a maturidade, a auto-determinação e a independência foram alcançadas, depende da definição que estes termos tenham em uma determinada estrutura social.

Em sociedades primitivas, o período da adolescência pode ser muito breve e terminar pelos rituais de iniciação, depois dos quais o indivíduo atinge o status adulto. Em contraste com este exemplo de curta adolescência, o psicólogo G. Stanley Hall (apud GESELL, 1978) escreveu em 1904 que a adolescência nos Estados Unidos da América dura até o vigésimo quarto ou vigésimo quinto ano de idade. Só é possível falar sobre o término

da adolescência, em termos de idade cronológica, se o ambiente sócio-cultural for especificado.

Para ABERASTURY (1990) no sentido legal, a idade de 21 anos é considerada como o término da adolescência, uma vez que nesta idade a lei suspendia os últimos aspectos da proteção legal da “imaturidade” e concedia ao jovem seus plenos direitos, sua independência legal e responsabilidade.

Entretanto, como diz Kuhlen (apud DOLTO, 1990), a adolescência é o período de ajustamento sexual, social, ideológico e vocacional, e de luta pela emancipação dos pais. Portanto, do ponto de vista psicológico, o critério para o término da adolescência não é tanto uma determinada idade cronológica, como o grau em quase alcançou tais ajustamentos. Uma pessoa que se casa depois de formar-se no 2º grau, consegue um bom emprego e se torna auto-suficiente financeiramente, tem mais probabilidade de ter atingido a maturidade, do que seu amigo que entra para a Universidade, sustentado pela família.

Além disso, uma pessoa pode ser velha no sentido cronológico, mas apresentar, ainda, características sociais e de comportamento próprias de uma adolescente. Contudo, se forem indispensáveis normas aproximadas de idade, as seguintes, sugeridas por Hurlock (apud WALL, 1990), podem ser apropriadas, pelo menos nos Estados Unidos. Pré-adolescência, de dez a doze anos de idade; adolescência inicial, de treze a

dezesseis anos; adolescência terminal, de dezesseis a vinte e um anos de idade.

O jovem adulto, ao atingir a maturidade, deve ter obtido um sentido de continuidade psicológica e social e de permanência, do “que ele era quando criança e do que está prestes a se tornar”, e ao mesmo tempo ele deve estabelecer um acordo entre sua concepção de si mesmo e a concepção que os outros têm dele.

A influência do grupo de companheiros na formação de valores, ideais, atitudes e interesses é representada no título do livro de Coleman **The Adolescent Society** (A Sociedade Adolescente). Excluídos de grandes setores da sociedade, os adolescentes encontraram apoio psicológico e recompensa social dentro de seus próprios grupos, e se apoiam uns nos outros. Conseqüentemente, esta subcultura adolescente criou sua própria linguagem e sistema de valores. COLEMAN (1973) descreve a escola secundária como uma “selva cruel de encontros e notas”, com seu emaranhado hermético de “panelinhas fechadas”. Esta sociedade “mantém apenas alguns pontos de ligação com a sociedade adulta exterior”.

Ele coletou um grande número de evidências empíricas que explicam o sistema de valores da sociedade adolescente contemporânea e esclarece a discrepância existente entre os valores do adolescente e de seus pais. Entre os rapazes, a sociedade adolescente valoriza o atleta, o que possui um automóvel, e um bom “background” familiar. Estes são trunfos



importantes para se ser considerado popular, ou para se tornar membro do grupo de líderes. Entre as moças, o sucesso social, a beleza física, maneiras atraentes e as roupas bonitas são trunfos altamente valorizados, todos mais importantes na sociedade adolescente do que na adulta.

### ***conflitos internos: marca registrada***

Para nenhum dos sexos o sucesso acadêmico tem a importância que os adultos gostariam que tivesse. Particularmente na relação com o sexo oposto, os carros são mais importantes para os rapazes e as roupas bonitas para as moças do que as boas notas. Coleman adverte os pais que se preocupam com a tensão acadêmica dos adolescentes, de que a tensão emocional da competição social de “estar por dentro” ou “estar por fora” pode ser muito mais severa do que pensam.

A maturidade fisiológica ocorre automaticamente através de processos biológicos e evolutivos. Presume-se freqüentemente, que a maturidade emocional e psicológica também são obtidas “automaticamente”, através da integração na sociedade. Nixon discorda desse ponto, uma vez que a maturidade emocional e psicológica não pode ser obtida sem a auto-descoberta. O indivíduo no estágio de desenvolvimento da auto-cognição não deve ser empurrado “ao acaso” para a maturidade sem uma forte identidade do ego, ou em estado de auto-difusão e falta de auto-cognição.

Se isto acontecer, o resultado pode ser uma pseudo-maturidade que interfere com o desenvolvimento posterior. A identidade do ego obtida através da auto-cognição é um pré-requisito necessário ao completo alcance da maturidade genital. Esta idéia está implícita em diversas das teorias anteriormente discutidas. Spranger, em particular, distinguiu entre “amor puro” e a “sexualidade”, e também o “amor puro” é um pré-requisito para a sexualidade madura. ERIKSON (1973) vê a relação amorosa precoce íntima entre adolescentes, não como primariamente sexual, mas como tentativa de descobrir-se a si mesmo através dos olhos de outra pessoa. O jovem está aprendendo quem é, o que sente, o que pode fazer, e o que quer tornar-se. Tem que diferenciar-se a si mesmo da cultura na qual cresceu e das pessoas daquela cultura de que dependeu. Só pode alcançar isso isolando-se dessa cultura e quebrando os elos da dependência. Este processo envolve, necessariamente, conflito.

Se não houver oportunidade de conflito, não há adolescência, uma vez que nenhum sentido de individualidade pode se desenvolver. Consequentemente, a adolescência é um fenômeno social menos distinto nas classes inferiores (isto poderia explicar o fato de Spranger, Remplein, e Gesell se preocuparem sobretudo com a juventude da classe média) ou na sociedade primitiva (como Mead demonstrou em Samoa). não haverá adolescência num mundo que se assemelha ao de “1984” de Orwell. Numa sociedade em que não há divergência, ou na qual a

divergência não é permitida, a palavra **adolescente** perde o sentido (SPENLÉ, 1990).

O processo de socialização na escola renuncia às divergências, exceto às marginais. Ser diferente é indecente. Os conflitos não são avaliados por seu potencial de crescimento, mas temidos como distúrbios. Eles têm solução, e as escolas mais equipadas fornecem serviços profissionais para a solução dos problemas. A escola serve antes de mediador do que de esclarecedor quando o conflito aparece.

Estas condições tornam cada vez mais difícil para o adolescente definir-se a si mesmo, através do conflito com a sociedade. Em conseqüência, os adolescentes, freqüentemente, não alcançam uma compreensão clara do que são e do que significam. Este é o contexto no qual Friedenberg desenvolve sua principal hipótese: “a adolescência, como um processo de desenvolvimento, está se tornando obsoleta”.

É interessante notar as diferenças entre as predições de Coleman e Friedenberg. Coleman postula que a sociedade adolescente está se tornando mais claramente diferenciada da infância e da idade adulta. A linguagem, o padrão de vida e o sistema de valores assumem aparências cada vez mais distintas e a dicotomia entre a sociedade adolescente e a sociedade adulta aumenta. Apenas alguns pontos as ligam uma à outra.

Num contexto diferente, pressupõe-se que a sociedade esteja manipulando o adolescente através do conflito e

da crise, dentro de um padrão e de conformidade de massa. Neste processo, ela o priva da importante experiência de estabelecer sua própria identidade e desvaloriza então a adolescência como um fenômeno social e de desenvolvimento. Se a adolescência desaparecer ou se se tornar uma “subcultura” mais claramente diferenciada, como Coleman o acredita, ainda será objeto de maior investigação.

Há óbvias divergências a respeito do significado, definição, características e padrões futuros da adolescência. Entretanto, há também um acordo substancial entre as diferentes teorias, especialmente se deixarmos de lado as posições teóricas pioneiras mais radicais. A evidência empírica parece haver refutado algumas das afirmativas iniciais.

Os pesquisadores concordam quanto à existência de mudança endocrinológica e do crescimento a ela relacionado, das características sexuais primárias e secundárias, como fenômeno de desenvolvimento durante o período de dez a quinze anos. Ausubel, Greulich, Remplein e Zeller fornecem relatos detalhados dessas mudanças e seus efeitos. A evidência atual provém da psicologia e da medicina. Gesell, Freud e Lewin concordam em que essas mudanças são aspectos importantes do desenvolvimento adolescente (BLOS, 1989).

As mudanças do físico ocasionadas pelo crescimento das características sexuais primárias e pelo aparecimento das secundárias, resultam numa mudança substancial da imagem

corpórea do indivíduo. Isto é devido parcialmente ao fato de que o corpo muda muito mais rapidamente durante o período da adolescência do que durante a maioria dos outros períodos da vida. Há problemas ligados com a mudança da voz, acne adolescente, variação somática, desenvolvimento precoce e tardio, etc.

A severidade desse impacto e a confusão ou orgulho que dele resultam dependem naturalmente das atitudes com relação ao corpo em uma determinada sociedade. Também dependem de quão cedo ou tarde essas mudanças ocorrem com relação ao grupo de companheiros. Para BLOS (1989), a teoria de Barker dá grande importância ao papel da mudança física e o seu componente psicológico, isto é, a mudança da imagem corpórea. Entretanto, a maioria das teorias discute a preocupação com a nova imagem física e a sua aceitação.

### ***transição bio- psico- social***

A maturação sexual causa mudanças na atitude com relação ao papel sexual apropriado, masculino ou feminino. As manifestações específicas de masculinidade ou feminilidade têm suas raízes no treinamento infantil e variam de uma sociedade para outra. Apesar disso, o adolescente encara a tarefa de incorporar em seu próprio conceito aquelas características sexuais que são culturalmente aceitáveis. O desajustamento nessas áreas ocorre freqüentemente, e FREUD (1949) considerou importante para o desenvolvimento, que ao adolescente não “falte” o sexo oposto.

Novas relações sociais devem ser estabelecidas durante a adolescência, especialmente relações heterossexuais, mas também dentro do próprio sexo.

Parece haver pouca divergência com relação à idéia de que a adolescência é um período de transição entre a infância e a idade adulta. A idéia de Lewin (apud SPENLÉ, 1990) de “homem marginal” encontra apoio em outras teorias. Coleman vai até mais longe quando postula uma sub-cultura adolescente - a sociedade adolescente - que inclui o grande segmento da população durante um período bastante longo. O período de transição é naturalmente mais evidente se os grupos infantil e adulto são bem definidos, como o são na América de hoje. Esta transição requer uma reavaliação da relação de cada um com o mundo externo, com o mundo social e com o mundo psíquico pessoal interno.

Não existe qualquer acordo entre as várias teorias de estágios no que se refere ao número, características e sentido psicológico de cada um dos estágios. Mas estas teorias postulam com apreciável consenso, uma importante fase de transição no início da adolescência, entre as idades de dez e quatorze para as moças e de onze a quinze ou dezesseis para os rapazes.

O pressuposto mais aceito é de que a infância, a adolescência e a idade adulta são três períodos que podem ser reconhecidos psicológica e sociologicamente, e mesmo fisiologicamente. Também se aceita que há diferenças tanto individuais como culturais na duração da adolescência, bem como

na idade de início e término da mesma. A maturação mais rápida das moças é geralmente reconhecida.

As mudanças fisiológicas da pubescência são freqüentemente usadas para determinar o início, enquanto critérios sociológicos - isto é, o **status** adulto, os deveres e privilégios, bem como o casamento, o término da educação e a independência econômica - são mais freqüentemente citados como o final daquele período. O final da adolescência depende primeiramente dos requisitos e condições culturais. Ocorre mais cedo nas culturas primitivas e mais tarde nas mais civilizadas.

A extensão em que a adolescência é experimentada como um período de tensão e esforço e instabilidade emocional dependerão de diversos fatores:

1. Os fatores sociais influem sobre a severidade da crise emocional e a teoria antropológica desenvolve a idéia de que a continuidade e o condicionamento cultural diminuirão as dificuldades adolescentes, enquanto que as descontinuidades as aumentarão. Lewin exprime a mesma idéia, mas ele destaca um aspecto diferente. Em sua teoria a semelhança entre o status infantil e adulto faz decrescer as dificuldades adolescentes, enquanto as dessemelhanças as aumentam.
2. Sherif acrescenta a idéia de que as sociedades em rápida mudança social contribuem para um período adolescente particularmente difícil; na realidade o adolescente não apenas

deve ajustar-se a seus próprios problemas, mas também aos da sociedade.

3. Remplein considera que o tipo de personalidade do indivíduo é um outro fator importante a influir sobre o grau de distúrbio do adolescente. Afirma que o jovem cuja personalidade é esquizotímica experimentará, na pubescência, distúrbios emocionais maiores, uma vez que a adolescência é um período de desenvolvimento esquizotímico. O jovem de constituição atarracada, ciclotímico, experimentará menos ou mesmo nenhum distúrbio e dificuldades durante a adolescência, uma vez que o tipo de personalidade e tipo de desenvolvimento estão em oposição durante este período e se equilibram mutuamente.
4. Spranger acrescenta a idéia de que o adolescente pode dirigir ativamente seu crescimento através do poder da vontade, auto-educação, auto-determinação e esforços dirigidos para objetivos. Ele não está à mercê dos fatores ambientais ou biológicos mas contribui de forma ativa para o seu próprio desenvolvimento.
5. Freidenberg sugere que a sociedade cada vez mais atenua a espécie de conflito, indagação e rebelião que ocasionam tensão e esforço durante a adolescência. Privado da oportunidade de se diferenciar da sociedade, o adolescente não experimenta tensão e esforço, mas tampouco pode estabelecer sua identidade individual. Esta idéia sugere que o grau de tensão e



de esforço do adolescente depende do conflito social experimentado na busca da maturidade.

Desde que se pode imaginar qualquer combinação destes cinco fatores, a adolescência pode ser experimentada de diversas formas, variando em intensidade e demonstração. A predisposição para as dificuldades emocionais e sociais durante esta fase é provavelmente maior do que durante outros períodos de desenvolvimento. Considera-se a crise adolescente como fenômeno evolutivo necessário, uma vez que somente a solução da crise através da auto-descoberta conduz à maturidade. Entretanto, distinguem explicitamente a crise adolescente das crises neuróticas e psicóticas. A hipótese de um período de tempestade e tensão universal não mais se sustenta (WALL, 1990).

### ***interferências sócio- culturais***

Preocupar-se com a adolescência não é, hoje em dia, privilégio de países pobres, ou apenas dos ricos: em todas as latitudes e faixas de desenvolvimento econômico, os grupos jovens vêm causando inquietações. A juventude hoje, é uma força explosiva: pelo número, pela rebeldia, pelo fato de ser explorada. No Brasil, a faixa etária dos 12 aos 20 anos abrange um quinto da população. O encargo de responsabilidades que isto representa em termos de economia e educação pode ser dimensionado numericamente, mas não corresponde, ainda, a nenhuma mobilização adequada de recursos, a um planejamento social para

canalizar os recursos humanos jovens na arrancada para o desenvolvimento, eficaz e adequadamente.

A consciência desse fato vem modificando a maneira de encarar os desajustamentos dos jovens. Até há poucos anos, quando a família “tinha um problema” com um filho adolescente, relutava em admiti-lo e só quando premida pelas dificuldades procurava discretamente o auxílio especializado, do médico psiquiatra ou do orientador. A escola, na grande maioria dos casos, pouco valia como socorro: ao contrário, era ocasião para fazer aparecer, de modo inequívoco, a dificuldade. Os pais eram colocados como “os responsáveis” pelo caso - ou, em outras palavras, os desajustamentos eram estudados em função de situações pessoais, sobretudo familiares, desfavoráveis.

Hoje, começa-se a perceber que os casos extremos - em que pese os particulares agravantes - são sintomas de profunda modificação social, e que carecemos de respostas a importantes perguntas, que vão desde o significado da vida, passando pelo planejamento social e familiar, até a definição de papéis de uma geração em face de outra, de pais diante dos filhos, de educadores diante de alunos, e dos jovens em face da sociedade e dos subgrupos sociais.

É sobretudo essa preocupação que tem permitido o aparecimento e a divulgação de estudos sobre a adolescência. São inúmeros os campos de estudos a fornecer indicações científicas sobre aspectos, antes ignorados, da situação do jovem:

antropologia, psicologia social e dinâmica, psicanálise, sociologia. Na arte - literatura, música, cinema - a juventude invade domínios antes restritos ao adulto. Até a moda rejuvenesce. O adulto, que antes se sentia em posição de criticar e orientar a geração nova, tem medo de ficar “para trás” e copia o jovem, para encobrir, muitas vezes, sua profunda inquietação quanto a valores e padrões de conduta.

A psicologia, e a do esporte, inclusive, tem uma contribuição específica a dar neste quadro de indagações. O estudo científico da adolescência é extremamente recente - datam do início deste século os primeiros ensaios de pesquisa. Faltam-lhe, ainda, formulações e conceitos consagrados - felizmente, talvez, por isto, abre o pesquisador às influências de ciências afins, cujas conceituações e métodos muito têm enriquecido o estudo da adolescência como fase evolutiva. Entretanto, esse mesmo fato dificulta a interpretação e a crítica de novas contribuições.

É assim que, nas próximas partes, buscaremos estudar a Ansiedade e a Agressividade, diante da influência da torcida, para podermos entender a coleta de dados, junto à atletas adolescentes.

## **Parte II: Ansiedade e Agressividade**

Ao se falar sobre ansiedade, tem-se a nítida impressão de que temos uma visão muito clara sobre seu conceito. Além disso, parece-nos que a definição sempre foi a mesma, não sofrendo interferências culturais. Porém, ao analisarmos este aspecto mais detalhadamente, vemos que esta é uma visão totalmente errônea. Quando se comparam as diversas definições existentes, percebe-se grande diversidade entre elas e, além disso, nota-se a dificuldade de classificá-las devido a divergência de vários de seus aspectos.

Pensando no momento esportivo, diante de torcidas que querem o resultado favorável para seu time, o papel que o atleta desempenha (sua prática), bem como suas expectativas constituem também variáveis relevantes para seu comportamento desportivo, e conseqüente manejo de seu nível de ansiedade.

WEINER (1979), afirma que cada dimensão associa-se a um determinado tipo de conseqüência. Dessa forma, as expectativas futuras dos atletas e indivíduos são, na verdade, conseqüências do modo como percebem a estabilidade pessoal, a constância de seu desempenho e de seus resultados, oscilando em função da estabilidade ou não do nível de ansiedade.

Assim, vários autores desenvolveram pesquisas, no meio esportivo, a fim de investigarem as relações entre as atribuições que os atletas efetuam para um determinado resultado, bem com as suas expectativas em relação a futuras realizações. BIDDLE (1993), por exemplo, baseando-se nas conclusões de

pesquisas realizadas por GROVE e PARGANAN (1986), considera ser evidente que as expectativas futuras dos indivíduos se relacionam mais com as atribuições relativas ao seu esforço do que com as relacionadas com a sua capacidade. Realça a este respeito a possibilidade da dimensão da controlabilidade de assumir um papel mais importante no processo de estruturação das expectativas futuras do que a dimensão da estabilidade.

As expectativas de sucesso e insucesso são estados psicológicos que podem divergir num mesmo atleta dentro de uma situação real de jogo, ainda que de atleta para atleta de uma mesma equipe e perante a mesma situação\_ alterando sobremaneira o nível de ansiedade. Dependem, também, fundamentalmente do tipo de objetivos estabelecidos para cada atleta, para cada tarefa e da percepção de cada um deles acerca do grau de realização desses objetivos (MAEHR, 1984).

No esporte, as competições têm sua peculiaridade, sendo possível que os treinamentos venham reduzir as incertezas e a probabilidade de ocorrências de situações estranhas que parecem alterar negativamente o comportamento dos atletas. A simulação de jogadas e situações ocorridas em jogos anteriores, durante o treinamento, pode facilitar a participação do atleta, mesmo que ele não tenha ainda entrado em uma competição, propiciando estabilidade emocional e ajuste do nível de ansiedade.

Entendemos que, mesmo havendo no atleta, ou na equipe, experiência em competições, existe uma variedade de exercícios de preparação que podem e devem ser simulados durante os treinamentos como, por exemplo, os atletas de atletismo, podem, no decorrer dos treinos, praticar as partidas e as estratégias durante o percurso da corrida; os nadadores podem também simular as saídas; os atletas de futebol, livremente, treinar as penalidades mais simples, bem como a cobrança de pênalti, ensaiando a cobrança de escanteio (tiro de canto).

Tais simulações de competições nos treinamentos e a transformação das atividades de treino envolvem aspectos como: tempo, intensidade e situações pré-programadas etc. Pelo menos, parte do treino deve ser conduzida como se fosse uma competição, mas simultaneamente, deve-se reduzir o caráter da competição. São maneiras dos atletas, em novas situações serem treinados a suportar a pressão competitiva, buscando equilibrar seu nível de ansiedade.

### ***conceituação de ansiedade***

Não buscaremos, neste estudo, um padrão conceitual porém dentre as definições existentes, podemos citar (CRATTY, 1989):

- a de Kierkegaard (1972) que afirmava que a congruência da geração contemporânea e a razão de sua ansiedade e inquietude residem no fato de que a verdade cresce

em extensão, em massa e, também, até certo ponto, em clareza abstrata, enquanto a certeza constantemente diminui.

- Freud (1951) entende que numa situação de perigo ocorre o sinal de angústia. Isto significa: eu espero que se verifique uma situação de impotência; ou então: a situação presente me recorda um evento traumático vivido anteriormente ... a ansiedade é, pois, de um lado, a expectativa do trauma e, de outro, a repetição atenuada dele.

- Mandler & Watson (1966) dizem que em outras palavras, a ansiedade aparecerá, quando o organismo, interrompido no meio de seqüências bem organizadas de comportamento ou na execução de um plano bem desenvolvido, não tem comportamento alternativo disponível.

- Lazarus (1966) defende que a ansiedade é a resposta à ameaça e que é enganoso afirmar que a ansiedade motiva o comportamento. De fato, se ela atua como um sinal, ela não motiva, em sentido estrito, o comportamento. É a ameaça que o motiva.

- Rollo May (1973) define a ansiedade como a apreensão sugerida por uma ameaça a algum valor que o indivíduo reputa essencial à sua existência como um Eu.

- Martin & Strufe (1970) vêem a ansiedade como uma resposta neurofisiológica que tem manifestações especialmente intensas no sistema medular adrenal-hipotalâmico-simpático, no

sistema cortical-adrenal-hipotalâmico pituitário e nos sistemas reticulares.

- A definição de Spielberger, em 1966, distingue estados de ansiedade caracterizados por sentimentos subjetivos, conscientemente percebidos de apreensão e tensão, acompanhados por ou associados à ativação ou alerta do sistema nervoso autônomo. A ansiedade como um traço de personalidade pareceria implicar um motivo ou disposição comportamental adquirida que predispõe um indivíduo a perceber como ameaçadora uma ampla variedade de circunstâncias não perigosas....

- Schoenfeld (1950) escreveu que o paradigma experimental para estabelecer a ansiedade é  $S_1 \rightarrow S_2$ , onde  $S_1$  é um estímulo inicialmente neutro e  $S_2$  é um estímulo aversivo que não pode ser terminado ou evitado pelo organismo e  $\rightarrow$  indica a passagem de um certo tempo. Nota-se que o paradigma da ansiedade leva à aquisição, pelo estímulo inicialmente neutro, de propriedades aversivas secundárias, por causa de seu emparelhamento com  $S_2$ .

O maior problema gerado pelo grande número de definições e da grande diversidade entre elas é que, de certo modo, cada definição cria sua forma de ansiedade, basicamente diferente uma das outras.

Segundo PESSOTTI (1978), cada definição de ansiedade vem a atender o desenvolvimento cultural da época,



portanto cada definição de ansiedade corre conjuntamente com o pensamento dominante da época. Sabendo-se disso ao se escolher uma definição, ou mesmo ao se dar uma nova conceituação para a palavra ansiedade deve ser levado em conta a ansiedade segundo os conteúdos culturais da época, para que esta definição não seja totalmente isolada do processo global do conhecimento e, conseqüentemente, inútil à uma pesquisa.

PESSOTTI (1978) em seu trabalho *Ansiedade* estuda as abordagens mais importantes ao problema no âmbito da psicologia e os aspectos consistentes da ansiedade na tradição filosófica. Assim, há três significados constantes nas diferentes abordagens por ele estudadas: a **impotência** do organismo ou pessoa em dada situação, a instauração de algum grau de **aversidade** e algum grau de **incerteza**.

Neste século, o significado de ansiedade deve incluir, além destes significados permanentes - durante a evolução do conceito de ansiedade -, aspectos orgânicos, funcionais (comprometimento da funcionalidade do comportamento) e processos cognitivos e perceptivos antecedentes aos estados ansiosos. Estes denominar-se-ão **organicista, antifuncional e cognitivo-perceptivista**.

O aspecto cognitivo-perceptivista pode ser encontrado em todas as teorias contemporâneas mencionadas, em maior ou menor intensidade. Este aspecto pode ser entendido como uma forma de uma pré-seleção das informações recebidas e

analisadas, e comparadas às informações já conhecidas. A ênfase organicista surge com a evolução da medicina, sendo que as respostas autonômicas passam a compor um quadro patológico da emoção. Mesmo os pesquisadores mais voltados para o lado existencialista, reconhecem a ocorrência de mudanças orgânicas. O aspecto antifuncional da ansiedade, é entendido como um processo que atrapalha a interação entre pessoa-meio ou organismo-ambiente.

### ***ansiedade: traço e estado***

Ainda no que concerne à conceituação de ansiedade, SPIELBERG (1966) considera a ansiedade sob duas formas: ansiedade-traço e ansiedade-estado. A ansiedade-traço é uma característica da personalidade do indivíduo. Ela representa, de uma forma geral, a ansiedade média numa situação normal, ou seja, quando a pessoa não está submetida à situações que poderiam causar ansiedade. Já a ansiedade-estado é aquela que ocorre durante situações temporárias.

O que realmente acontece, é que as pessoas com um nível de ansiedade-estado vêm mais situações como ameaçadoras, enquanto àquelas com níveis baixos, vêm menos situações como ameaçadoras. Isto porém, não significa que as pessoas com níveis baixos de ansiedade-traço, terão níveis baixos de ansiedade-estado, porém o número de situações que resultarão em nível alto de ansiedade-estado é mais reduzido se comparado com uma pessoa com níveis elevados de ansiedade-traço.

Como disse SPIELBERG (1966) as pessoas com um alto nível de ansiedade-traço, tendem a perceber como ameaçadora uma ampla variedade de situações não perigosas... Segundo MAGILL (1984), a ansiedade-traço parece interagir com duas variáveis de situação: a importância da situação para o indivíduo e a incerteza do resultado da situação.

A importância da situação para o indivíduo é diretamente proporcional ao nível de ansiedade-estado que ele poderá vir a exibir, ou seja, quanto mais importante a situação, maior será a probabilidade de que o indivíduo exiba um alto nível de ansiedade-estado. Logicamente, o indivíduo com ansiedade-traço em níveis mais elevados, tende a encarar mais situações como importantes.

A incerteza do resultado da situação, normalmente surge quando o indivíduo não sabe se está bem preparado ou não para enfrentar a mesma, ou ainda, no esporte, quando os envolvidos no confronto se equivalem. O nível de ansiedade-estado sobe em paralelo ao nível de incerteza do resultado da situação.

O nível de ansiedade-estado depende da interação destas duas variáveis, sendo difícil considerar isoladamente cada uma delas. MAGILL (1984), ainda afirma que a ansiedade-estado está inversamente relacionada à complexidade da tarefa a ser executada. portanto, aos níveis mais elevados de ansiedade-estado devem ser associadas tarefas de baixa complexidade.

Ao profissional de Educação Física é cobrado conhecimento de que a ansiedade afeta o desempenho e, além disso, deve saber de que maneira ela afeta o desempenho: positivamente ou negativamente. Ou seja, deve saber em quais determinadas situações os níveis de ansiedade se adequam para se conseguir um desempenho ótimo ou facilitador da melhor performance. É importante saber lidar com a ansiedade para que se consiga o nível ideal para cada situação. O profissional de Educação Física pode, por exemplo, tentar aumentar ou diminuir a importância real de certa situação para o nível de ansiedade-estado tender a subir ou descer na escala.

### ***manejo da ansiedade***

A partir do momento que sabemos que a ansiedade normal é inevitável, devemos estudar suas influências dentro dos vários aspectos do contexto desportivo. Devemos saber se ela deve ser evitada ou trabalhada a fim de obter melhor desempenho.

HARRIS (1987) considera, dentro da ansiedade-estado, duas dimensões: a somática ou corporal e a cognitiva ou mental. Este autor afirma que existem atletas que podem estar com um alto nível de ansiedade física enquanto estão mentalmente tranquilos. Em contrapartida, também, existem os que estão controlados fisicamente enquanto mentalmente estão bastante confusos. A investigação sobre os atletas tende a apontar que a maioria deles sente uma forte ansiedade somática antes de uma competição, que logo se dissipa ao começar a ação. Por

outro lado, se o nível cognitivo está elevado, significa que o atleta está excessivamente ansioso ao se concentrar para a competição. CRATTY (1983) ainda afirma que os níveis de ansiedade sempre se encontram mais elevados antes e também depois de uma situação tensionante.

Existem, basicamente, duas teorias relativas à ansiedade e ao nível de desempenho esperado. Uma delas, a *teoria do impulso*, elaborada por Hull (apud BERNIK, 1989) diz que um nível baixo de ansiedade-estado geraria um nível de desempenho baixo, e, ao contrário, um nível alto de ansiedade-estado, geraria um nível alto de desempenho. Esta teoria considera que existe um nível de desempenho ótimo relacionado a um determinado nível de ansiedade e não é o mesmo para cada indivíduo, nem o mesmo para cada esporte. É necessário, portanto, determinar o nível ótimo de desempenho para cada situação. A determinação do nível ótimo de desempenho segue determinados critérios.

Se nosso nível de ansiedade é baixo, provavelmente não conseguiremos desempenhar nossa tarefa como desejaríamos, por não estarmos suficientemente motivados. Esta é uma das principais causas da derrota de times considerados mais fortes perante a times inferiores. Os atletas normalmente já entram com a certeza da vitória e conseqüentemente com um nível de estimulação muito baixo, acarretando um desempenho inferior ao previsto. Esta situação da “certeza de vitória”, pode se

transformar, repentinamente, em susto, ou ainda, horror, com o surgimento de ocorrências inesperadas, para as quais não se tem alternativas de ação adequadas.

Uma possível solução para este problema, seria cada atleta ter a consciência necessária para identificar qual o seu nível de desempenho ótimo e partir para a competição partindo deste nível. Segundo HARRIS (1987), sem o controle do nosso nível de ansiedade, poderemos atingir um nível muito elevado de ansiedade que também prejudicará o nosso desempenho. Devemos lembrar, contudo, que este é apenas o aspecto geral do gráfico, que pode variar, ainda, de acordo com a complexidade da tarefa ou a personalidade de cada indivíduo.

MAGILL (1984) defende uma relação de que uma tarefa de alta complexidade será melhor executada com níveis mais baixos de ansiedade, enquanto que uma tarefa menos complexa exige níveis mais elevados de ansiedade.

Os atletas extrovertidos, normalmente se darão melhor em situações que tenham mais ação, rapidez ou, generalizando, um maior número de sensações, pois eles requerem mais para se sentirem estimulados. Os extrovertidos atuam muito melhor que os introvertidos em um meio que se disponha de mais estímulos. Esforçam-se para buscar estas situações que proporcionem uma motivação mais elevada, como por exemplo, atividades de alto risco, adversários teoricamente mais fortes, etc. Além disso, mostram maior tolerância à dor. preferem a ação ampla à restrita e

a rapidez à perfeição. Sentem necessidades de variações em um mesmo tema para se sentirem motivados.

Já os introvertidos, se dão melhor em situações que provoquem pouco estímulo. Alcançam melhor desempenho em tarefas de caráter mais repetitivo, visto que possuem uma maior capacidade de concentração e atenção do que os extrovertidos. Têm maior empenho na busca pela precisão do que na rapidez. Apesar de terem escassa tolerância à dor, podem se condicionar e se adaptar a provas em que tenham de vencer longas distâncias. Podemos comprovar isto, vendo o número de atletas introvertidos em provas de fundo é maior do que o número de atletas extrovertidos.

Deve ser dito que é bastante simples de se explicar as diferenças entre ambos os extremos, porém nem sempre os atletas estão situados em um dos extremos da linha hipotética que une extroversão-introversão. Há vários atletas situados no meio desta linha e a divisão entre extroversão e introversão se torna muito tênue quando nos aproximamos do “meio da linha.

Obviamente, existem vantagens e desvantagens em ambos os lados. Devemos aprender qual é a nossa posição nesta linha, o que nos ajudará a estabelecer programas e objetivos mais práticos e eficientes. Devemos, portanto, escolher um esporte que tenha a ver com nosso meio para que não nos sintamos “desmotivados” ou excessivamente “motivados” ao executá-lo. Os esportes coletivos, por exemplo, realizam-se em um meio que é

mais adequado aos extrovertidos, pois somente eles buscam estes meios ambientes e podem suportar as exigências contidas neles.

O tipo de incitação também deve ser levado em conta para se conseguir o nível de rendimento ideal. Alguns atletas necessitam de muito pouca incitação e um excesso pode prejudicar sua atuação. Porém, outros atletas requerem muito mais incitação desportiva para se chegar à sua atuação máxima. No caso de atletas deste tipo, eles, depois de notarem isto, devem levar esta informação ao seu treinador e, se preciso, individualizar sua incitação.

Portanto, o técnico e sobretudo o atleta, devem ter na cabeça que um determinado tipo de treinamento nem sempre é adequado à diferentes pessoas que têm de ser tratadas como tal. Deve ser feito um trabalho para que se descubra qual o melhor treinamento individualizado para que se consiga um rendimento máximo. Os outros aspectos relevantes à ansiedade também devem ser levados em conta no desenvolvimento deste trabalho.

O principal passo para se conseguir alcançar o nível desejado de ansiedade é ter um bom conhecimento de nosso próprio corpo. MAY (1973) chama a isso de autoconsciência. Segundo ele, valor algum será eficaz quando não se existe a capacidade para optar e afirmar de maneira atuante os princípios segundo os quais se deseja viver. Nas pessoas que isto não



ocorre, deve haver um alto índice de ansiedade-traço gerada por esta situação.

Quando há uma “luta” entre os valores internos e os externos, impostos pela sociedade, vive-se em constante ansiedade. Kierkegaard (apud BERNIK, 1989) afirma que o homem tem de “optar por si mesmo”. Por mais estranha que possa parecer esta afirmação, realmente é isto que devemos fazer, buscando, cada um por si, a responsabilidade por suas emoções, pela própria existência, enfim, pelo seu “EU”.

Quando conhecemos nosso corpo, percebemos melhor nossas reações e distinguimos meios para controlá-las. Isto reforça nossa confiança em nós mesmos e nos dá segurança para enfrentar qualquer situação. Quando há a manifestação de ansiedade, o atleta deve saber canalizar esta “energia” que se está gerando, de uma forma construtiva. Saber quais são nossas reações de acordo com a situação é fundamental para que tenhamos uma determinada predisposição para atuações uniformemente boas.

É preciso aprender como “dominar” toda energia gerada através de nosso sistema de estímulos e aplicá-la na prática. Temos que fazer com que trabalhe em nosso favor, ao invés de contra: será conhecida como ansiedade positiva e pode ser bastante trabalhada para otimizar resultados. No entanto, além de pouco conhecida, é pouco aproveitada em qualquer campo da atividade humana.

## **agressividade**

A evolução do homem e sua interferência na sociedade em que vive está acarretando alterações contextuais que merecem melhor análise. Atualmente, as autoridades enfrentam o desafio da falta de segurança decorrente da violência e da agressividade, tanto na zona urbana como na zona rural. Na zona urbana, especialmente, nas grandes metrópoles, a violência assume hoje caráter assustador, impregnando todos os setores, inclusive o de esportes como o futebol, símbolo da nação brasileira.

Um dos problemas tradicionais da agressão versa sobre a questão da sua definição. Propostas como a de DOLLARD e colaboradores (1939) caracterizaram *“a agressão como qualquer seqüência de comportamentos cujo objetivo é ‘causar dano’ a pessoa a quem é dirigida”*. Outros autores adotaram o elemento “causar dano” a alguém como o aspecto básico para a agressão, entre eles estão Berkowitz (1962); Feshbach (1970); Sears, Maccoby e Levin (1957).

### **conceituação de agressividade**

LORENZ (1966), um dos principais pesquisadores da corrente etológica, analisa a agressão como um sistema de instinto que tem sua própria energia geradora de agressividade de difícil controle. Ele afirma ser o indivíduo dotado de instinto de agressividade igual ao dos animais. Todavia, a agressividade é mal controlada, devido ao homem não ter as inibições inatas contra matar ou ferir seres de uma mesma espécie, como existe entre os

outros animais. É interessante notar que para medida de controle da agressão, o autor indica as competições esportivas internacionais, como maneira de reduzir a agressividade entre países.

A agressividade sempre foi e será objeto de estudo, por parte de pesquisadores de várias áreas. A psicologia do desenvolvimento trata o assunto como fundamental para a sobrevivência do indivíduo, passando pela compreensão dos mecanismo de controle, manutenção e aquisição de comportamentos agressivos. O avanço tecnológico, as grandes populações urbanas e as circunstâncias de vida das grandes cidades elevaram o potencial agressivo do homem, tornando-o mais perigoso na procura de seu espaço.

Uma outra posição a respeito da agressividade está na linha de argumentação que tem, como base, a genética. Estudos hormonais mostraram que o androgênio, hormônio sexual masculino, facilita a agressividade nos animais. Estes estudos também demonstraram que a administração de testosterona em fetos ou fêmeas recém nascidas aumenta-lhes a agressividade (CONNER e LEVINE, 1969; ROTHBALHER, 1967).

Muitas pesquisas desenvolveram-se, ao longo dos anos, interligando a agressão a fatores do sexo. Essas pesquisas foram realizadas tendo, por base, o cromossomo Y. Os resultados das pesquisas evidenciaram a idéia de que a agressividade estaria

associada ao sexo masculino, mas é difícil isolar o fator genético do social.

Revisando os trabalhos de pesquisas sobre o assunto JARVIK, KLODEN e MATSUYANA (1973) em artigo intitulado “Agressão humana e o cromossomo Y extra: fato ou fantasia?” concluíram que, realmente, haveria evidência empírica em favor da relação entre o cromossomo Y extra e a agressividade.

Entretanto, BANDURA (1973) faz sérias críticas a esse respeito e mostra que, apesar da grande publicidade na época, os sujeitos das pesquisas raramente agrediram pessoas e 80% de sua agressividade era contra a propriedade. Essa posição é também a de vários outros pesquisadores, como Kessler e Moos (1970) e Shah (1970), que tomaram como base os estudos de prevalência de XYY em prisioneiros, confundindo muitas coisas entre estas a anomalia cromossômica e as influências sociais.

O aprendizado dos esportistas mais jovens passa pela observação e imitação dos procedimentos que os esportistas profissionais apresentam no decorrer de cada competição. À medida que o comportamento agressivo passa a ser a tônica da competição, influencia diretamente os esportistas mais jovens, levando-os a ter também um comportamento agressivo.

O aprendizado dos atletas mais jovens sofre uma influência direta dos meios de comunicação cujas reportagens contribuem para passar uma imagem violenta do esporte aos jovens. O processo de propagação da agressividade pela

televisão e a adoção desse tipo de comportamento não social, seguem gerando alto custo para sociedade. A veiculação, pela televisão, de declarações agressivas de jogadores de futebol sobre a equipe adversária ou sobre outro jogador, cria, no ambiente do jogo, estilos agressivos e violentos de conduta, gerando conseqüências imprevisíveis nas partidas.

A habilidade do árbitro na administração de um evento esportivo precisa ser considerada, a medida que as suas decisões, tomadas no momento, criam dúvidas e geram desconfiança nos jogadores das equipes envolvidas. A partir de então, os jogadores dirigem toda a sua atenção para a arbitragem, tentando dessa forma justificar alguns comportamentos não sociais no jogo, mostrando até o receio da equipe ser lesada pela arbitragem, aumentando seu descontrole emocional e sua ansiedade- estado passa a sinalizar através de comportamentos hostís ou indiferentes a todo o processo atual e futuro.

### ***estudos sobre a agressão no esporte***

A influência do esporte, no comportamento agressivo de jovens, foi objeto de estudo de OMMUNDSEN e VAGLUM (1992), que examinaram a influência particular do futebol, em 223 adolescentes do sexo masculino que demonstravam comportamentos agressivos, chegando à conclusão de que os baixos níveis de relacionamento entre os jogadores estava relacionado com um alto nível de agressão. Segundo os autores citados, nas faixas de idade entre 12 e 13 anos a agressividade

era bastante reduzida; no entanto, na faixa entre 14 e 16 anos e em decorrência do baixo prazer de jogar futebol, a agressividade aumentava de modo significativo.

Quanto às variáveis específicas, que influenciam diretamente, o comportamento agressivo dos esportistas podem ser citadas como exemplo os meios de comunicação, mais diretamente a televisão e seu impacto, bem como os espectadores dentro e fora da área do jogo.

SULLIVAN (1991) investigou o impacto do comentário de TV a respeito do divertimento e na percepção do espectador da hostilidade do jogador, assim como os efeitos do fã-clube. Foram testados 90 homens e 90 mulheres, todos estudantes de graduação. Os sujeitos assistiram a um video-tape, de um inflamado jogo de basquetebol, envolvendo as equipes Georgetown / Syracuse cujos comentários dramáticos sobre qual dos times seria o agressor contradiziam as evidências visuais. Os que assistiram aos comentários dramáticos perceberam os jogadores do Syracuse como mais hostis. Os indivíduos expostos a um comentário neutro mostraram mais tolerância pela disputa do que aqueles não expostos a comentários.

Com relação à agressividade, durante o decorrer da história da humanidade, podemos observar que o homem se diferenciou dos demais animais pelo seu raciocínio e sua capacidade de interpretar seus sentimentos. No anseio de satisfazer suas necessidades, a interação destes sentimentos com

a razão resulta no desencadeamento de várias ações dirigidas ao meio-ambiente ou aos seres que o cercam, podendo ser manifestado comportamentos agressivos ou mesmo afável.

A agressividade surge como um dos vários componentes do comportamento humano. É através da agressão que o homem defende seu território, luta por comida e procura sua sobrevivência. MOSER (1991) nos propõe que uma definição da agressividade seria: “um comportamento interativo entre um agressor e a vítima”. Mesmo sendo uma definição que possa nos dar idéia do que falamos contudo esta carece de significado mais abrangente como o situacional, cognitivo, social e outras áreas. A agressividade é muito mais do que apenas isto. Os freqüentes estudos sobre esta área do comportamento humano mostra-nos formas e manifestações além da na nossa própria imaginação.

“Todo comportamento que fere ou traz prejuízo a outrem é uma agressão” (Buss apud MOSER, 1991) e define parâmetros para considerarmos que a agressão se processa de modo que algum indivíduo concretiza-a prejudicando alguém através de seu comportamento ou ações, desprezando-se estas formas físicas, verbais ou outras.

MICHAUD (1989) definiu que as agressões propriamente ditas não compreendem somente contatos brutais com agentes exteriores mas também aspectos internos (doenças provocadas, danos físicos) que não exigiriam violência para causá-los na própria vítima. Seguindo esta linha de pensamento,

poderemos citar um exemplo deste tipo de agressão no momento em que oferecemos um copo de veneno à outra pessoa. Provocaremos um dano fisiológico muito grande podendo propiciar até um óbito, então estaremos agredindo tal pessoa.

A agressividade insere-se no comportamento humano mudando a sua estrutura e sua forma, conforme a situação em que se encontra o indivíduo em questão. Prova disto são afirmações de CRATTY (1983) onde são descritas situações em que agressões são usadas em jogos competitivos e permitidos por suas regras. Muitos dos atos ali utilizados seriam e são condenados fora deste contexto. Por exemplo: em uma competição de boxe, socar o rosto de seu oponente é quase que obrigatório, porém fora do ringue este comportamento torna-se inadequado.

Ao estudar a agressividade teremos o cuidado de observar todos os ângulos possíveis de captação de informações. Observar somente o lado do indivíduo que agride omitirá dados que seriam importantes para determinar onde, quando, quem, como e porquê se agride. Fatores biológicos, situacionais e hereditários, dentre outros, possuem grande “peso” na definição da agressividade, na sua classificação e nos seus estudos.

Então, como definir “agressão”? A definição exata fica prejudicada pois muitas vezes temos a situação caótica que é o comportamento humano, sendo difícil encontrar uma resposta abrangente o suficiente. Fatores situacionais surgiriam diante de



dificuldades ou aparecimento de impecílios em resolver os problemas, prejuízo ou percepção do perigo real ao indivíduo, comportamento do agressor, intenção do agressor para agredir, preconceitos na relação agressor-agredido, entre outros.

Os fatores internos, isto é, os sentimentos que fazem parte do psíquico-emocional de cada ser humano e que pode levá-lo a uma agressão por motivos variados, interagindo de acordo com a situação e com o comportamento deste próprio indivíduo pois é de nossas emoções que criamos nossos atos e, geralmente, deixamos estas sobrepujarem nossas razões. Podemos citar algumas: cólera, decepção, frustração, prazer, amor, paixão e outros.

### ***manifestações agressivas***

Podemos ainda classificar a agressão como uma violação das normas sociais regidas pela sociedade em que o agressor está inserido (MICHAUD, 1989). Seria bom salientar que em determinadas situações esta quebra de padrões fica sujeita ao contexto em que ela ocorre. O comportamento considerado agressivo dentro de uma igreja pode não ser dentro de um estádio de futebol. MCHAUD (1989) ainda cita que as leis que regem a sociedade permitam certos tipos de agressão até premiando tais comportamentos, por exemplo, a agressividade esportiva.

O universo deste assunto alarga-se mais, se explorarmos os domínios do ser humano: cognitivo, sócio-afetivo e psico-motor. Nestes três domínios, determinadas situações

desencadeiam processos dos quais resultam as agressões. Se ameaçados por um perigo eminente, o domínio cognitivo analisará a gravidade da situação e apontar reações que irão envolver duas outras áreas do comportamento. O afetivo contribui no processo com as emoções do momento, os sentimentos gerados a partir da situação-problema. Em uma grande porcentagem dos casos as emoções atrapalham bastante a resolução da resposta mais adequada. Cabe, então, ao domínio psicomotor realizar a decisão escolhida para tentar solucionar a situação.

A agressão segue os mesmos parâmetros, porém sofrendo a influência do meio externo, isto é, do ambiente e das relações nele contido (MOSER, 1991). Atitudes dirigidas a outras pessoas ou semelhantes no intuito de causar prejuízo fica a mercê de infinitas variáveis comportamentais, biológicas e contextuais, ficando difícil a conceituação do termo agressividade, podendo ser melhor esclarecido no decorrer deste trabalho.

As formas com que os atos agressivos se dão, são muito variadas e por uma necessidade de agrupá-los para seu melhor estudo, vários pesquisadores classificam os atos agressivos em diferentes conotações. A finalidade maior desta classificação é entender como se procede a expressão da agressividade e a partir disto formular soluções para sanar ou redirecionar a questão.

Nesta linha de pensamento, Buss (apud MOSER, 1991) definiu três dimensões que caracterizam a agressividade: 1 - física e verbal; 2 - ativa e passiva; 3 - direta e indireta.

A agressão física remontaria em ações contra o próprio corpo físico da vítima. A verbal constitui em um ataque por meio de palavras contra a vítima sem o contato físico. Em uma agressão ativa o agressor irá pessoalmente cometer o ato hostil contra a vítima. Já na passiva, o alvo da agressão sofrerá as conseqüências destes atos longe do contato agressor-agredido. A forma direta de agressão seria expressada pelas conseqüências serem impostas diretamente do agressor à vítima; na indireta a vítima pode ser substituída por um objeto ou outra pessoa que esteja relacionada com este alvo. A mescla destas três dimensões podem oferecer-nos um parâmetro de classificação para vários comportamentos, rotulando-os de agressivos.

Assim, segundo Buss apud MOSER (1991), temos:

1 - Agressão Ativa: subdividida em Física e Verbal.

A agressão física pode ser direta com golpes e ferimentos contra a própria vítima; ou Indireta com golpes desferidos contra um substituto da vítima (saco de areia, por exemplo). Já a agressão verbal pode ser direta quando insultamos a vítima ou Indireta quando a desprezamos.

2 - Agressão Passiva: subdividida em Física e Verbal.

A agressão física deste tipo caracteriza-se direta por um impedimento de um comportamento da pessoa alvo da

agressão; Indireta se recusamos a aderir um determinado comportamento. A agressão verbal direta resume uma recusa em falar com a vítima, negando-lhe qualquer possibilidade de diálogo; Indiretamente agrediremos nosso alvo recusando consentir-lhe algo seja material ou emocional, frustrando-o.

Fica claro que uma variedade de comportamentos agressivos é bem maior do que normalmente se espera e até mesmo pode ser considerado um ato agressivo. Existem diferentes teorias e classificações que podem ou não ser aceitas porém devem ser analisadas a fim de se estabelecer a sua validade e contribuições para a compreensão da agressão.

Freshbach (apud KUJAWSKI, 1991) chegou a sua caracterização em três tipos:

1 - Hostil - cuja finalidade é prejudicar e causar mal a outros;

2 - Instrumental - cujos atos não são munidos de sentido agressivo nos seus objetivos, isto é, a agressão é praticada sem o sentimento de prejudicar totalmente a vítima;

3 - Expressiva - motivada com o desejo de exterminar a violência.

Mas esta caracterização irá perder sua validade se compararmos seus fins. As duas primeiras têm fins definidos, portanto as diferenças que separam ficam extremamente reduzidas a aspectos subjetivos.

Vale a pena ainda salientar outra divisão da nomenclatura dada a atos agressivos concluída por Freshbach (apud KUJAWSKI, 1991) que estabelece uma condição para que a ação seja caracterizada como agressão: este ato deve ir contra as normas pré-estabelecidas de um grupo, isto é, contrariar os regimentos estabelecidos dentro deste grupo para sua coexistência. Esta definição apresenta-se de forma a explicar socialmente o fenômeno e sua abrangência é restrita.

A agressividade é um instinto ou aprendemos no convívio em grupo? Esta pergunta agita os meios científicos exigindo uma resposta; contudo não chegou-se, até o presente momento, a uma conclusão aceitável e sustentável. A origem da agressividade pode se dar de várias formas, mas o que parece mais correto, é que se trata da somatória de diversos fatores.

DARÓS (1989) sugere-nos que há uma origem biológica, isto é, todo animal possui um instinto agressivo dirigido a determinadas finalidades sendo por meio de ações físicas ou não. CRATTY (1983) afirma que podemos considerar a agressividade instintiva quando analisamos o comportamento e animais ou mesmo dos seres humanos mais jovens: há neles um sentimento de satisfazer suas necessidades através de esforços e agressões que a eles não foram ensinadas.

BALBINO (1990) nos coloca que áreas do cérebro animal e humano possuem pontos que controlam a agressão e estes são susceptíveis a substâncias que estão presentes no

sangue. Diante de certas influências situacionais, o organismo produz estas substâncias excitando tais áreas e posteriormente gerando comportamentos agressivos.

### ***objetivos do ato agressivo***

Instintos animais de defender e matar para alimentar-se, defesa de território, disputa pela fêmea de sua espécie (ou, no sexo oposto, pelo macho) e a dominação exercida por parte de um líder reflete no comportamento de animais e seres humanos. KUJAWSKI (1991) cita que a função da agressividade dentro do comportamento animal é defender os valores acima citados e que o homem difere destes animais na aceitação da submissão da parte derrotada quando prova desta derrota, na luta por valores parecidos com os anteriormente citados. Enquanto os animais poupam os perdedores de uma luta pelo simples ato de oferecer-se à humilhação da submissão. No homem, a humilhação de um perdedor não afeta seu nível de agressividade podendo recorrer a destruição completa para satisfazer seu intento.

Há características que apontam um ato agressivo. Para melhor estudá-lo, houve separações destas para esmiuçar a situação e entendê-la de forma completa e não fragmentada. São fatores que influenciam o agressor a praticar uma agressão:

#### a) Ansiedade e Punição

Quando no empreendimento de alguns atos, nos vemos frente a dificuldades e na ansiedade de conseguir realizar

tais intentos para não receber sanções e punições do grupo em que vivemos, podemos provocar um aparecimento de ações agressivas no intuito de superar as dificuldades e chegar ao objetivo da tarefa (CRATTY, 1983).

#### b) Sentimento de Culpa

Segundo CRATTY (1983) a influência deste fator determina o quanto um indivíduo pode ser agressivo. A agressão é inerente a cada ser humano, mas a desaprovação anterior ou posterior destes atos pode determinar a quantidade, a duração e a intensidade das agressões dentro do seu convívio.

#### c) Sentimento de Confusão

A definição deste fator deve-se a frustração do indivíduo em não poder controlar o desenrolar de uma situação, bem como seu desfecho. sem o controle da situação, o indivíduo sente-se frustrado e estressado ao ponto de empregar ações agressivas para tentar controlá-la, assim dito por Rotter (apud MOSER, 1991).

#### d) Tipo de Reação ao “Stress”

Caracteriza-se pela “corrida” cotidiana contra o tempo, isto é, vencer os fracassos que a vida impõem (doenças, insucessos financeiros ou sociais) sabendo-se que temos tempo pré-determinado para vencê-los. Para conseguir a satisfação e o prazer mais rapidamente, o indivíduo pode utilizar-se de atos agressivos (Rosenman e Friedman apud GOLDBERG, 1991).

#### e) Personalidades Violentas

Por vários motivos, alguns indivíduos apresentam comportamentos violentos muito aquém da maioria das pessoas. Insegurança e baixa estima, auto-afirmação de sua importância dentro do grupo utilizando a violência, dominação agressiva, convivência com modelos agressivos durante períodos de sua vida, entre outros, constituem fatores extremamente ligados a personalidade agressiva de certas pessoas que praticam a agressão para auto-afirmar-se psicologicamente (Toch apud GOLDBERG, 1991).

Segundo BALBINO (1990), há pesquisas sobre uma síndrome chamada XYY, que aparece na formação cromossômica de certos indivíduos e que poderia estar ligada à personalidade violenta do agressor, pois os portadores desta síndrome são maiores, têm Q.I. em média menor que o normal e são mais predispostos a ter acesso de violência.

#### f) O Sexo do Agressor e da Vítima

Diante de motivos sociais e culturais, os homens da nossa sociedade são encorajados desde crianças a tomarem posturas violentas em maior número que as mulheres. Por questões culturais a agressão é embutida como fator quase que obrigatório na educação dos meninos, fazendo desses os aptos para os papéis de chefes da sociedade e controladores das ações



das mulheres. Estas, por sua vez, são encorajadas a não tomarem o hábito de utilizar atos agressivos no convívio com os homens.

O desencadeamento de certos atos hostís dependerá também do dinamismo apresentado na situação e no momento da agressão. Veremos algumas destas variáveis:

a) Comportamento da Pessoa Alvo da Agressão

MOSER (1991) comenta que no momento anterior a uma agressão, o comportamento da vítima (insultos verbais e outros podem levar o agressor a tomar tais atitudes podendo, ainda, variar a intensidade de tais ataques conforme foram os insultos a ele dirigidos anteriormente.

O mesmo mecanismo repete-se quanto à agressão física. Quando o agressor em questão, entende que corre perigo de ser agredido, ele transfere a violência a ser recebida para suas ações e contra este possível agressor.

b) Observadores Passivos e Ativos

A influência de outras pessoas na relação agressor-agredido fica clara à medida que analisemos questões cotidianas. Observadores inibem a agressão desde que o agressor tenha contato visual anterior com estes indivíduos (Scheir apud GOLDBERG, 1991).

Então a influência de observadores da agressão pode ser benéfica (inibindo) ou maléfica (estimulando). A estimulação, exemplificando, pode ser aquela qual a torcida exerce sobre um jogador de futebol que, frente aos brados e cobranças, utiliza

recursos violentos para alcançar seus objetivos, que o principal é o de vencer para cessar a cobrança ou receber uma “recompensa” desta torcida (DARÓS, 1989).

Segundo levantamento de dados apresentados na revista na SUPERINTERESSANTE (1988) também poderemos citar como causas da agressão, a convivência em sociedade. Fatores como aceitação, hierarquia, posse de poder, competição dentro e fora do grupo, cooperação e competição, podem ser apontados como causadores de comportamentos agressivos.

O homem como ser sociável depende de grupos para sobreviver e progredir. Dentro destes grupos ele cresce, desenvolve e aprende como se portar nas diversas facetas que o dia-a-dia oferece. Mas as sociedades contêm bases psicológicas muito complicadas, controladas por hierarquias sociais e econômicas, prensando muitas vezes grande maioria de seus integrantes em situações desagradáveis e indesejáveis. Nestes momentos o desencadeamento de agressões pela conquista de espaço físico ou não, é fortemente influenciada pela dinâmica grupal e seus fatores acima citados.

Parte integrante do meio externo a nosso organismo como o clima, a condição de vida (aglomeração urbana) e os efeitos destes fatores contribuem também para a produção de comportamentos agressivos.

Bastaria- nos analisar que em uma cidade populosa, urbanizada, cheia de problemas como: ruído, correria, poluição,

aglomerações,..., as situações violentas fluem com mais facilidade do que em uma sociedade rural. No texto acima citado encontramos que o potencial agressivo do ser humano pertence a sua estrutura biológica porém este potencial aumentou muito quando o homem saiu de seu habitat natural, mudando-se para um habitat por ele construído, chamados pelo autor de “selvas de pedra”. A interferência climática sobre o comportamento parece ser evidente no tocante “calor”. Segundo Griffit (apud MOSER, 1991), a temperatura elevada pode causar mais irritações do que temperaturas mais amenas e conseqüentemente promovendo níveis diferentes de agressividade entre estes climas.

Observando todas estas causas teremos que analisar em uma dada agressão vários fatores estariam combinados para gerá-la. Nunca nenhuma das variáveis poderia iniciar o processo ou comandá-lo sozinha. As diversas combinações destes fatores desencadeiam agressões a medida que o agressor e a vítima se encontram dentro dos quadros anteriormente citados, interagindo.

Dollard (apud MOSER, 1991) postulou que a frustração está ligada a agressão de forma que toda agressão derivada de uma frustração e toda agressão geraria uma frustração. Comentando a afirmação, depararemos com uma variável que pesa no nosso comportamento: o insucesso. O insucesso pode aparecer de várias formas causando esta frustração e, para repararmos esta situação, tenderemos a agredir. Todo insucesso leva a uma frustração e toda frustração leva a uma agressão.

Temos ainda a TEORIA CATÁRTICA postulando que a agressão é um comportamento que, se agirmos de forma violenta fisicamente contra o indivíduo ou um substituto causador da frustração, tenderemos a baixar nosso nível de agressividade e ansiedade, diminuindo a vontade de agredir (MAFESSOLI, 1991).

Por uma ABORDAGEM COGNITIVA, MAFESSOLI (1991) nos dirá que processos cognitivos superiores estariam mediando a agressão interpondo-se entre o estímulo e a resposta comportamental do indivíduo, podendo-se descartar uma ação totalmente instintiva no agredir. Raciocínios ligados a estruturas cerebrais superiores entrariam em contato com os estímulos e com o instinto de agredir, selecionando posteriormente a melhor atitude a ser tomada.

Observamos que até certo ponto a agressividade é instintiva, isto é, nascemos com ela. Esta faz-se necessária frente a situações de sobrevivência e outras situações na vida do ser humano. Contudo não poderemos negar que há aprendizagem de condutas agressivas. Os modelos de violência que integram a nossa realidade, multiplicam-se cada vez mais e propiciam a adoção destes modelos. portanto, mesmo sendo um comportamento instintivo, a agressão é aprendida e utilizada nas diversas tarefas do dia-a-dia, tornando violento nosso meio e perigosa nossa sobrevivência, ensinando a arte do agredir por agredir, excitando o prazer de hostilizar e valorizar a morte, conforme disse MAFESSOLI(1991).

### ***agressividade e esporte***

Ao analisarmos o esporte, teremos que abrir nosso horizonte para compreender todas as faces do comportamento humano frente a situações vividas neste contexto. Segundo DARÓS (1989) poderemos considerar o esporte como “instituição social”, pois nele encontraremos valores que em muitas atividades culturais são ausentes. Relações travadas entre os competidores, técnicos e platéia extravasam os mais diversos sentimentos, inclusive a agressividade, em momentos de entretenimento que poderemos confundir com a vida em sociedade de maneira geral.

A agressão surge então como componente importante no processo. O atleta deverá então agredir dentro das regras deste desporto, abrindo o caminho da vitória. Por motivos que serão melhor explicados mais adiante, o atleta tenderá a agredir até além de seus limites impostos pelas regras, podendo lesar e ser lesado fisicamente por seus adversários (CRATTY, 1983).

O esporte então seria uma “válvula de escape” para as tensões acumuladas tanto por parte do atleta como por parte da assistência (torcida, técnicos, juízes, etc.) onde projetamos nossa agressão em atividades que requerem esforço físico e mental para chegarmos ao sucesso, assim dito por BALBINO (1990), apesar de receber, inclusive, outros tipos de tratamento.

Quando observamos um movimento, ou ainda mais abrangentemente, quando observamos uma série de movimentos durante um jogo, nunca nos lembramos da parte emocional

envolvida neste movimento ou série de movimentos, pois sempre os pensamos como sendo o resultado de um raciocínio sempre controlável.

Porém, isto não corresponde à verdade. Por trás de todo comportamento consciente, há o aparecimento de ocorrências e fenômenos psíquicos involuntários, não planejados e surgidos repentinamente, quase sempre, sem a possibilidade de um ajustamento instantâneo à nova situação.

Numa abordagem cognitivista, são defendidas as idéias de que os “antecedentes” da ansiedade provêm de um estímulo e que este estímulo não é neutro, mas justamente o fator gerador de ansiedade. Segundo esta abordagem, o estímulo - quando gera ansiedade - é sempre relacionado com o significado de um fato que já ocorreu anteriormente, subsequente a esse mesmo estímulo. Sendo isto um processo cognitivo, são os processos cognitivos os geradores de ansiedade.

DERTER & WEBER (1975) defendem que seja dada a devida consideração ao aspecto emocional, mas sem negligenciar a promoção cognitiva. Poderíamos dizer, em contrapartida, que há algumas pessoas que “rejeitam” as emoções por não poderem ser reduzidas à equações matemáticas e conseqüentemente a dados precisos e fidedignos. Mal percebem, estas mesmas pessoas, que é este justamente o dado que dá maior identidade às próprias emoções.

Assim como ocorre na maioria dos fenômenos complexos, não há uma definição universal para o termo “*processos emocionais*”. THOMAS (1983) coloca que a maioria dos psicólogos utiliza “emoção” para “denominar todos aqueles fenômenos que caracterizamos na vivência cotidiana como “sentimento”, “afetividade”, “excitação”, “disposição””. O autor considera *afeto* como sendo um estado de excitação extrema que, muitas vezes, impede um controle racional do desenrolar da ação; *excitação* como sendo uma dimensão psicofísica; *sentimento* como sendo o aspecto fenomenológico concreto de um estado de excitação e *disposição* como sendo um estado de sentimento mais duradouro.

A emoção exerce uma função reguladora sobre o comportamento e as emoções provocam ações com o objetivo de diminuição de tensões emocionais. Um atleta pode ter um comportamento muito agressivo se suas necessidades não satisfeitas se acumularem até o ponto em que ele não consegue mais se controlar. Normalmente, num caso como este, o atleta assumirá uma postura agressiva contra seu adversário, contra o juiz ou ainda, contra seus próprios companheiros. Essa “liberação de tensão” que ocorrerá neste caso é um exemplo típico da função reguladora que as ações proporcionam.

Contudo, segundo DERTER & WEBER (1975), a diminuição da tensão e os efeitos reguladores são obtidos não apenas por ações agressivas, mas também por reações motoras,

apacando excitações por contentamento ou expectativas. É importante notar, também, que a ocorrência de determinados processos emocionais só se consuma quando há uma interação entre várias pessoas, portanto, as ocorrências não são significantes somente para quem vivencia as emoções.

O esportista agressivo quase sempre é uma pessoa ativa, impulsiva e, quando sofre frustrações, tende a culpar os demais, até fisicamente. O esportista conflitivo é uma pessoa neurótica, que frequentemente busca desculpas para a própria conduta errônea. Já, o esportista competente se distingue pela sua maturidade e um forte auto-reconhecimento e auto-responsabilidade (SAMULSKI, 1992).

Para CRATTY (1984), os esportes podem se classificar ao longo de uma escala, de acordo com a intensidade e o tipo de agressividade inerentes a cada um. Alguns exigem grande quantidade de força física contra o adversário, enquanto que outros requerem ações vigorosas contra o ambiente circundante, ao invés da agressão direta. Alguns atletas não conseguem manter sua agressividade dentro dos limites das regras e do bom senso. Vários atletas atrapalham seu próprio desempenho quando dirigem a agressão para dentro de si mesmos,



culpando-se quando a performance não saiu como planejaram.

O autor mencionado, ressalta ainda, que as tendências agressivas se formam de várias maneiras:

1. Os pais estimulam a agressividade de seus filhos de maneiras diretas e fornecendo modelos de si mesmos agressivos em relação aos outros e em relação ao meio. Em geral, a criança que vê um adulto agressivo, principalmente se ele é uma influência poderosa em sua vida e é aparentemente bem-sucedido como resultado de sua agressão, crescerá com essa tendência a agredir.
2. Os pais tendem a punir a agressão nos seus filhos. Vários estudos indicam que:
  - a. os pais que sabem controlar a agressividade de seus filhos poderão ter como resultado uma criança com um bom domínio de si, mais tarde, em situações que poderiam originar condutas agressivas.
  - b. é provável que os pais que não castiguem seus filhos por comportamento

agressivo tenham filhos extremamente agressivos.

c. os pais que suprimem toda e qualquer agressão, principalmente se a supressão é feita de maneira estúpida, têm probabilidade de que seu filho seja muito agressivo mais tarde.

Assim, há relação direta entre as reações dos pais e as tendências agressivas posteriores que são expressas no modelo a seguir.

3. Poderá ser interessante para o técnico saber da estreita relação entre as reações dos pais aos primeiros comportamentos agressivos de seus filhos e a agressividade deles mais tarde. Em geral, os pais têm reações diferentes quando a agressão da criança se dirige a eles, pais, do que quando visa um companheiro. Há maior castigo quando a hostilidade se volta contra uma autoridade e tendência a perdoar, quando é dirigida a um colega, principalmente se ele mereceu a agressão.

A agressividade frequentemente origina a culpa que segue à prática de atos hostis contra o próximo. Assim, o atleta se sente culpado em graus variados quando demonstra diretamente tendências agressivas em relação às pessoas de seu meio e, poderá culpar-se por demonstrar agressividade no esporte, seja ela permitida ou não. Se essa culpa for muito marcante, pode impedir que o atleta escolha um esporte no qual se exija agressão ou, em outras situações, resultará tendências agressivas a si mesmo.

Assim como o que ocorre com a motivação, as tendências de agressividade e os sentimentos decorrentes de sua atitude são modelados durante anos e meses antes de os atletas terem contato com o técnico. O aumento de tendências agressivas pode ser gerado pela ansiedade ou culpa por causa da agressividade, contato com jogos agressivos ou participação nestes, sentimentos hostis dos espectadores antes e depois de eventos esportivos.

O esporte distingue-se de muitas outras formas de atividades humanas por sua elevada emocionalidade. Os sentimentos provocados pelas competições são vivenciados não só pelos participantes diretos, como também por numerosos observadores e espectadores. São exatamente a riqueza

emocional e os numerosos momentos de tensão que atraem milhões de pessoas (TSCHERWIKOWA, 1975).

Um fenômeno que também ocorre no esporte, é a transferência dos processos emocionais entre o praticante e a torcida. O praticante se identifica com a torcida, o que lhe traz uma grande confiança no seu desempenho, reduzindo assim, a probabilidade de um alto nível de ansiedade referente à incerteza do resultado obtido.

Segundo THOMAS (1983) essa transferência apoia-se “(...) em processos sociopsicológicos, como contágio social, transferência de disposição dentro do mesmo grupo e entre diversos grupos, sugestão de massa, identificação com o líder (a estrela desportiva) e imitação de seu comportamento, adaptação ao comportamento de grupo, vivência do grupo e da comunidade (...)” (p.189).

Sendo a ação desportiva dirigida à obtenção de objetivos, existe um parâmetro para se julgar sua própria ação. Este julgamento provoca sentimentos de auto-avaliação, que surge da comparação entre a performance obtida e o nível de desempenho esperado. Quando o nível de desempenho real não corresponde ao esperado, há um sentimento de vergonha no atleta, o que pode provocar um alto nível de ansiedade quando for executar novamente o mesmo movimento, ou quando for competir novamente.

A dor e o medo são dois fatores que podem ser considerados como geradores de ansiedade, e serão um pouco melhor aprofundados. Os sentimentos de medo são causados por inúmeros fatores dentro do esporte. podemos citar o medo de contusão, o medo das conseqüências do fracasso e o medo do vexame social.

O medo da contusão leva o atleta a realizar o movimento extremamente ansioso se irá ou não se contundir, o que geralmente acarreta uma inibição na execução do movimento e conseqüentemente, uma perturbação no desenrolar da ação e daí, realmente o movimento mal executado gera o fracasso. MAY (1973) coloca que a doença ocorre quando a pessoa quer se tornar uma pessoa diferente daquilo que ela é. Segundo ele, o homem "(...) precisa tornar-se um ser total e ficará doente na medida que não o fizer; e só ficará bom quando se tornar autêntico" (p.90).

Na maioria dos casos, a prática desportiva ocorre ante à presença de outras pessoas. O fracasso perante essas pessoas pode levar o atleta a uma situação frustrante, diminuindo para si mesmo sua capacidade. Outras vezes, pessoas importantes ao atleta como pai, mãe ou ainda o técnico, exigem dele, ou melhor, desejam dele um certo desempenho. O atleta fica ansioso à medida que, "obrigatoriamente" tem de alcançar este desempenho para não decepcionar estes entes "queridos".

O atleta também fica ansioso, no caso de não saber quais as conseqüências que trarão um fracasso no seu desempenho. O atleta sabe que enquanto tiver um desempenho bom, terá compensações financeiras, um certo “status” social e algumas outras coisas mais, enquanto que um mau desempenho poderá excluí-lo da equipe, desclassificá-lo do campeonato e, diversas outras situações que poderiam ser classificadas como prejudiciais à seu “Eu”.

Quando se fala sobre o medo, deve ser levado em conta que tanto ele como a ansiedade podem, além de úteis, serem prazerosos, como no caso de corridas de automóveis, motociclismo ou assistir a filmes de terror e de suspense (BERNIK, 1989).

De qualquer maneira, sempre haverá uma componente do medo ligado à ação desportiva, podendo ser muito pequena ou tão grande que o praticante não seja capaz de absorvê-la. O profissional de Educação Física precisa reconhecer os fatores e as condições situativas de medo e deve seguir um processo programado de aprendizagem, evitando que a intensidade do medo atinja um grau para o qual o praticante ainda não está adaptado. O profissional deverá ir preparando gradualmente o praticante para que cada vez mais ele possa superar situações que antes eram insuportáveis e talvez até mesmo inimagináveis.

A dor é um sentimento que se baseia no estímulo dos sentidos. CRATTY (1983) aponta a dor como presente em ao

menos duas situações. Quando os atletas se empenham em esportes de contato ou quando se empenham em atividades de resistência. Frequentemente os atletas sentem intensas dores, porém normalmente as causas são conhecidas. Por exemplo, quando os atletas se esforçam até o limite máximo em tarefas de força como o halterofilismo. Esta dor é considerada como uma necessidade para se chegar ao objetivo almejado no esporte.

Porém, quando as causas da dor não são conhecidas, teme-se suas conseqüências, podendo até, em alguns casos, haver a interrupção das atividades esportivas pelo aumento da importância de quais as conseqüências que poderão advir desta dor. Um fato curioso, talvez até esperado, é que atletas com maior resistência à dor tem preferência por esportes de contato físico. É difícil de se determinar se os atletas destes esportes têm maior tolerância à dor por causa de suas atividades esportivas, ou escolheram esta atividade por sua maior tolerância à dor.

Podemos concluir, então, que as emoções influenciam e são influenciadas pela ação. Os processos emocionais podem fornecer uma contribuição positiva para a ação, contudo, se forem intensas demais, podem perturbar ou inibir o desenrolar ordenado e objetivo da ação.

### **Parte III- Torcida**

Nos dias de hoje, é comum ouvirmos notícias relacionadas à violência entre torcedores, e até mesmo entre jogadores. Essa violência está cada vez mais presente no meio esportivo.

A presença do público tem uma influência relevante, por si só, assumindo considerável importância em relação as atitudes e comportamentos de certos jogadores, o que provoca um clima tenso, gerando brigas durante eventos esportivos, ou ainda, apatia e inércia.

As causas dessa violência são inúmeros fatores que tentaremos descrever, procurando sempre enfatizar os aspectos mais significantes que poderiam influenciar as equipes e seus jogadores. Em situações em que se deparam com "torcidas" adversárias, que procuram promover a perda do controle dos atletas e da equipe, o objetivo da turba é causar um descontrole, com atletas reagindo de maneira não produtiva, sem conseguir desempenhar de maneira eficiente o seu papel. Por outro lado, temos indivíduos e equipes esportivas que só conseguem obter êxitos em competições, quando se deparam com o público adversário, passando a jogar em função do público que



está fora da quadra, e não mais com a equipe adversária.

Em cada um destes casos temos reações diferentes: aqueles que preferem jogar com o público prestigiando, aqueles que preferem uma oposição do público, aqueles que apenas jogam quando a torcida está incentivando, e tornam-se apáticos quando esta não se manifesta. Tais situações podem ser vistas a todo momento, ao assistirmos um evento esportivo, onde o "ídolo" da torcida faz gestos para que o público se manifeste, o que psicologicamente estará motivando a equipe, ainda que inadequadamente.

Desta maneira, a motivação é uma questão de suma importância, no que se refere à prática de esportes. Assim sendo, conhecer a influência da motivação do público espectador, bem como sua atuação nos indivíduos, é importantíssimo não só para os psicólogos do esporte como para atletas, técnicos, professores e pais.

### ***torcida: sua influência no momento esportivo***

Ao considerarmos a influência do público espectador em equipes esportivas, iremos abordar alguns temas que podem influenciar, direta ou

indiretamente, o atleta e sua equipe, tentando alterar o comportamento dos mesmos, chegando a influenciar em sua performance e, na análise do público esportivo é importante ressaltarmos os aspectos econômicos, políticos ou sócio-culturais que irão influenciar no comportamento e atitude desse público espectador.

Sabe-se que o público apresenta determinados comportamentos e determinadas emoções que poderíamos relacionar com sua vida cotidiana. Segundo SEGRÉ (1993) os esportes se diferenciam e uma das diferenças está na reação qualitativa do público ( no tênis, o público influencia sem gritos e algazarras, o que não ocorre em outras modalidades, onde o grito, a vaia, o batuque são predominantes).

Um outro aspecto que é interessante de se analisar é o nível de aceitação do público diante da vitória ou da derrota. O público com maior capacidade de entender e absorver as condições de jogo, acreditamos, talvez tenha melhor facilidade para lidar com estes aspectos. Também muito importante para ser observado é o público torcendo, ordenada e espontaneamente, e os efeitos de seu comportamento quando este se apresenta de maneira desenfreada.

Influências externas tendem a ser positivas ao atleta, mas é importante ressaltarmos que diante de um confronto de duas equipes, teremos dois atletas, com torcidas específicas, treinadores com comportamentos diferentes, tentando reforçar a atuação do espectador, fortalecendo o desempenho de seus atletas.

Assim, uma lista de influências exteriores que permitem a alteração do estado de conduta positiva ou negativa podem ser apresentadas: pais de atletas, membros da família, namorados, amigos, imprensa, fãs e técnicos. No entanto, além das influências exteriores, temos as influências interiores que o atleta pode sofrer, o que merece nossa atenção.

O tipo da torcida e sua atuação são fatores que interferem direta e indiretamente em atletas, com uma composição que vai da família do jogador até a torcida organizada, do telespectador no campo ou ginásio ao telespectador pela televisão ou rádio, da imprensa ao técnico, e os próprios companheiros de equipe, entre outros elementos. Segundo CRATTY (1984) nunca a atuação do atleta deixa de sofrer influência de alguma assistência; em qualquer circunstância ele terá a vigilância de colegas de equipes, técnico, amigos, família e torcedores ocultos.

Ao mencionarmos o comportamento do torcedor diante de eventos esportivos, temos que considerar as situações que levam ou levaram este torcedor ao estádio ou ginásio, as atividades exercidas em seu cotidiano, a frequência deste em eventos esportivos, seu nível sócio-econômico-cultural, entre outros aspectos.

É preciso considerar a sociedade em que vivemos, que se apresenta extremamente competitiva, levando-nos a competir quase o tempo todo, e o ganhar torna-se uma maneira de satisfação, de recompensa. Isto é vivido no esporte, tendo a vitória um grande significado para o torcedor, e o evento esportivo passa a se identificar com o seu dia-a-dia.

#### ***características da torcida***

O público que vai ao evento esportivo em busca de divertimento, uma forma de lazer, mais facilmente poderá encarar a vitória ou a derrota, pois para ele o que importa é o espetáculo apresentado e não o resultado obtido pela equipes. Mantém-se satisfeito se a equipe escolhida for vencedora, mas não será perturbado se for derrotada, mantendo um equilíbrio emocional.

Temos aquele público que visa lucro e prestígio com a vitória da equipe, e podemos citar os

dirigentes dos clubes, o técnico, a imprensa, a família e os jogadores da equipe como seu representante. LOY (apud CRATTY, 1984) ao classificar o público, propõe a divisão em três tipos, para auxiliar a análise do torcedor:

1. “Consumidores Primários” - os que ficam profundamente envolvidos no esporte e assistem pessoalmente aos eventos.

2. “Consumidores Secundários”- espectadores através da televisão ou rádio, mas não frequentam pessoalmente os eventos esportivos.

3. “Consumidores Terciários”- pessoas que, de vez em quando, interessam-se pelo esporte, não como espectadores ou através dos meios de comunicação. São indivíduos que discutem esporte com outros e lêem as páginas esportivas dos jornais.

A personalidade do atleta exerce grande influência em que se diz respeito a sua reação diante da presença do público e o apoio ou crítica manifestada através de aplausos ou vaias. Neste caso, a idade e a experiência do atleta terão influência, tanto

positiva como negativa; se o atleta não possui muita experiência, iniciou sua carreira recentemente, as atitudes da torcida podem repercutir de maneira significativa em seu comportamento, podendo levá-lo a situações de descontrole emocional, prejudicando sua performance, mesmo que a intenção seja de incentivá-lo ( ele poderá não estar psicologicamente preparado para encarar este incentivo e começa a entender como cobrança da torcida, passando a ter medo do fracasso).

No caso de torcidas adversárias, podemos dizer que o atleta, também não está preparado para enfrentar esse tipo de comportamento, o que poderia deixá-lo tenso, perturbado diante de atitudes, sendo incapaz de ignorar os insultos que poderá vir sofrer.

Temos casos de público fiel e constante, que acompanha sua equipe, seja para onde for, e sabemos também que, hoje, algumas equipes esportivas são mais conhecidas pela sua torcida do que pelo que apresentam dentro do campo embora, muitas vezes, essas torcidas acabem estragando o espetáculo através de atitudes violentas e gerando um clima de tensão dentro dos recintos esportivos.

Em esporte de alto nível podemos observar diversas formas de comportamentos agressivos,

notadamente contra o árbitro, os adversários, seus companheiros de equipe e a torcida, sendo que as características da modalidade esportiva irá exercer um papel fundamental.

Para SAMULSKI (1992), o comportamento agressivo pode ser entendido como uma interação entre as agressões do atleta e as agressões dos torcedores, assim como os fatores relacionados com a regra da modalidade esportiva e fatores situacionais (quantidade de torcedores), onde o nível de agressividade exerce influência decisiva no surgimento de comportamentos agressivos no esporte. Ainda, o referido autor ressalta que os seguintes fatores são significativos para o surgimento de comportamentos agressivos em jogos:

- Jogo local / jogo como visitante
- Importância do Jogo
- Nível do rendimento dos

jogadores

- Placar do jogo
- Posição e tarefa tática do jogador
- Comportamento do árbitro
- Comportamento dos técnicos
- Quantidade e comportamento dos

torcedores

## - Estrutura das regras esportivas

Considerando os fatores acima, podemos sugerir que os comportamentos agressivos e violentos, dependem de forma significativa da importância emocional que a partida representa para o jogador, além da expectativa dos torcedores que também pode influenciar o comportamento dos jogadores durante a partida. O comportamento agressivo e violento por parte dos jogadores pode estimular os torcedores contra o árbitro, contra outros jogadores, gerando um clima de tensão emocional.

Muitos jogadores preferem jogar uma partida na casa do adversário, enquanto outros não, assim como alguns assumem maiores responsabilidades que outros em relação ao seu rendimento, em função da atuação da torcida.

A composição do público ou torcida, no seu sentido social, é relevante pois os públicos esportivos têm características definidas e possuem interesses diferentes, assim como apresentam comportamentos diferentes.

A violência é uma atividade consciente e deliberada, que muitas vezes é estimulada por grupos organizados. Ao assistir, por exemplo, uma partida de



futebol, podemos ter uma atividade intensamente turbulenta, em certas circunstâncias físicas ou emocionais, principalmente em partidas decisivas de campeonatos, gerando um clima tenso e violento. Essa violência pode ser resultado direto da confrontação inconsolada entre grupos de “torcidas” rivais.

POPPLEWELL (1989) menciona que os vários tipos de desordens são classificados em “*Sports Violence*” em quatro categorias principais. Estas são:

1. *Desordem por frustração.*

Ocorrem quando são frustradas as expectativas do espectador quanto ao acesso ao jogo ou do modo como ele será jogado ou decidido. Quando há uma fonte de frustração, que inclui a injustiça constatada”, visto que os fãs acreditam que um árbitro incompetente custou a vitória à sua equipe.

2. *Desordens de marginais.*

Ocorrem quando espectadores dados à violência utilizam os acontecimentos desportivos para dar margem às suas atitudes anti-sociais, atacando os árbitros, lutando contra a torcida adversária e

destruindo bens materiais. Esta violência da multidão é considerada fruto de um elemento delinquente ou criminoso.

### 3. *Desordens de protesto.*

Surgem quando grupos rivais entram em conflito. Em circunstâncias favoráveis, ressentimentos podem facilmente explodir em hostilidade aberta.

4. Finalmente, há o chamado *tumulto expressivo*, que é o despertar de emoções intensas que acompanha a vitória ou a derrota, especialmente se ela é empolgante ou inesperada e se liberta um compromisso recalcado.

O comportamento agressivo dos torcedores depende de um grande número de diferentes condições e determinantes, que temos de levar em consideração alguns fatores relacionados com o próprio torcedor ( se ele está agindo de tal maneira para prejudicar o adversário, ou pretende ajudar o seu time, se está em procura de um reconhecimento social, de contato social, à procura de novas sensações e aventuras ). Por outro lado, temos também que considerar seus processos fisiológicos, cognitivos e afetivos-emocionais.

Outro fator relevante que não podemos omitir ao referirmo- nos sobre o comportamento agressivo do público em equipes esportivas, é o meio ambiente onde se desenvolve a partida esportiva, as normas e as leis que estão dirigindo esta partida, a influência dos meios de comunicação, o nível educacional do torcedor, a estrutura da partida disputada, a equipe adversária, a torcida da equipe adversária, o árbitro e a segurança do estádio.

O comportamento, bastante contraditório, de um torcedor é aquele que torce por seu time e ao se deparar com uma má apresentação ou derrota, passa a torcer contra, pois seria uma maneira de se “vingar” dos jogadores por estarem- no fazendo passar por situações de extremo desequilíbrio emocional, como se os jogadores fossem culpados de não satisfazê-lo, vindo assim, a agir de maneira agressiva.

***familia: estes estranhos torcedores***

Ao falarmos em influências exteriores, sabemos que em sua constituição estão envolvidos pais/família, amigos, namorados, imprensa, fãs, professores e técnicos, bem como recompensas palpáveis. Nem sempre é fácil estudar e predizer quais as influências que o público exercerá sobre a conduta emocional e motora do atleta. Variáveis tais como a

proximidade dos espectadores podem operar mudanças discretas nas respostas neuro-motoras dos atletas. Do mesmo modo, a maneira do atleta ao encarar o público, como ele o valoriza, como recebe as críticas, são fatores que influenciam seu desempenho ou suas reações aos torcedores (CRATTY, 1984).

JOLIBOIS (1992) menciona que os pais de atleta são os primeiros e, geralmente, a fonte mais direta de influências exteriores do atleta. Sua incidência se diferenciará, dependendo de muitos fatores, dentre os quais podemos citar: situação sócio-econômica, religião, cultura, educação, antecedentes familiares, experiências pessoais com atividades esportivas.

O ambiente familiar pode modelar o comportamento e a vontade de desempenho em determinada atividade física. O tipo de educação recebida e a relação entre pais e atletas influenciam na relação que o atleta terá ao se defrontar com uma torcida, seja ela do tipo que for. PAIVIO (1964), estudando a sensibilidade à torcida, causada por educação na infância, concluiu que os pais ao fazerem descaso ao sucesso e punirem o fracasso,

provavelmente, terão filhos com comportamentos extremamente angustiados na presença do público.

A família pode ser uma torcida presente e como tal, pode inibir ou incentivar o desempenho do atleta variando de acordo com as habilidades técnicas que possui, o que nos garante dizer que, de uma certa maneira, os atletas mais novos sofrem mais com a presença de seus familiares, do que os atletas mais experientes.

De acordo com GUSSON (1989), existem vários tipos de educação que são caracterizados pelas atitudes dos pais; pais superprotetores que se manifestam através do excesso de atenção e carinho em demasia, tornando seu filho tímido, retraído, com dificuldades para aprender, para se adaptar com colegas e para aceitar o público. Pais autoritários que se caracterizam pela punição demasiada ( são aqueles que querem ser obedecidos, não admitindo erros; permanecem indiferentes ao sucesso dos filhos, deixando-os com relativa tendência ao complexo de inferioridade e uma grande expectativa de fracasso ). Serão, futuramente, atletas que não conseguirão enfrentar nenhum tipo de torcida.

É difícil acreditar mas, alguns sentirão ressentimento de que o próprio filho tenha algo que

eles jamais tiveram (FERRAN, 1990). Assim, aquele pai ex-atleta que não chegou ser reconhecido socialmente ou ser pessoalmente realizado, poderá transferir toda sua frustração de sucesso para seu filho, identificando-se nele como o atleta que não chegou a ser.

Existe ainda o caso de jogadores que atuam mal para encontrarem reconhecimento. Quanto mais problemático ele se apresentar, mais será acolhido pela atenção e preocupação de seus pais, dirigentes e crônica esportiva. Isto apenas servirá para reforçar a má performance, em troca de um momento de afeto e atenção (APPAY, 1982).

O atleta, também, pode pensar que precisa elevar sua reputação ao máximo, ou por querer um lugar de destaque ou para tentar ultrapassar algum outro membro da família. Isto poderá ocorrer quando um parente que pratica uma modalidade é sempre visto como um elemento de comparação, servindo tanto como estímulo para melhora como para uma ameaça (ELIADE, 1989).

O referido autor ainda ressalta que a maioria das namoradas ou noivas incentivam e sentem-se compreensivas e participativas do sucesso alcançado; no entanto, algumas sentem-se lesadas das presenças

e das atenções, vindo a reagir de maneira desestimuladora para a continuidade dessa prática desportiva. É óbvio que a esposa terá uma forte influência sobre o indivíduo, muito maior que noiva ou namorada, porém suas relações serão mais sólidas e suas metas mais reais. Ela estará preocupada com a segurança, em cada temporada, sendo que o mundo esportivo é muito inseguro e que existe muito prestígio em ser esposa de um esportista. Ela é objeto de todos os medos e ansiedades, que fazem parte deste universo (SEGRÉ, 1993).

***amigos, imprensa, fãs, dirigentes...***

Os companheiros da equipe também exercem grande influência sobre o comportamento do atleta. O clima vivido na equipe é gerador de grandes amizades, muitas destas duradouras, e por outro lado, esse clima pode levar à inúmeros conflitos entre os atletas do mesmo grupo. Os jogadores da mesma equipe poderão se unir diante de uma competição a fim de que possam chegar à vitória e, também, poderá ocorrer a situação em que a competição é gerada antes mesmo de iniciar uma partida, ou seja, uma disputa entre eles.

A imprensa necessitaria ser trabalhada de forma a entender os conflitos e problemas das

equipes, bem como vir a ser entendida pelos espectadores, e não reforçar, apenas, o clima de rivalidade entre eles, conforme explica THOMAS (1991). Não é raro notarmos que um jornalista se preocupa mais com um jogador, mas é preciso saber que uma equipe é composta por outros atletas. As atitudes dos repórteres têm sido muito importante para elevar ou destruir uma equipe ou jogador. Temos casos em que a imprensa influencia a torcida e esta, por sua vez, altera o rumo de uma partida.

Ainda o fato de cronistas verem atletas apenas com o "animal", ou pessoa de pouca inteligência, tornando as matérias publicadas um alvo de atenção àquela genialidade, colabora para que se ressalte ainda mais a falsa idéia, sem propor nada que substitua a porção desarranjada do atleta (MAFFESOLI, 1994).

Os fãs são elementos das influências exteriores que precisamos ressaltar e sem os quais o mundo esportivo não sobreviveria. Sob o ponto de vista dos valores positivos, os fãs podem oferecer um apoio necessário em momentos difíceis, oferecendo e incentivando o atletas e a sua equipe para seu sucesso. Tais manifestações extremamente positivas



são uma fonte de motivação, já que o jogador se sente respeitado e admirado pelos seus esforços.

Há atletas que se sentem muito seguros por saberem que existe um grupo anônimo que torce por ele, naquele exato momento. Prova disto é que estão se manifestando, gritando, incentivando, proporcionando uma grande força motivacional (ELIADE, 1989).

Os torcedores seguem as equipes por vários motivos: ou vão assistir uma partida para se divertir, ou para relaxar, ou apenas para ver a equipe de perto, mas sempre vão para torcer pelo seu time. Muitos vão pelo simples fato de se divertir.

Do lado negativo existem torcedores que permanecem leais a sua equipe, apenas se ela estiver ganhando. Se perdem ou atuam mal, ficam desanimados. Como existem também os que assistem o jogo de maneira negativa, lutando pela derrota do time da casa, apesar de torcer para ele. Nestes casos, não podemos deixar de lembrar que são indivíduos diferentes, e seus comportamentos se alteram em função de uma mistura emocional que produz um resultado final imaturo e indesejável; acabam brigando, xingando, e se batendo.

Alguns jogadores, talvez, atuem melhor quando a torcida é contrária. Este, podemos dizer, é o que está melhor preparado psicologicamente, sendo que toda sua agressividade, sua rebeldia será extravasada durante a partida, como se fizesse parte atuante daquela manifestação, sem sentir medo ou constrangimento por estar sendo vaiado e insultado a cada gesto.

Professores e técnicos compõem uma categoria de importância externa muito grande: eles são responsáveis pela legitimidade do esporte, pelo desempenho de seus atletas, pela transparência de informações e pelo clima de cordialidade e cooperação que deve permanecer na equipe.

Devido ao poder de influência exercida pelo técnico, é desejável que o mesmo tenha um bom grau de instrução e saiba dialogar com seus atletas, para que o ambiente seja de participação e não de obediência, de comando, no uso restrito da palavra (JOLIBOIS, 1992). A prudência fará com que o técnico comunique seus objetivos, bem como suas obtenções, para facilitar aos atletas o entendimento do caminho que está sendo traçado.

É essencial, então, que o técnico não só compreenda as diferenças individuais que existem

entre os membros de sua equipe, como também conheça sua própria personalidade. Embora não exista técnico ideal, o êxito dependerá de um conjunto de elementos que precisam ser bem delineados para concorrerem com o sucesso total do trabalho.

Temos ainda, ressaltando influências externas, as torcidas como um forte elemento alterador de comportamentos, podendo classificá-las em torcidas presentes e torcidas ausentes, sendo a primeira aquela que poderá influir diretamente, pelo fato de estar fisicamente presente, e a ausente será aquela que influenciaria mesmo não comparecendo ao evento esportivo. Esta torcida ausente, apesar de não estar presente ao evento esportivo, tomará conhecimento do desempenho do atleta e da equipe posteriormente.

### ***a torcida e a individualidade do atleta***

SINGER (1977) relata que as habilidades atléticas que requerem coordenação complexa, movimentos executados com precisão e concentração intensa podem ser facilmente prejudicadas pela presença de observadores, até mesmo se estiverem bem aprendidas. A demonstração de qualquer habilidade, uma vez desenvolvida a um alto grau de proficiência deveria ser afetada favoravelmente por

uma audiência que desse apoio. Sem dúvida, o comportamento hábil não deveria ser desestruturado pela presença de espectadores, quer passivos, ativamente encorajadores ou altamente odiosos.

O autor ainda ressalta que desempenhos de atletas hábeis são relativamente estáveis, consistentes e predizíveis. Eles aprenderam como se desempenhar bem sob todos os tipos de condições, favoráveis ou desfavoráveis. É por isto que são chamados “hábeis”. Eles aprendem a responder à competição sob um estado emocional ideal, diante do qual pouquíssima motivação ou superestimulação teriam forças para prejudicar o desempenho.

Assim, de acordo com essa consideração, atleta que possui um alto nível técnico e preparado psicologicamente, dificilmente se deixará influenciar por provocações e insultos de espectadores, e conseqüentemente, não será atingido pelos seus manifestos.

De acordo SINGER (1977), a influência do espectador repercutirá no atleta de maneira significativa, dependendo do nível de aprendizagem em que ele se situa. Aos atletas que estão em estágio inicial de aprendizagem, a influência do espectador poderá repercutir de maneira prejudicial em seu

desempenho, visto que eles não estão ainda preparados para depararem-se com grandes públicos. Por outro lado, os atletas que estão em um estágio intermediário de aprendizagem, podem apresentar um desempenho levemente prejudicial ou favorável, e atletas que já possuem um alto nível de habilidade, terão desempenhos favoráveis ou então sem nenhuma influência significativa, diante das influências dos espectadores.

Dentre as influências interiores podemos citar a motivação ou a desmotivação para o sucesso, o medo da vitória ou da derrota, sua realização pessoal, o reconhecimento, necessidade de manter “status”, a auto-afirmação, a auto-regulação, a concentração.

As razões pelas quais os atletas atuam nos esportes podem ser adversas, assim como seu comportamento e atitude podem apresentar-se de diferentes maneiras. O atleta que se sente seguro, preparado para enfrentar o adversário, tanto fisicamente quanto psicologicamente, terá mais condições de se confrontar com a vitória ou com a derrota, podendo alcançar sua auto-realização. O público poderá não afetar a performance deste atleta, uma vez que ele se encontra em equilíbrio emocional.

Em relações motivacionais, o público poderá desmotivar ou motivar, sendo uma torcida adversária ou uma torcida a seu favor. Muitos atletas preferem atuar com o público criticando e perturbando, melhorando seu desempenho. Por outro lado, temos aqueles que não se sentem motivados quando a torcida o agride, vindo a atuar de maneira inadequada, necessitam do prestígio do público para atingir sua performance. Isto está relacionado com a personalidade de cada atleta e o grau de aceitação da crítica.

WANKEL (apud CRATTY,1984) através de pesquisas, chegou a conclusão de que alguns atletas podem ter uma atuação melhor na presença de público, enquanto para outros isto é indiferente. Tal comportamento pode estar relacionado aos conceitos motivacionais que o atleta considera importante, que faz que esteja motivado a um melhor desempenho com a presença do público prestigiando-o.

Da mesma maneira que uma equipe poderá sentir-se mais motivada após uma vitória, procurando cada vez mais a obtenção de sucesso, com uma derrota poderá perder o estímulo afetando em seus desempenhos posteriores. Os esforços de atletas para obterem performance, tornarem-se mais habilidosos

tecnicamente, e desta maneira subirem na escala social, são comportamentos motivados, parcialmente, pelo desejo de prestígio concretizado pela aceitação da torcida (LANE, 1981).

O atleta poderá aumentar as expectativas depois de vitórias ou as diminuirá após derrotas, poderá alcançar, através da vitória, o seu lugar na equipe titular, ser aceito diante do grupo e técnico, após ter atuado de maneira aplausível em uma partida considerada difícil por todos.

Segundo ALDERMAN (1984), a maneira como se comportam algumas pessoas em determinadas situações, depende muito das condições especiais deste contexto. As diferenças individuais não são causais, mostrando uma certa estabilidade no sentido histórico da vida; para cada situação concreta não existe um motivo próprio, estabelecido ou preparado. Os motivos são, mais do que nada, disposições valorativas altamente generalizadas por situações básicas individuais, que se fundamentam na forma da conservação da existência, conforme algumas condições vitais.

CRATTY (1984) ao avaliar a influência das tensões no desempenho do atleta, considerou os seguintes fatores:

1. Deve-se avaliar o estado de excitação emocional do indivíduo juntamente com suas aptidões físicas e necessidades psicológicas.

2. Deve-se obter informações acerca da natureza objetiva da tensão.

3. O mais importante: a interpretação que o indivíduo dá sobre a tensão e seus sentimentos a respeito devem ser avaliados diretamente ou indiretamente.

4. Podem-se empregar diversas medidas fisiológicas para cansaço.

5. Os requisitos para o desempenho, considerando as prováveis flutuações do desempenho.

Desta maneira, sinais de nervosismo no comportamento (úlceras, aumento de pressão arterial, tremor muscular) e outros sinais do sistema nervoso autônomo (insônia, problemas alimentares) podem sugerir que o atleta esteja estressado. Esse cansaço pode estar relacionado aos estados de tensões, como competições importantes, exercícios difíceis, pressões provenientes de torcedores, amigos,



técnicos, família, objetivos impostos, problemas financeiros e profissionais, e também pelas flutuações no desempenho, aumentando ou diminuindo seu desempenho, variação frequente de “sucessos” e “fracassos”.

Para SUINN (1988), a auto-regulação refere-se a sentir-se bem e pronto. Envolve ambos os pontos que compõem a mente para sentir-se bem para a competição tão bem quanto ter sensações corporais de que está tudo bem. Portanto, é muito importante que o atleta tenha o domínio de si mesmo, que consiga trabalhar com o sentimento de vitória e sentir-se bem para que possa concentrar na atividade realizada, mantendo um controle de seu pensamento positivo e controle de sua energia interna para uma utilização máxima.

A concentração, algumas vezes, é muito difícil de se manter. Existem muitos aspectos diferentes envolvidos na perda de concentração, e é necessário identificar quais aspectos são importantes. Algumas vezes, esta é perdida porque a atenção é desviada por outros fatos. Alguns atletas, por exemplo, têm sua atenção tomada por várias coisas acontecendo em volta deles. Eles observam as atitudes e o barulho do público e, às vezes, até gostariam de saber o que

está acontecendo; ouvem os técnicos, prestam atenção aos diversos atletas, e acham difícil se concentrar na preparação de sua própria ação.

NIDEFFER (apud CRATTY,1984) ao relacionar as várias premissas importantes a respeito da atenção e do desempenho atlético, levantou as hipóteses de que:

1- Há um melhor desempenho quando a atenção requerida por determinada tarefa coincide com o tipo e direção da atenção dispendida naquela tarefa pelo atleta.

2- As qualidades de atenção necessárias ao atleta podem ser classificadas em duas escalas:(a)uma que descreve se o atleta está prestando atenção principalmente a si mesmo, uma escala de interna-externa; (b)uma escala descrevendo a amplitude da atenção que o atleta estará experimentando no momento, ou, a quantidade de estímulos aos quais o atleta pode responder.

Para SCHMIDT (1993), a atenção está relacionada às capacidades de processamento de

informação que colocam limites sobre o desempenho humano habilidoso. O atleta pode desviar sua atenção para os manifestos do público (favorável ou não), desde que esteja ciente de que esta pode influenciar em sua atuação, e que ele conseguirá atuar ajustando o seu nível de excitação com os manifestos recebidos.

Desta forma, quando as condições mudam, podemos esperar que a presença de pressão mude de acordo com a situação, os seus níveis de ansiedade também mudarão. Assim, temos que o nível tanto de ansiedade de estado como o de ansiedade de traço dos atletas deverão produzir efeitos razoavelmente predizíveis em seu desempenho esportivo, dependendo da natureza da atividade, onde ela está sendo desenvolvida e em que condições se desenvolvem.

A sensibilidade do técnico ao temperamento emocional do atleta e natureza (complexidade) das atividades a serem desenvolvidas serão válidas em termos de estratégias motivacionais. As técnicas motivacionais são geralmente, aplicáveis a todos os tipos de atletas, inclusive em função das torcidas que se apresentarão. Assim, o esporte é um campo de ação onde surgem, frequentemente, fortes emoções e onde os processos emocionais desempenham papel

relevante. Os sentimentos provocados pelas competições são vivenciadas não só pelos participantes diretos como também por numerosos observadores e espectadores.

THOMAS (1983) ao considerar as expressões da emoção, menciona que podemos distinguir 3 formas diferentes de sentimentos de emoções:

1. A forma de vivência emocional: o atleta vivencia a alegria da vitória ou a decepção da derrota.

2. A forma do comportamento emocional: o atleta comete uma agressão ao adversário ou abraça o companheiro por ter obtido êxito em uma jogada ou lance.

3. A forma de transformação fisiológica no corpo: o atleta treme de medo da prova difícil ou das consequências do fracasso.

O autor ainda ressalta, que ao lado destas três formas que expressam processos emocionais, pode-se distinguir quatro dimensões dos efeitos da ação e vivência da emoção:

1. *Intensidade*: o atleta está satisfeito com o resultado esperado (pouca intensidade), ou está extremamente contente pelo sucesso inesperado (bastante intensidade).

2. *Tensão*: quando o resultado da ação desportiva do desempenho, no movimento ou na ação iniciada é incalculável, a tensão e o conseqüente impulso para a ação ficam especialmente grandes.

3. *Nuança de prazer ou desprazer*: sentimentos de alegria, orgulho, satisfação, etc., têm a nuança do prazer, enquanto que os sentimentos de medo, vergonha, raiva, dor, etc. têm nuanças de desprazer.

4. *Complexidade*: nas situações desportivas raramente predomina apenas uma excitação emocional. Geralmente, o quadro do estado emocional é determinado pelo desenrolar dinâmico de diversos estados de sentimento, que se sobrepõem uns aos outros, se alternam ou se anulam

reciprocamente. Temos o exemplo da alegria pelo gol obtido que pode ser sobreposta pela preocupação e o medo de uma derrota ameaçadora, quando a diferença de goleadas é grande demais e o jogo está próximo do fim.

### ***estados emocionais e interferências externas***

Entendemos que os processos emocionais não são provocados apenas por determinados acontecimentos externos, mas pode haver uma manifestação de seus sentimentos . Podemos citar o exemplo da manifestação de alegria de uma equipe em situação de desempenhos satisfatórios que contagia o público, que delira de entusiasmo, especialmente por haver uma situação que ambos estavam desejando.

Igualmente, a reação do público diante da performance realizada, seja negativa ou positiva, raramente não “mexe” com o atleta. Ele será contagiado pelas emoções dos espectadores. O entusiasmo dos espectadores pode proporcionar-lhe a sensação de auto-segurança e confiança no desempenho, que o induz a novos esforços. Da mesma forma, a decepção e a raiva dos espectadores pelo

desempenho apresentado pode abalar o atleta, deixando contagiar-se pela decepção, perdendo o sentimento de segurança e otimismo pela performance.

A transferência dos processos emocionais entre atletas e espectadores ocorre quando ambos os grupos perseguem os mesmos objetivos, identificando-se mutuamente e desenvolvendo um sentimento de “nós”. Os fãs alegram-se juntamente com sua equipe pela vitória e sofrem a derrota com a mesma . Estas trocas recíprocas de sentimentos e disposições entre espectadores e atletas e entre diferentes grupos de espectadores apoiam-se em processos sociopsicológicos como contágio social, transferência de disposição dentro do mesmo grupo e entre os diversos grupos, sugestão de massa, identificação com o líder (a estrela esportiva) e imitação de seu comportamento, adaptação ao comportamento do grupo, vivência do grupo e da comunidade, etc. , como menciona THOMAS (1983).

Outro aspecto relacionado com o processo emocional são os sentimentos de medo. O medo é uma emoção que ocorre com frequência no esporte. Esses sentimentos podem ter múltiplas causas, como por exemplo, o atleta pode ter medo do fracasso que

ameaça sua performance e carreira. O atleta que tem medo da contusão, em consequência de movimentos mal executados, medo do vexame social, o medo das consequências de seu mau desempenho.

Segundo CRATTY (1984), conscientemente os atletas têm medo de perder, e este medo pode provir de várias causas como: a derrota lembrará a alguns os castigos ministrados pelos pais, por não atingirem os padrões desejados por eles; a ansiedade da família a respeito de vitórias ou derrotas, e assim poderão ficar com medo de decepcionar sua família e treinadores; a derrota poderia prejudicar a imagem positiva que têm de si mesmo; as críticas da mídia que poderão sofrer diante de um fracasso; e também temos aqueles que temem o sucesso, pelo fato de que futuramente os espectadores e fãs não o aplaudam como no presente, preferindo ficar menos “brilhante”.

Vários outros fatores levam os esportistas a praticarem atos de agressividade no esporte, considerando-se ou não seus níveis de ansiedade. Entre eles estão o local, a importância e resultado do jogo; o comportamento do árbitro, dos técnicos; a quantidade e o comportamento dos torcedores e as estruturas das regras esportivas.

Os torcedores são elemento importante do espetáculo esportivo, mas a violência entre eles seja verbalizada ou até



mesmo direta, recorrendo a objetos jogados nos atletas, juizes e bandeiras é uma variável específica para o aumento da agressividade dentro e fora da área de jogo, gerando uma ansiedade por antecipação aos momentos esportivos (MACHADO, 1997 ).

Em pesquisa que envolveu 505 torcedores na faixa etária de 10 a 70 anos, por ZANI e ERICK ( 1991 ), estudou-se a participação dos aficionados do futebol italiano. Os sujeitos responderam a um questionário sobre atitudes denotadas no futebol e a violência nos estádios. Resultados sugeriram que os indivíduos tornam-se mais agressivos em grupos; que o comportamento é controlado por normas do grupo e, finalmente, que a agressão depende da aceitação da violência do grupo e dentro dele. GROEBEL (1994) afirmou que a agressividade vem da sociedade e também da família, mas considera a mídia como veículo de propagação da violência. SERPA (1996) e CARVALHO (1985) afirmam que a agressividade nos torcedores e jogadores é explicada também pela frustração pessoal extra-desportiva, quer pela existência de situação negativa para a equipe, quer pelo reforço de expectativas criadas pela mídia.

Estudos de GIANOLI (1996), SAMULSKI (1992), CRATTY (1989) e CARVALHO (1985) investigaram a exposição de torcedores e atletas, a situação de agressão, veiculada pela mídia e a conseqüente imitação. Neste caso em especial, estudos realizados por SERPA(1996) afirmam que o papel da mídia é a não publicação da agressão como espetáculo, procurando, assim,

por um lado, uma verdadeira imersão em episódios agressivos, favorecendo a aprendizagem por observação de tais comportamentos, sem que se procure explicitar os objetivos do noticiário.

SERPA (1996) ainda conclui, por intermédio dos mesmos estudos, que o comportamento agressivo dos espectadores está diretamente relacionado com a superlotação dos recintos, ou seja, uma forte densidade populacional em um espaço limitado leva as pessoas a um aumento de manifestações agressivas. Entendemos, assim, que muitos fatores concorrem para a alteração dos estados emocionais dos atletas e, desta maneira, a torcida, seja ela de que tipo e forma de atuação, coincide para que o espetáculo esportivo seja alterado, com andamentos imprevisíveis, uma vez que os atletas estarão vivenciando novas situações, em sua maioria motivadas pela alteração do próprio contexto social da exibição.

E, acima de tudo, este contexto social da exibição, popularmente conhecido como quadra ou ginásio de esportes, também sofre a influência da ação dos jogadores, com sua bagagem cultural e sua formação familiar. É um ciclo simbiótico que se instala, dialéticamente.

## METODOLOGIA

No estudo de métodos e procedimentos, para executar uma pesquisa, confirmou-se a possibilidade de partir para uma abordagem qualitativa, que parte do fundamento de que há uma relação entre o mundo real e o sujeito, portanto, uma relação entre o mundo objeto e a subjetividade.

*“...desta relação surgem os fenômenos que não são isolados mas têm significados e estão integrados ao sujeito, objeto de observação...”(CHIZZOTTI,1996:72)*

MARTINS e BICUDO ( 1989 ) , ao escreverem sobre a pesquisa qualitativa, relatam que neste método a generalização é abandonada e o foco da atenção é centralizada no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados; deve ser de natureza teórica e prática, concomitantemente, pois ambas as aprendizagens fornecem a instrumentação para observar e analisar a realidade e

para ver os objetos de percepção na sua origem social, história e de funcionamento.

Ainda complementam, informando que os dados são coletados através da “comunicação” entre os sujeitos e o “tratamento” dos dados é feito através da interpretação, compreendida como um modo de ajuizar o sentido das proposições que levam a uma “compreensão” ou “aclaramento” dos sentidos e significados das palavras.

Ao optarmos pela pesquisa qualitativa, levamos em conta que os fenômenos humanos não ocorrem de acordo com uma ordem semelhante à observada no universo físico, o que torna difícil sua previsibilidade, além do que as ciências humanas lidam com entidades que não são passíveis de quantificação e envolvem uma variedade grande de fatores que tornam inviável, na maioria dos casos, a realização de uma pesquisa rigidamente experimental, tornando difícil a comunicação dos resultados obtidos em suas investigações.

Um dos grandes obstáculos com que se deparam as ciências sociais reside no fato de estar o pesquisador, de alguma forma, envolvido com o fenômeno que pretende investigar. Não há como deixar de admitir que os valores permeiam as pesquisas sociais, tornando-se muito difícil evitá-los ( mas isto não significa que seja impossível superar esta dificuldade ), segundo GIL ( 1994 ).

Já os problemas técnicos são de tipo diverso; poderiam ser caracterizados pela pergunta: “Como construir algo segundo

determinada especificação ? “ . Neste caso não são envolvidos valores, já que os problemas técnicos conduzem à verificação do que é e não do que deve ser ( FORGHIERI, 1993 ).

É claro que o comportamento humano é complexo e conseqüentemente muito mais mutável que o comportamento de outros animais, porém isto não significa que seja impossível tratar do comportamento humano cientificamente. Ocorrerá que os comportamentos humanos não serão quantificados com o mesmo grau de precisão das ciências naturais, podendo, em boa parte, ser mensurados com a aplicação de escalas menos sofisticadas;

*“...embora esses níveis de medida sejam rudimentares, mostram -se suficientes para muitos dos propósitos perseguidos pelos cientistas sociais.”( GIL, 1994 ).*

### **característica da pesquisa participante**

Tanto a pesquisa participante como a pesquisa ação caracteriza- se pela interação entre pesquisador e membros das situações investigadas. Muitos autores fazem uso das duas expressões como sinônimas; entretanto, a pesquisa ação supõe uma forma planejada de interação, o que mais caracteriza a diferença entre uma e outra. Na pesquisa participante, em virtude de sua flexibilidade de planejamento, o pesquisador mantém- se atento a novas descobertas, ao longo do seu processo interacional, através de observação e de coleta de dados ( falas, manifestações, atitudes,...) . Por isso é que , geralmente o pesquisador dispõe de

um roteiro inicial e, ao desenvolvê-lo, transforma-o em outro, motivado por aspectos que não havia previsto.

Acontece com frequência, destes desvios tornarem-se mais relevantes para a solução do problema do que os caminhos traçados inicialmente; este é um dos fatores que recomendam a adoção da pesquisa participante para os estudos exploratórios.

Os procedimentos de coleta e análise de dados adotados na pesquisa participante são muito simples: caracterizam-se pela utilização de uma linguagem entendida pelo grupo em estudo, bem como pela manutenção da linguagem do grupo, na transcrição. Há ainda a ênfase na totalidade ou multiplicidade de dimensões de um problema, focalizando-o como um todo.

Desta maneira, entendemos que a pesquisa participante leve o pesquisador a abandonar a tradicional posição de “intelectual distante da realidade”, colocando-o como aprendiz e ouvinte de discursos de culturas diferentes da sua. Com isto, rompe-se o distanciamento entre entrevistado e entrevistador, incorporando as pessoas nos objetivos da pesquisa.

A pesquisa participante, como todas as demais, apresenta, ainda, suas limitações; somos concordes com o fato da subjetividade ser o maior entrave para a melhor aceitação das pesquisas participante e ação, pela comunidade científica brasileira; concordamos, inclusive, com o fato de

*“...alguns pesquisadores não conseguem acompanhar o dinamismo da sua própria pesquisa,*

*deixando de entendê-la, em partes, o que virá a comprometer o conjunto do estudo em questão.”( DEMO, 1990).*

O estudo da realidade vivida pelo grupo e a percepção dela constituem o ponto de partida e a matéria prima do trabalho em desenvolvimento, o que causa certo incomodo o descompasso acima citado. Não acompanhar o processo, ainda que parcialmente, é não compreendê-lo em sua globalidade, ou não compreender o desenrolar do estudo.

Com a finalidade de possibilitar a obtenção de resultados socialmente mais relevantes, alguns modelos alternativos de pesquisa vêm sendo propostos, sendo a pesquisa ação e a pesquisa participante os mais divulgados. Assim, o relacionamento entre pesquisador e pesquisado não se dá como mera observação do primeiro pelo segundo, mas ambos

*“...se identificando, sobretudo quando os objetos são sujeitos sociais também, o que permite desfazer a idéia de objeto que caberia somente em ciências naturais.”( DEMO, 1990).*

### ***coleta de dados: definição de técnicas***

Em sua abordagem o pesquisador tentará diminuir a distância existente entre os diferentes mundos e os grupos sociais confrontados ( pesquisado/pesquisador ); atitudes claras e objetivas

e conhecimento das características do grupo a ser estudada são regresa capitais para o bom desenvolvimento da técnica escolhida.

Não ser visto como um intruso ou um elemento estranho à comunidade é fato imprescindível para a aceitação pelo grupo. Este é um momento difícil no desenvolvimento da pesquisa: a verdadeira abordagem implica numa tensão permanente entre o risco de identificação excessiva do pesquisador com os protagonistas da situação em que está inserido e a premente necessidade de manter um distanciamento que permita a reflexão crítica sobre a experiência analisada.

Neste trabalho, inicialmente, a abordagem permitirá ao observador uma série de descobertas, que serão analisadas junto com os demais dados coletados, permitindo uma reflexão melhor sobre o contexto como um todo. A vivência do pesquisador, no meio estudado, permitiu a adoção da técnica de observação, que cobra muita familiaridade do pesquisador com aquilo que será foco de estudo.

Ainda, a opção pela observação e depoimentos se deu em função de entender que se poderia estudar cada fato e direcioná-lo de acordo com os interesse e peculiaridades do caso, tendo em vista a temática em estudo ( a isto, em pesquisas sociais, denominamos de categorização, conforme FORGHIERI, em seus estudos datados de 1993 ). Com o material coletado, a discussão inicia, relevando as categorias selecionadas e verificando relações entre o material excedente e o contexto analisado.



O material coletado será analisado através da técnica de categorização, que visa agrupar em categorias distintas os elementos a serem analisados, favorecendo um maior conjunto de características de um mesmo fenômeno, o que leva a melhor identificação e delineamento do mesmo ( FORGHIERI, 1993 ); no entanto, cobra do pesquisador uma atenção desdobrada para a captação da mensagem, sua identificação entre tantas outras e seu entendimento no contexto em que está sendo analisado ( CRATTY, 1989 ).

Diante das situações analisadas foram necessárias algumas outras abordagens, para incrementação de dados e fortalecimento de elementos que apresentavam uma aparição leve ou discreta. Para esta explicitação, as entrevistas foram adotadas: a forma mais antiga de coleta de dados orais, é uma conversação continuada entre informante e pesquisador, podendo ou não ter um roteiro. Adotou-se esta técnica, conforme informações acima, para ampliar as discussões, privilegiando e indicando a possibilidade de agregar novos dados ou fortalecer algumas ocorrências discretas.

O fato de poder dialogar sem um roteiro fixo, de garantir a liberdade de expressão, o devaneio, a apresentação de planos, impressões e decepções levou-nos a opção pela entrevista livre ou aberta, como técnica apropriada aos nossos objetivos. A existência de um fio condutor, na entrevista, evidencia a idéia de se manter fiel ao núcleo temático pesquisado: influência da torcida na alteração dos estados de ansiedade e agressão, no decorrer de partidas

federadas. Entretanto, foi muito mais significativo, nas respostas encontradas, as formas de expressão, as pausas, inflexões e silêncios com que se expressavam os envolvidos. Acreditamos que toda forma de discurso, quer seja o formal, informal ou gestual, seja igualmente importante para manifestar as dimensões da vida cotidiana de uma certa comunidade e, desta maneira, buscamos entender e analisar com certa atenção este tipo de diálogo.

Como fator limitante, tivemos o tempo disponível, que para ambas as partes, era pequeno demais para tanta abordagem. As observações eram realizadas em momentos de jogos e competições federadas, as entrevistas aconteciam antes, durante ou logo após as provas esportivas, garantindo a objetividade e pertinência da coleta do material analisado.

Outra limitação foi a adoção da não-existência de um roteiro fixo de perguntas para a entrevista, tendo em vista a opção pela entrevista aberta ou livre. Atualmente, numa outra perspectiva, entendo como enriquecedora esta “limitação”, pelo maior enriquecimento que possibilitou, favorecendo a percepção e análise de dados mais sutis e ricos, em sua individualidade e contextualização.

A importância de identificar e trabalhar as discordâncias e incoerências entre pensamento e ação, conformismo e revolta existentes entre real e ideal na competição entre adolescentes permitiu-nos, então, partir para análises e conclusões, além de

favorecer a emissão de sugestões para o estudo de futuras propostas de treinamentos e competições esportivas, buscando motivar e informar os grupos analisados para que percebam o teor de suas ações e as implicações advindas delas, além de possibilitar uma futura proposta transformadora, fruto desta análise inicial.

### **universo da pesquisa**

Buscamos estudar a influências das torcidas, em atletas adolescentes, naquilo que diz respeito ao seu estado emocional, em especial à ansiedade e a agressividade. Tendo em vista a necessidade de termos um público que favorecesse o estudo, optamos por investigar na região da Grande Jundiaí as equipes juvenís que participassem de campeonatos ligados às respectivas federações de esportes, independente das modalidades.

Contatos com profissionais da Educação Física, técnicos esportivos e treinadores ( categoria aceita pelas federações ), foram realizados, explicando o objetivo do estudo e a metodologia a ser adotada. Alguns dos profissionais optaram por aguardar os resultados, para conversarmos futuramente, outros permitiram e facilitaram os trabalhos, apresentando o pesquisador ao grupo e dando breve explanação dos objetivos em questão.

Em função do tempo disponível e da abrangência dos dados coletados, as entrevistas e observações foram estudadas e analisadas de forma tal que apenas as mais demonstrativas fossem trabalhadas nesta pesquisa. Isto garantiu que os depoimentos e

observações coletadas dos atletas, em número de 57 adolescentes, fossem reduzidas a um número bem menor que o total, mas suficiente para demonstrar a situação observada e analisada

*“...muitas vezes a escolha do número de depoimentos ou observações podem parecer relevantes, no entanto, a relevância está na força da aparição, na contextualização, muito mais do que na incidência do fato. Um problema será relevante em termos científico à medida que conduzir à obtenção de elementos que culminarão em novos conhecimentos.”(FORGHIERI, 1993).*

Das equipes contatadas, mantivemos para nosso estudo as de Basquetebol, Futebol de Salão, Handebol, Voleibol, Natação e Atletismo masculinos, das cidades de Jundiaí, Campinas Paulista e Itatiba, em virtude de atender a algumas expectativas gerais como: jogos em casa e em quadras da micro região ( Itatiba jogando em Jundiaí ou Campinas e as demais combinações permitidas ), existência de público, possibilidade de assistir a mais de cinco jogos, por equipe, em casa e em quadra adversária. Com relação aos esportes individuais, tanto Jundiaí quanto Campinas oferecem suporte logístico para várias provas, por semestre, o que facilitaria o acompanhamento.

***questões investigadas***

Decorrente da própria metodologia escolhida para ser desenvolvido o presente trabalho, cada fato observado e cada depoimento coletado eram suficientes para a alteração total do trajeto iniciado, tamanho o valor qualitativo dos mesmos, uma vez que eram ricos em argumentos. Entretanto priorizamos algumas questões, com a intenção de ver solucionadas as indagações originais deste estudo, que serão analisadas a seguir.

Identificar o papel desestabilizador da torcida sobre a sua equipe, tida apenas e tão somente como elemento favorável, para seu time, seria nosso eixo central, ao redor do qual girariam questões como aquelas que nos apresentariam elementos de estudo sobre a ansiedade e agressividade originada a partir da excitação externa.

Em outras palavras, verificaríamos a interferência da torcida, independente de qual tipo, sobre o estado ansioso e agressivo do adolescente esportista. E, pela maneira como a pesquisa vem estruturada, seria permitido localizar as manifestações da ansiedade e da agressividade, no momento esportivo, diante da ação do público ( presente ou ausente, conforme visto na revisão de literatura ).

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO**

Acreditamos que a prática sócio-esportiva vai além do aspecto, puramente, da saúde física do homem. Percebe-se, através dela, o desenvolvimento das relações sócio-afetivas, a comunicabilidade, a sociabilidade, ajustando socialmente o homem ao meio em que vive. Isto tem delineado um caldo cultural esportivo que exerce uma poderosa influência sobre as condições de sobrevivência humana nos grandes centros urbanos.

Tal característica do esporte, de criar situações em que o indivíduo praticante busca dentro do meio esportivo o que mais lhe convém, para seu desenvolvimento pessoal (físico e psicológico), no qual as relações interpessoais ocupam um papel relevante tem sido acentuado, em nossos tempos. Esta relação da prática esportiva, com o indivíduo, vai desde a sua participação em competições até a prática gímnico-esportiva de forma terapêutica, lúdica, educativa e política.

Desse modo, o esporte sofre os perigos de interesse pessoais, institucionais e de grupos que agem como instrumento de poder social e institucional. Para superar esta situação parecem necessárias medidas de caráter educacional, formativo e administrativo, para que o esporte assuma um papel socializante de formação educacional, com comportamentos sociais condizentes com os valores morais e éticos veiculados pela sociedade.

A Educação Física, via esporte é, sem dúvida, um dos fatores responsáveis pelo desenvolvimento harmonioso do adolescente, trabalhando o psíquico, o corpo e seus movimentos por meio das várias atividades esportivas. A relação Esporte, Educação Física e Psicologia, no Brasil, é muito pouco trabalhada, porém data do início do século, quando da constatação de que a Educação Física é bastante abrangente e envolve a vida física e psíquica do indivíduo pressupondo conhecimentos de psicofisiologia (AZEVEDO, 1960). Nestas situações, estão envolvidas todas as características cognitivas e comportamentais do adolescente, seus temores, bloqueios, agressividade, aspirações, fantasias, formas de relacionamento com os outros, sua condição social e sua relação com o corpo, ligando-o à sociedade.

A busca dos fatores que desencadeiam a agressão e a ansiedade tem sido preocupação de diversos autores, como vimos em nossa revisão de literatura. Existem aqueles que partilham a idéia da agressão como um instinto de combate, e a ansiedade como a emoção que antecede ou precede os momentos agressivos, que o homem tem em comum com inúmeros outros organismos vivos. Compartilhando deste pensamento temos EIBL-EIBSFELD ( 1970 ) e LORENZ ( 1973 ).

Outros advogam ser a agressão um comportamento aprendido, servindo de início ( ou terminando ) para ( na ) a ansiedade. O ponto de partida dessa concepção é que o indivíduo possui uma capacidade de modificar o próprio comportamento e adaptá-lo a situações precisas em função das experiências adquiridas anteriormente. São defensores dessa concepção BANDURA, ROSS E ROSS ( 1963 ) E BUSS ( 1961 ).

Outros ainda advogam ser a agressão e a ansiedade um comportamento reativo, isto é, dependente de condições situacionais particulares que provocam esse comportamento. Trabalham com a hipótese de que toda ansiedade é uma consequência da frustração e toda frustração origina uma forma de agressão. Partilham dessa idéia DOLLARD, DOOB, MILLER, MOWRER e SEARS ( 1976 ).

Discutir a origem do comportamento agressivo ou ansioso é apenas parte do problema. Outro desafio é saber separar os diferentes processos comportamentais envolvidos e os inúmeros interagentes que os influenciam. Uma forma de investigação que tem produzido resultados interessantes acerca destes comportamentos é esta que adotamos e que envolve estudos observacionais e questionamentos com os envolvidos em atitudes agressivas e ansiosas, . Desta forma fica garantida a liberdade de expressão da pessoa observada, além de haver a possibilidade de ser acrescentado novos dados aos que se observou, no decorrer da conversa ou mesmo das inflexões que decorrerem dos encontros.

Avançando em nossas considerações temos que raramente o impacto da luta competitiva nos jovens participantes vai ser neutro, seja em seus corpos ou em suas personalidades. Os jovens expostos a tais experiências e, em especial, à saga das torcidas, a exemplo do que acontece com atletas adultos, passam por um estado de alegria ou depressão como resultado de suas atividades esportivas. Seus músculos tornam-se mais vigorosos, enquanto o coração fica mais forte; por vezes, porém, as articulações ficarão traumatizadas e a constituição física mostrará



os efeitos das tensões produzidas pela demanda do esporte e de seus técnicos.

Uma ampla consideração dos parâmetros psicológicos do esporte do jovem implica em olhar, também de modo amplo, grande parte de variáveis, inclusive os fatores que precedem as confrontações entre o adolescente e a competição, as condições que acompanham e os eventos e sentimentos que se seguem a elas. Deve-se considerar a qualidade da liderança adulta, bem como as pressões e valores familiares, inclusive como uma forma de torcida. Mais importantes são as mudanças experimentadas pelo jovem atleta, que se refletem numa diminuição ou aumento de auto-estima, numa aceitação ou rejeição de condutas abertamente agressivas, bem como modificações possíveis nas medidas de ansiedade, conforme constatou-se no presente estudo.

Tal como acontece quando se lida com aspectos psicológicos de adultos no esporte, pode-se tomar uma posição negativa ou positiva, ao se colocar questões e discutir a literatura pertinente ao assunto. Por exemplo, podem-se procurar técnicas para aumentar as motivações nos jovens atletas, desconsiderando-se seus estágios de crescimento e desenvolvimento, muito peculiares e particulares. O adolescente, ainda que experiente e com performance que o equipare à adultos, continua em fase de desenvolvimento e crescimento, período que deve ser avaliado pela importância de sua característica: a interfase, nem adulto, tão pouco criança.

Em nossos estudos foi observado que a tensão não existe independente do campo e não é uma causa que se acrescenta para produzir fenômenos; só é um dos fenômenos. Quando uma pessoa ou um

campo mantêm estabilizada uma estrutura definida, dizemos que não há tensão, enquanto que afirmamos sua existência quando uma desorganização não foi totalmente superada com uma estrutura estabilizada. A tensão é uma qualidade de campo que pode ou não ser subjetivamente percebida\_\_\_ quando é percebido um indivíduo em desorganização ou estado de tensão diz- se pessoa com ansiedade\_\_\_. Assim, a ansiedade expressa uma conduta desorganizada ou desordenada, que tende imperiosamente a se organizar ou se ordenar, dependendo do contexto ( e a torcida é parte deste ).

Entrevistas permitiram perceber, reportando à literatura, inclusive, que a ansiedade funciona como um sinal de alarme, que nos permitirá antecipar ou prever situações adequadas ou não dependendo da história de vida dos observados. Estampa- se, aí, o quadro da agressão ou passividade, decorrente das tensões sofridas pelas torcidas e das vazões anteriores. Em quadra, tal ocorrência responde com bastante clareza aos quadros apresentados: se já houve um histórico de agressão, ira, raiva, é possível que se repita, durante ou após a interferência dos torcedores.

Falar em descarga desta tensão, utilizando- se da força, da briga, dos insultos, mecanicistamente, é inadequado. Na realidade, não se descarrega nada; o que ocorre, segundo estudiosos ( DURANT, 1990; BLEGER, 1990 e BALBINO, 1990 ) é que uma nova organização substitui a anterior. Como exemplo temos o atleta que, estando tenso antes de saber se será titular ou reserva, ao receber a informação de que atuará como titular ficará “calmo”, não porque estará descarregado, mas porque sua conduta muda de organização, de estrutura.

Retomando, a ansiedade nos demonstra um quadro de desorganização que pode resultar em comportamento muito agressivo, como também pode levar a sinais altamente positivos: alarmes de que o organismo deve se mobilizar para um perigo próximo ou futuro, ainda que a consequência deste perigo não seja de todo maléfica. Após toda esta sinalização, podemos viver momentos de muita euforia, ao fim de uma partida, quando conseguimos vencer. No entanto, uma crise complexa de ansiedade pode arrastar a pessoa a fortes depressões, a momentos de intensa tristeza, explicitando muita desorganização de personalidade.

Na tentativa de sair destes momentos de ansiedade, ou mesmo para tentar evitá-lo, localizamos comportamentos agressivos que, pelas suas incidências, dificultavam o discernimento entre um e outro: ansiedade-agressão- ansiedade- agressão...como numa operação de causa-efeito, o que não é uma verdade, por não serem apenas decorrentes, conforme dados analisados por WILLIAM ( 1994 ).

Parece, pois, importante tentar entender as forças psicológicas que agem sobre o jovem atleta e que o modificam internamente. Os jovens relativamente novos no esporte entram pela primeira vez em situações nas quais seu sucesso ou fracasso é muito visível aos outros, fora da sua família, conforme constatamos por intermédio de nossas entrevistas. Tais situações podem lhes trazer o sentimento do próprio valor outorgado pela sociedade; a qualidade dessas confrontações iniciais com o esporte são raramente esquecidas quando esses jovens atingem a idade adulta. É por isso que se faz de tudo, até as últimas consequências, para se atingir a vitória.

Diante dos fatos observados, das conversas entreouvidas e das inflexões “sentidas” é que se conclui que os jovens fazem tudo pelo prazer de ganhar. Ainda que a vitória só interesse ao técnico, ao pai ou à torcida. E isso é muito evidente quando observamos que ele briga pela pressão sofrida de fora para dentro: a torcida inflama o ambiente, o pai excita para a luta, o técnico orienta para a jogada faltosa. Hoje, a mídia, com seu poder de influência no mundo juvenil, repete lances de extrema violência com requintes de didatismo; a câmara lenta possibilita que se divida o momento da agressão, tornando-se fácil a cópia e a repetição do gesto, por vezes seguidas.

De acordo com pesquisas citadas, as variáveis de aspectos gerais são aquelas ligadas a fatores ambientais, sócio-culturais regionais, biológicos, políticos, de socialização e de sistemas de comunicação. Pesquisa recente, realizada por BUONAMANO, CEIS e MUSSNO (1995), conforme já informamos anteriormente, identificou os motivos da participação desportiva de 2.593 atletas, com idade entre 9 e 18 anos envolvidos com várias modalidades, entre eles o futebol; os resultados mostraram que os principais interesses em praticar o esporte são: o prazer e divertimento, motivo de ordem física (ex.: ser saudável e ficar mais forte), razão de ordem social (ex.: estar com os amigos e fazer novas amizades), motivos competitivos e visibilidade social (ex.: ter status social, ganhar dinheiro e ser popular).

Ou mais, os jornais e revistas especializadas trabalham uma linguagem especial, onde os vitoriosos “arrasaram”, a equipe “massacrou” o adversário, o atleta “acabou” com seu oponente e todos veiculam estas

expressões no decorrer das conversas, encontros, aulas, debates, como se o momento esportivo não sobrevivesse sem tais requintes de ira. Toda a garra deve estar manifestada em forma de força bruta e atitudes hostís, o que parece conferir a vitória ou a posição de superioridade que o atleta parece procurar.

Os campeonatos de esportes ligados à Federações Esportivas deixam transparecer a idéia de que as regras esportivas têm uma leitura diferente dos campeonatos disputados pelas equipes vinculadas às Ligas regionais ou estaduais, o que não corresponde com a verdade. Em qualquer das entidades citadas, a prática da modalidade será norteada pelas Regras Oficiais Internacionais, porém disputar uma partida num jogo federado imprime um determinado “status” ao evento, que o distingue dos demais outros. Talvez este seja um dos fatos que estimulem a agressão descabida em jogos das Federações Esportivas.

Conversas ilustraram tal interpretação, uma vez que os atletas manifestam emoções diferentes ao disputarem um campeonato e outro

*“...agora preciso jogar duro. Estamos na Federação e lá é jogo prá homem...”*

*“...eu não sinto tanta diferença no jogo dos adversários. Pensava que seria mais difícil, mas mesmo assim temos que ir em cima deles, porque o professor disse que, na Federação é preciso fazer boa figura...”*

*“...desta vez nos vamos ver quem pode mais. Agora é prá da Federação, com árbitros valer... é campeonato bons e resultados nos jornais...”*

*“...o que eu sei é que meu pai falou, em casa, sobre o campeonato. Ele leu nos jornais e ouviu pelo rádio e em comentários de seus amigos. Hoje, cara, vou jogar tudo o que sei. Se aparecer alguém na minha frente eu arregaço... Vou fazer gol. Muitos gols...”*

É visível a preocupação com o tipo de campeonato que se está disputando, pois disputar uma temporada pelas Federações parece dar um grau de destaque ao atleta. O status que presumivelmente é conferido ganha conotação de seriedade, como se outras entidades não organizassem campeonatos sérios, justos e fortes. Porém, alguns dos jovens que se sentem enredados pela situação de ilusão dum campeonato federado, ao analisarem os jogos, o corpo de arbitragem, os resultados pessoais, interpretam correto e prontamente: o nível do campeonato e a experiência não fica por conta de entidade promotora do campeonato, mas dos envolvidos neste. Competir em federação ou em liga não altera o desenvolvimento do jovem; o mistério está no competir.

A observação apurada e a análise de conversas e interferências com jovens atletas nos faz perceber que, ainda que num campeonato da envergadura como o de uma Federação Esportiva, encontramos participantes com dificuldades de aprendizagem; praticantes que embora possuidores de condições físicas e técnicas acima da média têm uma ação limitada, não concretizando suas potencialidades. Estes atletas demonstram sinais de grande ansiedade e se descontrolam com facilidade.

Tais descontroles e sinais de ansiedade são evidências de que algumas etapas não se desenvolveram em suas respectivas épocas, ou

melhor dizendo: nos momentos oportunos, com adequação. Muitos são os casos de jovens atletas, ainda em fase inicial de aprendizagem que, por apresentarem um crescimento acelerado, serem incluídos entre os que estão a disputar um campeonato de alto nível, sem contudo terem atingido uma fase maturacional ideal para tanto, nem mesmo terem atingido um nível adequado de aprendizado da modalidade para poderem compor quadros competitivos( APPAY,1995).

Estes desníveis, evidente, causam inquietações em todos os componentes da equipe, a começar pela principal interessado: o próprio atleta; seguem-se a ele seus companheiros de equipe, que cobraram pelo seu desenvolvimento físico e seu técnico, que apostou muito em seu desempenho ( esquecendo-se de que o desempenho atlético é um conjunto de fatores que perspassa do desenvolvimento físico ao cognitivo e emocional). É possível que, infelizmente, até os pais venham a pressionar por uma performance mais apurada, esquecendo-se de que ali temos uma criança crescida, maturando-se gradativamente, sem condições de responder com precisões emocionais e nem mesmo físicas. No entanto, a torcida, que não tem laços afetivos estabelecidos com ele, certamente cobrará, da sua maneira:

*“...cavalo!!! Nem consegue suportar o peso da raquete por muito tempo? É só o que me faltava...maricão...”*

*“...que palhaço...só porque o papai veio assistir a prova, não conseguiu repetir o mesmo índice. Voce não dá prá natação...é muito frouxo...”*

*“...deste tamanho, tem mais é que meter medo nos negos. E trate de não me errar os lances livres. Olha seu tamanho perto dos adversários, voce parece um gigante. Vamos! Vá lá e enterre todas, vá...”*

*“...puxa vida, com esse tamanho, perder o bloqueio pr’ aqueles anões tem que ser muito burro. Bicho, olha seu tamanho. Olha o tamanho das suas pernas, seus braços...como pode. Não faz isso comigo. Mostre que eu te ensino, que eu te treino...”*

*“...adianta tanto treino? adianta tudo isso de altura? Vocês são uns bostas, isso sim. Prá que tanto esforço nos treinos se aqui vocês tremem diante de uns nanicos? Vergonhoso...”*

*“...eu falei que a altura deles não era resultado. Vejam só: eles são enormes, mas nós somos habilidosos e viramos o placar. E agora? vão confiar mais em mim?”*

Foi regra geral, nas competições assistidas e analisadas, que a torcida se manifestasse diante de desproporções biomorfológicas. Sempre que tínhamos um jogador muito alto ou muito magro, piadas e gozações eram emitidas em altos brados, para que todos pudessem ter ser momento de cartase. O mesmo comportamento acontece diante do gordo, ou do baixinho, sempre indiferente com a habilidade que o jovem atleta possa vir a demonstrar\_\_\_\_ o que interessa é ridicularizar, para intimidar. E tal intimidação é um agravante para a defensiva, que impulsivamente acionará o estado agressivo para demonstrar que o aspecto físico aparente não condiz com a possibilidade de execução técnica ou tática, desestabilizando também o equilíbrio emocional. Será preciso muito controle para conter



tamanha ansiedade, na tentativa de provar que: “Sou.....(gordo/magro/alto/baixo/ desengonçado/ míope/...), mas sou capaz. E, acima de qualquer coisa, a torcida tem sempre uma característica fundamental: é inclemente.

Também ficou muito visível que, em esportes individuais, onde o contato com o técnico é diferenciado, pela distância física de trabalho técnico-atleta e pela ausência da proximidade do grupo, da equipe, é elevado o número de participantes resistentes à aprendizagem e ao treinamento sem abertura às sugestões e à mudanças. Estes sintomas adquirem expressão mais acentuada em situações específicas, atingindo limites de ruptura com a prática esportiva em momentos em que não se alcança as expectativas pessoais desejadas, quando não se atinge aquilo que se sabe esperar dele, quando a competição for muito importante e quando a torcida for grande e muito crítica.

O profissional da Educação Física precisa, inclusive preocupar-se em familiarizar os atletas com os potenciais adversários, descrevê-los de forma realista, apontando seus pontos fortes e fracos, salientando as estratégias do confronto. O importante não é ser um adversário forte ou fraco, o treinador deve valorizar as metas que tenham a ver com o desempenho dos atletas e nunca com o resultado final a todo custo (CRUZ e VIANA, 1996).

*“...treinei muito para esta prova. Agora que podia fazer índice para os Jogos Abertos, torço o pé...acho que vou desistir e vou curtir a vida. É mais fácil...”*

*“...Assim não dá!!! Treino feito um louco, todo mundo vê que estou bem, caio n’água e fico travado, sem conseguir fazer metade do que faço em treino. Acho que tô louco, parece que faço de propósito. O pessoal de casa não vai a nenhuma prova mais. Sei lá, acho que já decepcionei todo mundo; até minha mãe se cansou...”*

*“...Puxa vida, que mancada!!! Como fui falhar justo nesta... Passei três meses treinando para me acertar, para não perder o aparelho e, na hora mais decisiva eu me atrapalho e tudo se perde. Vergonha...logo no campeonato mais sério. Se tivesse ido bem, até poderia ir para a Seleção Paulista...”*

O mais preocupante é, entretanto, o fato de se detectar esses mesmos quadros de sinais negativos e inadequados nos escalões de formação de atletas, em escolinhas de esportes, frequentadas por crianças mais jovens e pré-adolescentes. Acreditamos que tais sintomas interfiram negativamente não só na formação psico-social destes atletas, mas também prejudicam na carreira esportiva a ser iniciada, não facilitando para que cada um possa desenvolver plenamente suas potencialidade.

Tal clientela, extremamente influenciável, aprende a maior parte dos seus comportamentos e estrutura as suas atitudes e a sua personalidade observando as outras crianças e, sobretudo, os adultos. Nestas observações não são premiadas com as melhores cenas, uma vez que são levadas a ver adultos arremessando latas de cerveja, tampinhas de garrafas, aviõezinhos de papel, gestos assumidos pela própria mídia\_\_\_ ainda que considerado de mau gosto ou mau tom\_\_\_, agressões verbais (

intensas e fortes ), encontrões, brigas, atitudes arbitrárias demais dos árbitros da partida e, não muito difícil, brigas entre elementos da própria equipe.

*“...foi a maior zona. Todo mundo gritando, daí começou a voar latinha de cerveja por todo lado...foi lindo...”*

*“... não entendi direito o que aconteceu, pois quando nós olhamos prá piscina eles estavam se pegando, até que o maior empurrou a juiz n’ água e toda a galera riu. Depois disto começou a chuva de papel. A piscina ficou coalhada de papel. Foi um barato...”*

*“...quando eu vejo aquela mulher vir apitar o nosso jogo já fico meio esperto: ela é uma ladra!!! Só ela grita, só ela fala...parece que somos dementes e que ela veio prá dar um corretivo na gente. O meu técnico disse que vai fazer reclamação contra ela, na federação, vamos esperar...”*

*“...como é que pode: dizem que na Federação seria diferente. Só que a gente sabe que aquele cara é bem mais velho e está com documento falsificado, apenas não podemos provar. Não estou vendo diferença...”*

*“... Legal... os técnicos brigam, se esmurram e nós pagamos o preço?”*

A conduta anti-social no esporte competitivo acontece das mais variadas formas. O comportamento agressivo dos esportistas está ligado diretamente às características de cada modalidade, bem como às variáveis

específicas de cada competição e as variáveis de aspectos gerais. As características de cada modalidade estão subjacentes ao conjunto de artigos que forma a regulamentação de cada esporte, bem como a sua finalidade como desporto competitivo ou lúdico.

Diante do observado e do ouvido podemos garantir que a incidência de atos violentos desmascara uma realidade que, para muitos, parecia irreal: pais, técnicos, ídolos e fãs, e os dirigentes concorrem para que a ordem seja corrompida e para que seus exemplos sejam seguidos, ainda que a existência do provérbio “faça o que mando....” seja presente em muitos momentos. O fato de verem os pais agirem como crianças, de ouvirem que é preciso ter espírito esportivo e de sentirem que alguns são recompensados pela prática de atos imorais e violentos não encoraja os atleta jovem à atitudes francas e saudáveis, aumentando sua ansiedade e estimulando\_\_\_\_\_ se não ensinando\_\_\_\_\_ os gestos agressivos que tanto presenciamos.

RICHARDS ( 1988 ) esclarece que o aumento do estado de ansiedade ( em qualquer momento, antes, durante e após jogos ) e de agressão derivam de fatos tais como: a preparação e a própria competição de jovens são orientadas à imagem daquilo que se faz com adultos; a vitória é uma questão de interesse único ( não basta competir ) para pais, professores e dirigentes; a torcida não faz diferença, diante do espetáculo esportivo, cobrando dos jovens o mesmo que cobraria dos atletas adultos profissionais. No entender deste autor, ao expormos nossos jovens a uma organização, uma orientação e um padrão ético adequados à adultos estaremos subvertendo as necessidades normais dos jovens, prejudicando

sua formação e seu processo de desenvolvimento, com o que concordamos integralmente.

Ainda, dentro deste mesmo ponto de vista, vale ressaltar que, comumente, trabalham-se conceitos de honestidade, dignidade e segurança ( em todos seus aspectos ), durante os treinamentos, não sendo incomum a possibilidade de professores e técnicos esportivos promoverem palestras com jogadores mais experientes, ou outros técnicos, onde se observam padrões de comportamentos “assépticos” e isolados do universo competitivo, como que tentando indicar o ideal atitudinal de nossos atletas, porém,

*“...não consigo entender meu técnico. Ele fala tanto de honestidade, de ser correto e na hora do jogo pede prá gente cavar a falta, nem que tenha que arrebentar o adversário...parece os neguinhos da torcida, que só querem ver sangue”*

*“...eu não venho mais ouvir estas palestras. Parece coisa de Edir Macedo. Depois é só porrada, grito, humilhação da torcida, por isso a gente vai se irritando até que começa a chinelar os adversários, que não têm nada com isto...”*

*“... estranho. Nem parece nosso técnico. No treino ele é uma moça...no jogo, parece o Maguila. Tá certo que temos que ganhar, mas ele deixa o time ansioso,desesperado. Por isso sai tanta briga: todo mundo fica com medo de errar e começa a cobrar do outro.Daí, tá feita a ... “*

*“...se eu fosse o FULANO, teria vergonha do meu pai.Olha que papelão o velho*

*faz, misturado com a torcida...parece que está bebado. Se o FULANO acerta, o velho fica na dele; se erra, dá vexame e se entra em bola dividida, só falta entrar na quadra e bater no adversário. Eu tenho vergonha disso...”*

*“...meu pai falou com nosso técnico e eu estava ouvindo. Eles conversaram e resolveram armar no jogo contra o B.A.C.: se nós ganharmos, tudo bem. Mas se perdermos, alguém vai apagar as luzes do ginásio, no fim do jogo, e começar uma briga, na torcida, prá descer pau nos adversários e rasgar a súmula. Porra, bicho, tô torcendo prá perder. Meu pai é fera...”*

*“...e ele veio me dar uma dura. Quem é ele prá dar dura? Vem bebado para o treino e fica dizendo que tem que ganhar de qualquer jeito, o que ele quer? Que eu mate meu marcador?...”*

Conforme estamos verificando, pelos depoimentos coletados em nossa pesquisa, a ansiedade e a agressão estão presentes em uma grandiosidade de momentos, na competição esportiva juvenil, em partidas organizadas pela respectivas federações esportivas, no entanto, é preciso irmos a fundo na questão, de forma a compreender com clareza as forças que atuam no ambiente e no momento esportivo, em especial na competição.

É comum acreditar que, pelo fato de iniciarmos nossos atletas com muito pouca idade, na prática de um esporte, isto resultará numa preparação que será potencializada para mais, garantindo sucesso e triunfos. O início antecipado ou precoce não é garantia de nada. A literatura especializada oferece-nos estudos ( SINGER, 1984; YIANNAKIS &

GREENDORFER, 1982; GILL,1988; TUTKO, 1986, dentre outros ) reveladores do dano causado pelo processo competitivo mal dirigido ou mal estruturado, lembrando- nos da necessidade de considerarmos os interesses, capacidades e necessidades dos praticantes.

Diante do estudado, em nossa revisão de literatura, temos que esta faixa etária, em questão, sofre transformações quantitativas e qualitativas numerosas em suas estruturas e funções orgânicas e mentais, com caráter irregular, diferenciado e descontínuo, sendo, portanto, natural que se verifiquem nestes períodos de vida e até que atinjam o estágio adulto, várias situações de ruptura, desequilíbrio e crise em seu desenvolvimento, influenciando em seu comportamento como um todo ( COELHO, 1991; JAROV, 1993; MATVEIEV, 1989).

O jovem atleta está sujeito a muitas transformações físicas, psicológicas, sociais e fisiológicas que exigem uma correta orientação, antes da própria prática esportiva. Esta orientação precisa vir de encontro com as características peculiares da adolescência, respeitando suas particularidades, em todos os aspectos; não basta que a duração da prova seja adequada, ou que a altura da rede seja diferente, ou que a distância a ser percorrida seja outra que não a do adulto: é preciso que o tratamento empregado seja diferenciado. Os objetivos da competição precisam estar adequado para este nível de desenvolvimento.

O que pudemos constatar foi que, a medida em que se estava exigindo do atleta adolescente uma prática formal intensa e exclusivamente competitiva, aos moldes da competição adulta, levando- os a assumirem atitudes que não encontravam respaldo em suas maturidades fisiológicas,

emocionais e psicológicas, os prejuízos superavam os eventuais benefícios.

*“...não me senti bem depois do jogo. Parece que tinha apanhado. Cara, faz mal tanta pressão, tanta gritaria, tanto palavrão. Eu não consigo pensar desse jeito. Fico paralisado... não tenho reação, diante da torcida; parece que tenho mais medo deles do que dos adversários.”*

*“...eu gosto desta zona. Prá mim tem que ser assim mesmo. Mas quando eu estou prá terminar meu lance, isso tudo me desconcentra. Não sei o que seria ideal, porque apesar de gostar de bagunça, preciso de tranquilidade para render em quadra... acho que eu sou meio estranho..., mas como controlar a galera?”*

*“...acho legal ver as mães dos outros assistindo o jogo. Mas tenho vergonha quando a minha mãe começa a gritar e a xingar o time adversário. Ela fica histérica e eu quero me esconder. Já pensou se todo mundo souber que aquilo é minha mãe? Eu não volto mais... E já pedi prá ela não gritar, mas ela não consegue se conter. depois fica umas duas horas falando: devia ter feito isto, devia ter jogado assim... eu fico quieto, mas tenho vontade de dizer: vai lá e joga. E não enche o saco...”*

*“...meus pais são gente fina. Não gritam, não xingam, nem fazem comentários maldosos. Aliás, eles não são mesmo deste tipo de coisas. As vezes eu penso que eles nem deveriam ir aos jogos, para não se indisporerem com FULANO, porque ele só fala merda. Mas, tudo bem...”*

Acreditamos, pelas observações realizadas, pelos estudos anteriores e por conhecimentos próprios que, na prática esportiva com



crianças e adolescentes, a superação desejada, e que sempre tem lugar, deve ser mais auto-dirigida do que imposta pelo meio externo, qualquer que seja ele ( pais, técnicos, torcida, etc), carecendo portanto de um bom trabalho psicológico, nos momentos de treinamento.

O hábito de praticar esporte está longe de ser um fato cultural adquirido por nós, brasileiros, já que nem sequer está socialmente organizado, tão pouco valorizado na educação e na formação de nossos jovens, apesar de muitos estudiosos afirmarem seu valor como um dos traços caracterizadores da realidade social do fim do século ( PARLEBÁS,1987; GILL,1988; DURANT,1990 ). No entanto, sabemos ser o esporte reflexo de uma evolução histórica, social, cultural e política das sociedades humanas, que tem certo impacto como se percebe numa turba desvairada que frequenta os estádios, ou que acompanha as crônicas esportivas em jornais e periódicos populares, programas de rádio e televisão. Em função desta propagação de informações, não só do mundo esportivo, observamos, ainda, que os problemas sociais e as tensões impregnam e influenciam o momento esportivo.

Não é impossível de se observar, em jogos de categorias menores, a repetição de gesto e expressões ( gestuais ou verbais ) geradas por atletas famosos. São demasiadamente frequentes as gesticulações aos torcedores adversários, à moda de Romário e Edmundo, num esporte que não o futebol de campo. Como é igualmente possível assistirmos a uma manifestação de insatisfação com seu próprio desempenho, levando a arrebentar a requete de tênis, à moda de McEnroe. Ou ouvir, após um potente bloqueio ou uma enterrada ( no basquete), um

popular “Chupa!!!”, como diriam nossos atletas - símbolos Maurício e Oscar, respectivamente do Volei e Basquete nacional. De uma maneira sutil, velada, “educada” estamos diante de manifestações agressivas copiadas pelo Brasil inteiro.

No entanto, o fato da cópia não chega a causar tanto desconforto. O problema da questão está no fato de, após uma manifestação deste nível, outras são desencadeadas, como uma reação em cadeia, onde se desobriga de ser racional e não se trabalha com limites. As expressões gestuais e verbais vão sempre sendo mais e mais acaloradas, até que se perca o controle da situação e se atinja o total desequilíbrio\_\_\_\_ ou o equilíbrio da irracionalidade, se assim quiserem os agressivos e agredidos. O mais interessante é que não se tem certeza da sua origem: se é própria do atleta ou do torcedor;

*“...eu estava na minha. Eles começaram a insultar e eu não tenho sangue de barata. Comecei a chutar todo mundo que encontrava pela frente, até meu técnico. Foi uma zona só. A torcida invadiu a quadra, os árbitros apanharam, os adversários saíram vivo porque nós demos mole...”*

*“...se o Edmundo pode...”*

*“...e quando eles me chamaram de bundão, fiz que nem o Romário: tá'qui prô 'ceis...E pronto, não gostou, pega eu...”*

*“...se a galera começa a tocar o toque de guerra, o nosso técnico falou que é prá endurecer. Porque, daí, se não ganha na boa, a galera garante...”*

*“...eu tenho medo de briga, sou devagar. Venho prá jogar, prá desempenhar meu papel. Mas não vou apanhar e ficar calado, Ah! mas não vou mesmo...”*

*“...acho baixaria estas brigas de torcida. Mas quem nunca entrou num campo não pode dizer o que se passa lá dentro. Parece uma panela de pressão: todo mundo gritando, todo mundo xingando, um monte de porcaria voando na direção da gente, e o jogador tem que ter água na veia, porque tem que ser bonzinho...”*

*“...não gosto daqueles papos antes de jogo. Em dia de treino ele quer que eu seja o melhor, o mais agressivo no combate, o mais duro, o mais frio. Na hora H, começa com papinho cristão, que tem que maneiras, que precisa respeitar o adversário. Não entendo: é prá ganhar ou prá alisar o inimigo?”*

*“...fico muito ansioso porque a disputa é muito diferente do treino. Na disputa eu estou sendo observado por estranhos. Tenho que me superar, mas tenho que superar meu adversário, principalmente...”*

O esporte, em sua feição competitiva, entra na vida moderna constituindo-se num fenômeno social que passa a interferir no cotidiano, de forma irreal. Tal interferência é dona de uma força cujo impacto determina para o homem comum uma grande gama de influências que, geralmente, não são entendidas ou não são conscientes. Ou então vejamos: será que um jogador, em sua normalidade, chutaria um fotógrafo pelo fato daquele estar objetivando? Após um lance duvidoso, o árbitro apita uma falta e, ao voltar suas costas ao jogador faltoso, é agredido com um violento chute. Tudo numa fração de segundo, sem chance de raciocínios melhores

elaborados. Não estariam tais atitudes pré-concebidas no inconsciente de seus autores?

*“...não consigo explicar. Quando me toquei já tinha enchido a mão na cara dele... Estou arrependido e com muita vergonha; não sou um animal...”*

*“...foi tudo muito rápido. Eles vaiaram, xingaram, insultaram e eu fiquei na minha. No último arremesso, depois que ví que tinha perdido mesmo e, que, eles não paravam de me chamar de ....eu mandei o disco prá cima deles...”*

*“...difícilmente me descontrolo, mas hoje foi demais. A torcida não deu moleza, meu. Era pegar na bola que eles vaiavam. Chutei mesmo, e vou chutar sempre, porque depois me senti aliviado...”*

*“...eu apanhei muito. Não sou de briga e não consegui correr. Eles me pegaram pulando a cerca e daí foi uma merda...mas, tudo bem...”*

Ao pensarmos na competição entre adolescentes, precisamos ter em mente que a compreensão dos aspectos da natureza humana se fazem necessários. O fenômeno esportivo inclui facetas da importância social de sua prática e de sua audiência, bem como todo esse alcance cultural. Isto porque, no momento esportivo, não apenas os atletas são elementos em ação, mas também as torcidas presentes e ausentes, os dirigentes, a mídia e os objetivos daquele encontro. O universo estará

sendo composto por micro-sistemas que, à distância, influenciam para que uma determinada conduta seja explicitada, num momento ou noutro.

Pelos nossos estudos percebemos que, com relação a agressão em campo/quadra, uma possível explicação para tal ocorrência esteja na extrema eficácia do comportamento agressivo observado no contexto esportivo e mesmo social. Verificamos em nossos jornais e redes de televisão que a linguagem assumida pela mídia é aquela que privilegia os termos hostís e fortes, como: “FULANO arrasou na estréia”, “TIME TAL derruba OUTRO TIME em jogo difícil”, “BELTRANO precisa da vitória a qualquer preço”. Sem contar com comentários de cronistas esportivos que, em seus momentos de muita insanidade, repetem insistentemente, jargões tais como: “...afunda, Tande...”, “...destrói, Marcelo Negrão...”, “...enfrenta, Maguila...”.

Entendemos da dificuldade encontrada para que todos entendam das particularidades do universo do mundo esportivo, apenas acreditamos que o profissional da educação física ou do esporte, ou o treinador, não possa se omitir de tais conhecimentos e que atuam adequadamente diante de seus comandados, de seus pais e dirigentes, além da crônica esportiva. No mínimo, auxiliaria na formação de um grupo coeso, voltado aos aspectos educacionais que acreditamos permear o momento esportivo, neste nível.

*“...o técnico deles manda eles fazerem falta...”*

*“...meu pai falou prá eu xingar meu técnico se ele começar a pentelhar...”*

*“...o reporter não entende de basquete, o que vai querer falar mal? Empurrei, sim, e xinguei, mesmo. Quando a gente ganha eles não falam nada, agora que estamos perdendo vem querer tirar um aluguel da nossa cara...”*

*“...nosso técnico não gosta de zoeira. Prá ele jogo é jogo e o melhor deve ganhar. Não é de bater boca com árbitros nem de deixar a gente brigar. Ele nos defende muito. Até falam mal dele por causa disto, mas ele mostra serviço e nós ganhamos sempre. É difícil ter encrenca em nossos jogos...”*

Fica difícil entender a totalidade de fenômenos que ocorrem no momento esportivo, uma vez que cada situação tem seu precedente em outra e uma consequência posterior, encadeadas, o que torna difícil o aconselhamento para situações que fujam dos aspectos técnico-táticos esportivos. Entretanto é bem mais difícil tentarmos tal aconselhamento se não conhecemos em que condições esta prática esportiva contribuirá para a formação da personalidade de nossos adolescentes.

Podemos acreditar que, expondo nossos jovens à competições federadas, as regras serão suficientes para garantir um ambiente agradável e tranquilo? O fato de disputarmos um campeonato de uma Federação Esportiva, tido como dos mais rigorosos e sérios, garante segurança ampla para nossos jovens? Sabemos que tais garantias não existem em nenhum evento, seja ou não federado. Tanto por observação quanto por discussão, pudemos perceber que, a medida em que se aumenta o grau de seriedade da competição, ou a aproximação do título em disputa, aumenta-se o grau de ansiedade dos participantes que não receberam especial atenção em suas preparações, e este quadro só tende a ser agravado, considerando-

se o fator “torcida”, que exigirá grandes performances e resultado favorável

Garantir um enquadramento eficaz numa competição, acreditamos, seria o mesmo que assegurar uma condução pedagógica correta a todo o processo de aprendizagem e de integração do jovem, nos quadros competitivos correspondentes a sua própria expectativa, interesse e necessidade( SEGRÉ, 1995 ). Percebemos que o primeiro passo a dar nesse sentido é o de transformar a competição, que numa federação assume ares de confrontos e rivalidades agressivas ( s.m.j. ), numa competição participativa, cooperativa, de dimensão formativa e educativa, coerente com o desenvolvimento de seus atletas. Nesta haverá lugar para o saber e o saber fazer, de modo a se buscar o resultado, entendendo-se das possibilidades técnica-táticas, bem como respeitando-se o adversário, pelo que é e pelo que representa\_\_\_\_\_ sem o terrorismo do “mêdo do adversário”, mas com a satisfação de poder sentir “respeito pelo adversário”\_\_\_\_\_.

Uma quase unanimidade de atletas comenta que, em outras épocas,perder não era tão complicado ou tão desastroso, mas que, o fato de disputar campeonato de federação, e em quadra local, hoje, faz com que se tenha maior seriedade e se busque maior rendimento\_\_\_ a qualquer preço. E este comportamento parece ser dissimulado em todos os atletas e técnicos que fazem opção por disputar uma federação esportiva.

Alguns julgam que apenas assim atingirão alto nível de trabalho\_\_\_ mesmo que estejam trabalhando inadequadamente\_\_\_\_\_, outros acreditam que apenas em federação seus atletas estarão motivados

para altas performances\_\_\_\_\_ como se a motivação pudesse ser apenas extrínseca\_\_\_\_, enquanto outros acreditam, ainda, na formação do espelho, que atletas-mitos ou “semi- deuses” possam refletir em seus pupilos\_\_\_\_\_ esquecendo- se que o “semi- deus”é fruto de uma trabalho diferente daquele que ele faz\_\_\_\_, inclusive paira uma certa divergência para os dirigentes: o campeonato de atletas federados atrai mais público, realmente?. Outros detalhes podem ser analisados nas falas seguintes:

*“...ontem perdemos feio para o Sírio, mas meu técnico disse que a vantagem do jogo foi poder ter jogado contra o FULANO. Assim nós aprendemos com ele...”*

*“...bem que FULANO tinha razão. Nadei do lado do Xuxa. Cara, ele é enorme...poxa, bicho,aprendi um monte, apesar do aluguel que a torcida tirou da minha cara...”*

*“...ano passado era joguinho prá lá, joguinho prá cá.Esse ano é federação e é só cacete prá lá, cacete prá cá. É bom apanhar agora para depois bater nos outros...acho que estamos aprendendo muito. Pena que os dirigentes e o público não entenda isto...”*

*“...estranho. Antes, quando disputavamos a Liga, nosso time era tranquilo, jogava bem, todo mundo calmo. Agora que estamos na Federação, parece que todo mundo quer brigar, quer saber mais que o outro e nada acontece direito. Minha mãe falou que é ansiedade...”*

*“...eu não concordo com os caras de TAL LUGAR. Eu acho que jogo é jogo e que não depende de ser Liga, Associação, Federação. Em qualquer um deles o nego tem que mostrar o*



*que sabe. Que adianta estar na Federação e só levar na cabeça?...”*

Considerando estas manifestações podemos perceber que existe uma certa indução ao comportamento de se valorizar as disputas federalizadas, em detrimento de outros campeonatos. E, após assumida tal forma de campeonato, o que se vê é uma conduta diferenciada por parte de dirigente, técnicos, público e família, endosando o alto grau de desempenho e consequente resultado que, parece, apenas em jogos de federação se pode atingir. Este pensamento é movido por ações que estimulam um treinamento mais voltado ao “vencer acima de qualquer coisa”, sem se importar com consequências advindas de uma preparação inadequada. Quando se aceita que a meta principal é vencer, independentemente dos meios adotados, aceita-se que os comportamentos podem estar desorganizados, desarranjados, ansiosos, agressivos mas que desemboquem em lances de vitória ( GUAY, 1993 ). Isso parece ser consensual, inclusive entre pais e técnicos, senão vejamos depoimentos gravados em jogos:

*“...um jogo deste nível estimula a agressão. Em federação isso é comum. Meus jogadores estão preparados...”*

*“...você não queria campeonato sério? Agora é isso...parece com o campeonato adulto. Mas tem um detalhe, não venham se queixar, nem reclamar das minhas exigências. Eu vou cobrar porque em federação o negócio é sério...”*

*“...para ele foi bom. O fato de disputarem um torneio federado deu mais*

*seriedade a seu compromisso. Parece que ele é outro, está mais empenhado...”*

*“...para um pai é difícil assistir um jogo tão violento, porque nunca se sabe o que pode acontecer. Já esperava por isto, na federação. Mas ele já é homem e sabe se defender...”*

*“...eu não notei muitas diferenças com relação aos adversários. Inclusive estes times que já vieram aqui, eram da chave deles, em 1995, do jeito como estão. O que mudou foi a cobrança da diretoria do clube sobre o técnico e deste sobre a equipe. Isso tem feito muita diferença no comportamento dos meninos. Talvez, até seja a causa de tanta derrota. É muita pressão na cabeça deles, não acha? Porque não se pensou nisto, antes de entrar na federação? Afinal eles são moleques e não profissionais...”*

*“...no meu ponto de vista, que sou ignorante nisto, eles mudaram para pior. Qual é a diferença entre a Liga e a Federação? Eu não estou vendo...só sei que meu filho não dorme antes de jogos, fica nervoso, decaiu na escola e entrou no esquema de regime, para ser mais ágil. Não estou gostando disto. Depois repare bem, o professor deles mudou o comportamento: antes era amigo, agora só dá dura nos meninos. Não, não estou gostando...”*

Entendemos que estes comentários explicitam a origem de um comportamento ansioso e, mesmo, agressivo. Se a cada treinamento é feita uma cobrança com relação ao rendimento e ao envolvimento dos jovens em seu campeonato, lembrando o grau de empenho e a importância do “vencer” cada adversário, estaremos constantemente trabalhando com um nível de expectativa além do necessário. Muito mais que isto, estaremos

concorrendo para a criação de hábitos agressivos ao sugerirmos uma vitória, ainda que de forma duvidosa. Parece ser muito claro este tipo de conduta em alguns pais, dirigentes, torcida e técnicos, que buscam interferir no processo\_\_\_\_\_ e no resultado, também\_\_\_\_\_ de forma a acentuar uma diferença irreal entre os tipos de campeonatos existentes.

Ao atribuímos objetivos acima das possibilidades de nossos atletas, ou ao valorizarmos determinada partida mais do que outra da série de jogos que se tem para cumprir, estaremos manipulando componentes físicos e psicológicos de nossos alunos. No entanto, em nossos discursos didáticos sempre colocamos estas duas etapas como algo de muita preocupação para nosso trabalho ( JOLIBOIS, 1995 ). Como ficariam, então, os técnicos que, em sua manipulações esquecem de que estão envolvendo a reação dos atletas jovens com a sobrecarga de esforço físico? O que dizer de quem menospreza o comportamento juvenil, em treinamentos e jogos, sem se inteirar com o quadro social das relações esportivas?

Percebemos que, tanto a ansiedade como a agressividade esportiva vieram de um trabalho mal estruturado, ou de uma forma de trabalho inconsequente, que buscava resultados sem se preocupar com o equilíbrio de seus atletas. Em raros momentos pudemos perceber uma atenção ao ritmo individual de entendimento ou de sensibilidade dos atletas adolescentes, mas muitas vezes percebemos que todos, sem exceção, eram cobrados pelas coisas que faziam, fizeram e fariam. Num clima de tanta pressão, é preciso uma estabilidade emocional a toda prova, o que é improvável de ser encontrada em um grupo em fase de amadurecimento.

Diante dos estudos realizados no decorrer de nossa revisão de literatura ficou- nos evidenciado que fica difícil convenceremos nossos atletas da necessidade de aumentar a intensidade de esforços, de treinar mais, compreender melhor e competir com aqueles que estão tecnicamente superior aos seus limites. Constatamos, ainda, em observações e confrontando com a literatura assumida, que a maneira de encarar a competição como obrigação de vitória tinha criado uma atitude individualista, preocupada com a afirmação ativa de suas personalidades, opondo- se, pois, ao espírito de equipe, conforme dados estudados e oferecidos por APPAY( 1995 ), GUAY ( 1993), JOLIBOIS ( 1995 ) e SEGRÉ ( 1995 ).

*“...eu sei de mim. Estou treinando para vencer. Os outros que se danem...”*

*“...quero ver quem vai botar a cara comigo. Tô me matando prá esse jogo. Não vai ter prá ninguém, e se a torcida vaíar eu ignoro...”*

*“...apesar de ser coletivo, comigo não tem essa de moleza: ou o cara dá duro ou cai fora. Cada um faz sua parte...voce vai ver como vai dar certo...”*

*“...essa história de preparo físico é coisa prá quem quer descer porrada. Já viu judoca fraco? Mas o difícil é pensar em superar aquele bruta-montes, com aquelas galinhas gritando...”*

A dificuldade para fazer com que cada atleta entendesse sua função, ajustando- se a novas condições e novas exigências de *preparação*, dentro da equipe, do treinamento e da competição determina comportamentos pouco flexíveis na direção do grupo. A solução para cada

caso deve estar na comunicação que se estabelece entre os membros da equipe, traçando uma plataforma comum de objetivos, com estratégias individuais, dependendo das capacidades pessoais. Inclusive, diante das variáveis ambientais, deve-se levar em conta a questão da territorialidade. Relaciona-se a essas variáveis as questões do jogo defensivo e jogo em casa, encontrando-se maior nível de agressividade nas situações que induzem à defesa do espaço, o território do grupo (Wonel e Harry, 1986; Lefebre, Leith e Bredemeir, 1980, apud MACHADO, 1997). Resta-nos saber como são trabalhadas tais capacidades.

*“...ele mandou eu me virar com o preparo físico...”*

*“...meu saque não entra. Não sei mais o que fazer. Meu técnico mandou eu ficar tentando, porque no jogo eu preciso me virar sem ele interferindo...”*

*“...temos que ganhar no próximo sábado. Eu me garanto, o jogo vai ser no nosso clube e quero ver como FULANO vai se virar, porque ele estava mal na parte física...”*

*“...já foi melhor. Antes nós treinávamos tudo, sempre juntos. Agora parece que cada um quer mostrar mais serviço que o outro e a competição não é contra os adversários...é entre nós mesmos, principalmente quando é na quadra dos adversários. Que vergonha...”*

*“...interessante como as coisas mudaram. Agora todo mundo corre atrás das suas coisas, sem esperar que o técnico mande. Cada um cumpre seu papel..”*

Durante a competição, dar o máximo, fazendo sempre melhor e ampliando os limites próprios, é uma tese a ser seguida, continuamente. Talvez seja a própria estrutura do esporte. Desta forma, o limite individual assume características específicas em cada uma das práticas esportivas; todos os jovens esportistas estarão empenhados em superar suas próprias marcas, independente de quais sejam elas: seu limite e/ou o limite do oponente. A competição passa a ter conotação de comparação de valor e de capacidade entre indivíduos, que se regem por normas que definem espaços e originam tensões.

Fica difícil garantir que não se ultrapassem limites. Ao tentar a auto-superação, parece haver uma pré-disposição para a superação do limite do outro, sem mesmo contar com as características individuais dele. Os valores individuais são confundidos com valores gerais, principalmente com a torcida forçando resultado, e tudo se complica: atitudes, emoções, limites...

Durante o tempo em que estivemos participando dos campeonatos, como interessados em desenvolver a pesquisa em questão, pudemos constatar outro curioso fato: o relacionamento pai- técnico é algo de complicado. Nem sempre os contatos passam do apenas social, com cumprimentos, acenos, tapinhas nos ombros. No entanto, quando assumem outra dimensão, com maior aproximação, seus tentáculos permitem muitas e variadas análises. Foi muito claro a atitudes de pais ( componentes de uma especial torcida !!! ) que se aproximam com o intuito de reforçar e ressaltar as performances do seus filhos, exaltando feitos de treinos e jogos

anteriores, como foi igualmente claro as manifestações de desagrado e descontentamento com a escalação da equipe.

*“...e aí? tudo bem? vamos ganhar de novo? como está o campeão?...Treinou bem esta semana? No último jogo ele deu trabalho prôs adversários, não? Vamos esperar o jogo de hoje...”*

*“...Bom dia. Que bom que o jogo é cedo. Assim não atrapalha o almoço do domingo, de novo. Veja se voce consegue mudar esses jogos. É horrível prender a familia toda por causa de um jogo. Tô pensando em propor prô FULANO a mudança do basquete para o Handebol. Assim ele só joga as sextas e sábados.”*

*“...veja lá o que voce vai me fazer, de novo. Não vai me substituir meu filho pelo japones e por o meu para fazer o revesamento e a prova de peito... Porra, cara,pense bem. Meu filho tá bem...Larga mão de sacanear o moleque...”*

*“...eu confio no professor. Para isso ele deve ter se preparado. Então, quando eu não concordar com o que está acontecendo, venho e tiro o garoto daqui. Acho mais sensato do que ficar esgoelando do lado de fora da pista e criar clima entre o menino, o técnico e eu...vamos ver até onde vai.”*

Certo que nem todos os pais têm liberdade para escalar seus filhos, como nem todos os técnicos permitem tal grau de liberdade. O que procuramos pinçar foi que condutas mal elaboradas podem criar climas de desconforto, num ambiente onde se deve primar pela boa educação, equilíbrio e sensatez. Uma equipe de adolescentes, que busca em seus

componentes as energias para superar, juntas, as dificuldades próprias e contrárias, deve ter em seus pais um apoio, coerente com as opiniões de técnicos bem estruturados e organizados, que tentem manter com as famílias dos atletas um contato saudável e enriquecedor. Acreditamos que, em equipes onde pais, técnicos e atletas se reunam para compor seus objetivos e distribuir tarefas, o clima seja mais saudável e estabilizador, do que naquelas onde só se encontram para “assistir” a vitória.

Nossas observações nos indicam que, sempre que a oposição entre competidores ganhava uma agressividade mais acirrada, assumindo feições de conflito e de violência, era porque outros fatores interferiram na disputa. Estes fatores estavam fora da prática esportiva; eram de natureza externa: sociais, psicológicos, afetivos, mas tendiam a deturpar o momento esportivo, por não possibilitar ao atleta jovem seu total engajamento à disputa, sem se desvincular das amarras externas. A torcida sempre está presente, de uma maneira ou de outra

*“...estava no ar. Havia brigado com a gata e só queria acabar logo com aquela merda. Desci o pau, mesmo, queria ser expulso...foda-se o placar, a torcida e os dirigentes...”*

*“...estamos passando uma fase brava em casa. É o desemprego do velho que tem bagunçado minha cabeça...será que devo continuar treinando? Ou é melhor procurar um trampo? Não consigo me concentrar na partida...”*



*“...não estou legal. Vou levar pau na escola. Meu pai vai me tirar daqui, bicho. Que vou fazer da vida? Só sei jogar...”*

*“...quando eu tô de alto astral pode vir quem quiser. Nada me abala, nem a torcida; eu traço tudo...”*

O fato de aumentar ou diminuir as incertezas de nossos jovens atletas, bem como a grau e tipo de emoções a que os submetemos pode alterar a performance e o resultado final de uma temporada. Trabalhar o desconhecido é uma das tarefas do profissional que atende as necessidades dos adolescentes atletas; porém é preciso dosar o número de incertezas, para que elas possam ser vivenciadas, passo a passo, até que se tenha possibilidade de conhecer o conjunto de fatores que se configurará na competição. De pouco rendimento é o procedimento que adotam certos profissionais, descarregando uma coleção de características de seu adversário, quando estas são muito diferentes das de sua equipe. É preciso que se dê tempo para se assimilar cada um dos detalhes e, somente depois, tentar superá- los.

Verificamos, em nossa pesquisa, que muitas informações não recebiam um tratamento direto, uma vez que os profissionais não diziam claramente aquilo que era passado numa linguagem subliminar. Várias vezes percebemos a intenção de levar a um comportamento agressivo, ao informar a desproporção numérica entre os jogadores de uma equipe de Basquetebol, bem como a desigualdade de tamanho ( altura e peso ), entre os jogadores de Handebol. O melhor aproveitamento destas informações levaria a um jogo mais hostil, mais duro, apesar de, quando inquiridos, não

admitirem tais posicionamentos. A leitura que nos foi possível fazer, de situações como estas, foi a de que se deflagra o processo hostil, violento, com informações até “inocentes”, mas exime-se de culpa diante de um ato violento, por não se ter pedido para praticar atos tidos como de vandalismo. seria uma forma indireta de excitação, comum no meio competitivo. Interessante dizer que muitas destas informações eram passadas pelos próprios torcedores:

*“... pega o comprido; passa o pé nele. Segura ele. Porra, cara...agarra este magrelo...”*

*“...não está vendo aquele idiota de camiseta rasgada? marca ele... só ele tá jogando...voce é mole, mesmo...”*

*“...ah! de novo...voce tá de gozação...perdeu prô cara de óculos? Tá doido...”*

*“...Não, aí não, burro corre atrás do cara loiro. Vai, pega o galego...mete a mão, marca...rouba a bola dele...Se eu fosse seu técnico...”*

Pouco feliz é o procedimento de profissionais que, em suas exaltações, lembram seus jovens atletas de momentos difíceis, anteriores, exatamente quando eles se repetem. Analisando, como pesquisador, tem-se a impressão que a leitura realizada pelo técnico é que, ao denunciar o início de um processo negativo, toda a situação subsequente será salva, e que nossos adolescentes não mais se sentirão fragilizados, tão pouco errarão. No entanto, tanto a teoria como a prática demonstram exatamente o contrário: a um mal momento, devemos contrapor bons exemplos.

Mencionar o erro, sem propor correções ou pistas que conduzam até elas, pouco efeito saudável resultará, apesar de não ser este o comportamento adotado por dois tipos específicos de torcedores, além dos técnicos: pais e imprensa.

Assim, os gritos de alerta, gesticulações exageradas, palavrões, piadas mal empregadas e ridicularizações não serão os melhores suportes para um comportamento menos ansioso. Primeiro porque pode se estar facilitando ao oponente a descoberta de fragilidades que não estavam tão a descoberto, depois por atrair a atenção do público adversário para seus comentários, aumentando a pressão da torcida e, finalmente, por desalojar o estado de concentração do atleta, que na eminência do erro, busca se controlar em sua própria fragilidade.

Neste caso acima descrito, percebemos situações de correção da execução, ainda no momento competitivo. Entretanto, BANDURA ( 1986 ) nos oferece dados para entendermos que tal fato apenas resultará numa correção adequada se o executante tiver conhecimento mínimo ( informação ) dos resultados da execução por ele realizada. E tal grau de análise é muito difícil de ser conseguido no momento competitivo, pelo quadro a que se está exposto, onde todas as movimentações estão sendo dirigidas, rapidamente, para o objetivo-fim. E mais, o aperfeiçoamento da execução irá se realizar por correções sucessivas, a partir de coleta de informações, que enriquecerão qualitativamente a ação em discussão. Não será um grito ou um esbravejamento que ocasionará uma correção gestual, apesar de ser aquilo em que acreditam nossos profissionais atuantes no esporte competitivo federado ( ou não ).

Nem sempre os pais são os melhores torcedores que se pode pretender, para que uma partida tenha um bom nível técnico, sem comprometer a satisfação pessoal do atleta, que buscará superar seus limites, sem ultrajar os de seus adversários. Ou sem ouvir provocações de seus “próximos- mais- próximos”, com relação a este ou aquele lance da partida, ou mesmo adversário.

Em nossas observações foi possível notar que, apesar da exigência de algumas torcidas, não foram estas que incidiram mais fortemente sobre as questões da ansiedade e da agressão, nos jogos entre adolescentes, porque, mesmo sendo um campeonato da **federação**, o fato de ser categoria juvenil ou infanto-juvenil ( de 14 aos 16 anos ), não atrai tanta atenção de público, como numa categoria principal ( adulto ), salvo os amigos mais próximos ou namoradas e parentes. Relevando o fato destes torcedores serem de grande importância para o universo social de nossos atletas, ainda assim o número de expectadores não era grande, salvo em finais de torneios ou de campeonatos estaduais. Porém, o que chamou nossa atenção foi verificar que, com ou sem platéia, os pais atuam como se aquele fosse um espetáculo único, em sua grande parte.

“...não brinca comigo, filhão...não vai errar de novo...”

“...não falei; ele está muito bem, está treinando muito, só pensa no esporte, nas medalhas, nos jogos. É um vencedor...olha como está bonito...”

“...não me erra o saque, puta que o pariu. Seu técnico não treina vocês, aquele fresco?”

“...filhão, olha prô pai...olha, filhão...chuta no canto...no canto...no canto, burro”

“...ganhou, eu vi. Só que podia fazer melhor...”

Muitas foram as vezes em que ouvimos gritos provocativos e exultantes, para que se prosseguisse numa jogada mais agressiva, ou que se tentasse eliminar o oponente com ações pouco convencionais, lembrando em muito uma arena romana. No entanto, ao final de cada embate, tristes eram os conselhos ou as retro-informações trabalhadas: “naquele momento, voce deveria ter feito assim...”, “...mas, porque voce não o empurrou...”, “...pensa mais, filho, pensa mais...parece burro!!!”, ou simplesmente “...fiasco, voce não tem jeito prá coisa. No meu tempo, sim...” ; e, desta maneira o jovem fica perdido entre um turbilhão de dados inúteis para sua reformulação pessoal, sem saber como corrigir ou aprimorar seus movimentos. Dele só se cobrou uma performance ímpar, pelo fato de disputar um campeonato de federação, como se o valor estivesse no campeonato e não em quem o disputa.

Por vezes, percebemos, são os pais, na torcida, os maiores responsáveis pelo alto nível de ansiedade e agressividade do momento esportivo. Suas interferências são sentidas no decorrer de uma partida\_\_\_\_\_ quando não antes dela\_\_\_\_\_ de forma a levar seus filhos a comportamentos hostís e irreverentes, quer seja pela proteção paterna próxima ou pela possibilidade de vir a ser cobrado de uma atitude mais viril, ao final da participação. O simples fato da possibilidade de um pai poder gritar desesperadamente, da arquibancada, para seu filho faz com que se

aumente o estado ansioso: a que momento ele gritará? será que gritará meu nome? será que sabem que aquele troglodita é meu pai?

Na sequência destes questionamentos teremos um jovem que tende a não dominar todos seus comportamentos. Suas emoções estarão em frangalhos e sua atenção não terá a mesma seletividade que se espera de um atleta que disputa um campeonato tão importante, quanto o da federação. Este desenvolvimento de situações ditas caóticas estão por conduzir nosso adolescente à beira de uma crise emocional que terminará ou em prostração ou em agressão a tudo aquilo que lhe parecer desfavorável. E o ciclo se fecha.

Atentando para os estudos de ORLICK( 1986 ) verificaremos que os atletas sem preparação adequada, que lhes permitam participar das competições sentindo- se confiantes, terão poucas chances de alcançar uma boa performance. Isto porque, no alto nível as habilidades esportivas de diferentes atletas se igualam. Portanto, os atletas precisam estar bem preparados psicologicamente. Ainda de acordo com o autor, aos atletas são necessários três requerimentos básicos para a excelência no esporte: talento, treinamento intenso e “cabeça”.Hoje, cada vez mais a diferença entre ganhar e perder está nos fatores psicológicos.

*“...estou cansado de treinar, treinar e treinar. Preciso é por minha cabeça no lugar, para entender o que estou fazendo...”*

*“...não aguento mais: teste de esteira, teste de “ velocidade, teste de carga*

*máxima, teste de habilidade...quando vão dar teste de medo?...”*

*“...treinamos muito no começo da temporada. Acertamos nosso condicionamento físico e técnico. Agora é hora do tático e da cabeça. O Fulano falou que vai trazer um psicólogo prá bater papo com a gente. Tomara que seja um cara cabeça...”*

*“...não adianta tanta coisa: massagista, fisioterapia, médico...quero alguém que fale conosco. Só isso. Chega de porrada, gritos e insultos...”*

*“...o Fulano deixou eu trazer aquela psicóloga, uma vez por mes, prá falar com a gente...”*

*“...tudo florzinha. Esses veados ficam de frescura e vem com essa tal de Psicologia. Eu quero é fazer gol...”*

Os progressos registrados na Psicologia do Esporte, do ponto de vista teórico-prático, são consideráveis, mas pouco difundidos em todos os ambientes esportivos. Interessa saber porque os profissionais envolvidos com o processo de aprendizagem e treinamento, até o competitivo, não se estruturam para melhor conduzir seus atletas, sem

riscos de sobrecargas emocionais e cognitivas. Estar pronto para ter o rendimento máximo, sempre que participa de uma competição, constitui um desafio que se coloca a todo o atleta. As participações de qualidade dependem da capacidade de orientar o pensamento e as emoções, de modo a que funcionem adequadamente antes, durante e após a competição. Esta tarefa não é fácil.

Temos, hoje, que a performance esportiva não é apenas a somatória das capacidades físicas, técnicas, táticas e psicológicas dos membros de uma equipe ( SERPA, 1995 ), mas também das interrelações entre estes membros, incluindo tanto os de influência direta ( relacionamento entre atletas, entre atletas e comissão técnica e entre comissão técnica ) como os que afetam indiretamente seu desempenho ( família, grupo de amigos, a igreja, a mídia, torcidas...)

*“...acho legal meu pai se entender com o professor, assim, não precisa ficar como o FULANO, que o professor manda fazer uma coisa e o pai manda fazer outra. Deve ser difícil para ele decidir...”*

*“...agora que o pessoal sacou que eu não furei com o grupo, eu me sinto legal e até consigo me concentrar para jogar. Antes eu nem queria vir prá quadra...”*

*“...quando estamos unidos, a competição fica mais legal. Todo mundo foi me ver saltar, torceu por mim, como se eu fosse importante. Isso me fez bem...”*

*“...por isso eu tô chateado. Ninguém vem dar apoio; só cobram. Assim não dá...”*



O treinamento é planejado, estruturado e controlado, principalmente, para o aumento da competência motora. Muitos técnicos, professores e atletas parecem pensar e agir\_\_\_\_na maior parte das vezes\_\_\_\_\_ sob o ponto de vista bio-fisiológico. Somente quando acontecem interferências\_\_\_\_ que não se explicam pela Biologia ou Fisiologia\_\_\_\_ é que a dimensão psicológica e social dos treinamentos e competições são levados em consideração. esta interferência, de acordo com EBERSPACHER ( 1983 ) seriam, por exemplo, a falta de concentração, o fracasso de um favorito, os problemas de relacionamentos, a ansiedade e a agressão.

*“...tô bem. Tô forte, musculoso, mas alguma coisa me desconcentra, me desestimula..., não sei jogar em casa”*

*“...pela primeira vez estamos tão bem fisicamente, mas de cabeça...”*

*“...que saco. Tanto treino, tanto preparo físico. Chega na hora de mostrar resultado, é essa coisa: todo mundo ansioso e brigando um com outro. Tem coisa errada nisso...”*

*“...e ele falou que podemos até ganhar o Troféu Brasil. Só precisamos de cabeça...”*

*“...a gente briga na quadra porque não tem cabeça. Até os árbitros elogiaram a equipe; mas falaram que somos descontrolados...”*

Evidente é o fato de que numa competição não basta apenas participar, uma vez que todos os condicionamentos humanos indicam a necessidade de superação, através do desenvolvimento e do

aperfeiçoamento das capacidades, desencadeando um processo criador de novas expectativas, novos fazeres, novos saberes, em todos os feitos. Porém, é preciso que se trabalhe outros valores, dentro da própria competição, que não apenas a vitória, como imperiosamente cobra a torcida. A satisfação de poder analisar o próprio progresso, melhorando a auto-imagem e fortalecendo sua estrutura corporal e/ou o prazer por concluir uma prova ou jogada considerada difícil, no momento, são exemplos de valores a serem trabalhados, de forma a incrementar os elementos que compõem o processo competitivo, fazendo com que não exista uma única possibilidade de se assistir a uma embate: garantia de vitória.

Estabelece-se assim um processo dinâmico, de interações constantes, que ao solicitar a participação crítica dos jovens atletas, originará a valorização qualitativa da prática competitiva. Acreditamos, mesmo, que diante de tal reflexão, os adolescentes buscarão novos fatos de cultura , desenvolvendo, portanto, novas situações e exigindo novos ingredientes da área do saber humano, chegando a uma dimensão mais humana da disputa competitiva. E isto dependerá da maneira como será conduzido o processo da prática esportiva, como um todo. Não se pode falar apenas no treinamento, ou no jogo, ou na torcida, ou na família,...mas no interrelacionamento que tal processo dinâmico necessita para atingir um objetivo diferente do exibido até então( FRAYSSINET, 1994).

Os pesquisadores, ao longo de todas essas pesquisas, demonstraram preocupação com o desenvolvimento pessoal e social dos atletas. É possível que o sucesso, a qualquer custo, possa trazer mudanças de comportamento e levantar questões éticas se não forem bem

acompanhados por psicólogos preocupados com aspectos educacionais e de desenvolvimento humano durante a prática esportiva.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES**

Para MACHADO (1993), o esporte precisa ter sua prática associada à ética de tal forma que se torne inviável a sua prática, sem que não se observem os preceitos morais e éticos que compõem a sociedade.

O esporte é prazer para o homem, quando praticado de forma lúdica. Para o adolescente dependerá, exclusivamente, da maneira como o esporte é visto por ele e pelo profissional responsável pela sua prática esportiva. À

medida que o vínculo criado passa a ser o de brincar, de confraternizar-se e/ou de comunicar-se com os seus semelhantes, em um contexto livre de ânsias, agressividade e violência, o esporte tem caráter lúdico.

O adolescente, que participa de uma determinada modalidade esportiva, cuja finalidade é apenas o jogo, conservando-se as características da espontaneidade e despreocupação com a alta performance, passa a vivenciar uma atividade lúdica cuja essência é o sentido do próprio jogo (HUIZINGA, 1981). É possível que toda e qualquer prática esportiva esteja livre de interesse material, inclusive livre do julgamento da torcida, de maneira tal que seu valor educacional e de lazer venha a proporcionar alegria, aliviar tensões e, decisivamente colabore para o desenvolvimento integral do indivíduo.

Nem sempre a participação e o bom senso do indivíduo, no esporte, estão lado a lado, em situação de alto rendimento. Muitas vezes, quando a competição cobra ajustes de seus participantes, aspectos degradantes e prejudiciais ao atleta, podem surgir e levá-lo a desvios de comportamento ou a desajustes. Exemplos comuns são a ingestão de drogas e a agressão aos outros. Embora os professores e treinadores de educação física definam seus programas de treinamento defendendo, veementemente, que estão desenvolvendo integralmente o atleta e preparando o cidadão do futuro existem evidências de que no esporte - competição esta afirmação é, pelo menos, contraditória.

Nesta perspectiva, é preciso tentar reverter estas atitudes inadequadas, e transformar em fundamental o esporte que tenha como objetivo proporcionar ao adolescente experiências, para que ele aprenda a

lidar com esta etapa da vida de maneira mais saudável, contribuindo para o seu desenvolvimento tanto corporal como psicológico.

Ficou evidenciado, por meio de estudos experimentais, utilizando-se uma metodologia rigorosa, que a exposição a modelos agressivos diretamente ligados à televisão, produz comportamento agressivo nos telespectadores (BANDURA, 1973, 1986). Todos esses estudos confirmam a posição de Bandura e sua teoria a respeito do fator modelo, tanto na aquisição, quanto na manutenção de comportamento. A televisão brasileira tem um espaço de qualidade para os esportes, principalmente, esportes competitivos como o futebol, o basquetebol, o voleibol e outros. O esporte competitivo representa, hoje, um tipo de experiência na qual o confronto físico ocorre das mais variadas formas entre os indivíduos, grupos, associações e mesmo países, arrastando torcidas volumosas ( e impiedosas ) para suas arquibancadas.

O aparecimento de comportamento agressivo e violento está diretamente ligado à importância emocional que a competição representa para cada esportista/ torcedor e seu envolvimento emocional com a atividade. Deve também ser levada em conta a participação direta das expectativas que cada torcedor leva para a competição, influenciando assim o comportamento agressivo de cada atleta na competição. Quando há uma platéia e/ou uma torcida, esta também influencia o emergir e a manutenção da agressão, tanto entre os que estão diretamente envolvidos na atividade esportiva, como nos que a assistem.

Entendemos como GROEBEL (1994), que nos lembra que a agressão no desporto é consequência ou parte integrante da agressão

existente na sociedade, e que parece utópico querer eliminar a agressão do desporto sem modificar a situação geral da sociedade. As questões ambientais, de carácter geral e específico, são variáveis importantes dentro das pesquisas, com respeito ao comportamento agressivo no esporte.

É sabido que o treinamento esportivo assume um papel importante para a autoconfiança dos atletas, que vem a alterar o nível de ansiedade e agressividade. Ainda que pareça claro, os atletas só poderão sentir-se confiantes se estiverem bem preparados, sob o ponto de vista físico e técnico. Devem possuir força, rapidez, flexibilidade e resistência necessárias para atender às dificuldades peculiares a cada modalidade esportiva, não apenas estando habilitado a executar bem as técnicas e táticas, mas sobretudo sabendo manter a serenidade diante da pressão competitiva, o que envolve uma adequação ao poderio do adversário e à insanidade da torcida.

Sabemos, ainda, que a experiência do atleta, tanto quanto sua preparação tática e psicológica, somadas a uma eficiente preparação física e domínio dos gestos técnicos, tenderão a produzir participações adequadas; no entanto, são freqüentes as constatações de que existe um grande número de jovens que participam de competições sem possuir os requisitos necessários para competir. O treinamento tem como característica o aprimoramento das habilidades técnicas, o desenvolvimento do potencial físico, para que os atletas se sintam confiantes nos procedimentos dos aspectos táticos empregados pelo treinador, assim estando preparados para o desafio maior de enfrentar os seus adversários e a torcida, que busca um resultado positivo.

As condições sócio-econômicas e políticas, bem como a socialização são variáveis que atuam intimamente na motivação e comportamento dos atletas. Essas variáveis de caráter geral reforçam o comportamento do atleta, tanto positiva quanto negativamente (CRUZ, 1996) e, até incoscientemente, são valorizadas pela torcida.

Infelizmente as pessoas que estão à frente do desporto, em sua grande maioria, não utilizam de forma coerente sua liderança em prol do desenvolvimento do atleta e nem do desporto. Neste caso, faz-se necessária a presença de educadores e psicólogos do desporto para trabalhar com os atletas e suas equipes que no decorrer dos grandes campeonatos são submetidos a vários tipos de tensão.

Ao iniciarmos nosso trabalho tínhamos um fio condutor que era a influência da torcida em competição entre jovens e a manifestação dos comportamentos agressivos e ansiosos, desenvolvidos no decorrer dos momentos esportivos; no entanto, de forma alguma poderíamos supor a vastidão e dificuldade da área em estudo. Surpreendeu-nos o envolvimento de questões que, cruzadas, passam a interferir no desempenho e por conseguinte no resultado esperado, causando uma verdadeira transformação da situação inicial. Estes fenômenos foram pinçados de forma a trazer informações teóricas e exemplos reais, que julgamos enriquecedores.

A opção pela pesquisa participante, além da necessidade de adoção da *pesquisa ex- post- facto*, em alguns momentos, facilitou sobremaneira o desenvolvimento do trabalho, obrigando- nos a exercer a neutralidade em situações em que tínhamos clareza do resultado final da intervenção a que assistíamos. No entanto, tal exercício fez- nos analisar com maior profundidade os componentes teóricos que alicerçam o trabalho em questão. Isso nos permitiu rever pontos que tínhamos como irrelevantes mas, que numa análise mais detalhada, alteram o andamento da situação proposta.

Ainda, a partir destes detalhes citados acima, acreditamos que o fato da pesquisa participante, tão comum nas ciências humanas, ser uma atitude de relação pesquisador- pesquisado favorece o estabelecimento de novas relações “eu-outro” e um compromisso antecedente do trabalho do pesquisador com as práticas populares. É, sim, uma nova crítica, e a partir daí uma fertilização de teoria científica que, de repente, proporciona uma reflexão sobre aspectos educacionais e culturais, sendo para BRANDÃO ( 1985 ) “um tipo de trabalho científico e pedagógico com e sobre o saber, que deseja participar da dinâmica da transformação da cultura”. Portanto, bem própria para a pesquisa em questão.

Com relação aos nossos objetivos, temos que nossa pesquisa constata alguns valores que norteiam a prática competitiva entre jovens atletas, e que os pais destes adolescentes, enquanto um tipo especial de torcida, se diferem nos seguintes tópicos: tolerância para a atividade e confusão, ou sua necessidade de ter um filho quieto, conformado e submisso; a maneira como estimulam ou restringem discretamente ( ou não



) o jovem que visa sucesso esportivo; e a escolha da modalidade esportiva. Diante disto, só não nos envolvemos com o último item ( referente a escolha ), por entendermos que poderíamos ir para outro destino que não o inicial, mas causou-nos impacto as percepções de atitudes que dirigiam o comportamento dos atletas jovens, mesmo em momentos de disputa mais acirrada, dentro da quadra.

Tais percepções eram nítidas e constantes, porém mais explícitas durante os pedidos de tempo técnico ou de substituições, quando os pais aproveitavam para apresentar seus ensinamentos técnicos ou instruções, desconsiderando o ponto de vista e a existência de um profissional preparado para este fim. Para os pais não havia problema que não pudesse ser solucionado pelo seu filho; tudo era permitido para que se aproximasse da vitória e do sucesso, conforme já nos ensinou GUAY, em seus estudos.

Comportamentos hostís, dentro da quadra, nem sempre eram criticados pelos pais e demais assistentes, que procuravam reforçar a ação, desde que não expusessem os atletas ou comprometessem seus desempenhos em combate. Poucas foram as atitudes de volta a calma ou de reequilíbrio entre os atletas, a partir de estímulos da torcida. Como também poucos foram os pais que se sentiram tranquilos com a retirada de seus filhos de campo, quer seja para uma substituição temporária ou mesmo uma alteração tática. Havia, em qualquer destas trocas, uma verbalização que demonstrava total conhecimento teórico sobre a modalidade e maior conhecimento sobre os membros da equipe e seus potenciais táticos, agindo o pai como um auxiliar ou supervisor técnico. E a

torcida, como se fosse a patrocinadora de todo o espetáculo esportivo, ali montado.

Com igual rigor agiram técnicos e instrutores, para atingir o resultado favorável, com seus atletas. Não se poupou nem se ponderou para advertir este ou aquele atleta, diante de uma atitude insensata; procurou-se atuar com rigidez e violência, como se para diminuir o efeito do gesto vulnerável cometido. Poucas foram as palavras de conforto ou de tranquilidade, diante de decisões importantes, o que fez com que, numa grande maioria de vezes os atletas permanecessem longe dos seus técnicos, em momentos de paralização de partidas, para instruções, temendo uma atitude mais agressiva deste outro membro da torcida, por acaso, seu próprio técnico.

De uma maneira conclusiva podemos afirmar que comportamentos hostís por parte do público, em geral, são elementos de forte ligação com a agressividade manifestada em momentos esportivos, de maneira tal que, numa escala menor\_\_\_ ou maior, depende da oportunidade\_\_\_ consiga-se mostrar que se entendeu a mensagem passada e que se concorda com a ordem expressa. Uma equipe que recebe ordem, que não consegue digerir informações que não sejam gritadas e esbravejadas tenderá a ser agressiva e barulhenta, tendo este quadro de modelo. Não haverá comedimentos.

No entanto, antes mesmo dos momentos agressivos, surpreendeu-nos os estados de ansiedade, observáveis em atletas em desenvolvimento. Eram detalhes que se misturavam entre os erros técnicos e os fracassos psicológicos e emocionais, como: saques errados, em

demasia, durante os jogos, contra saques corretos durante o aquecimento; saídas erradas, durante a prova, contra belas e corretas saídas do aquecimento; mãos certeiras em lances livres e gols, no aquecimento, contra mãos trêmulas e desreguladas, no jogo. Mas a torcida não torce pelo aquecimento...

Suores, tremores, sensações de frio ou calor, irritabilidade, passos vacilantes, desdêns, ombros caídos foram assinalados e percebidos em situações que antecederiam, decorriam ou finalizavam momentos esportivos que se consideravam próprios para a educação de nossos jovens atletas. E estas sinalizações nem sempre foram notadas ou trabalhadas pelos profissionais presentes, nem analisadas pelos pais que acompanhavam filhos- heróis. Tão pouco apresentam significados para o torcedor que está de olhos fixos no resultado do placar e na atuação certa de sua equipe

Hoje sabemos que é possível um alto rendimento esportivo, mesmo em atletas muito ansiosos ou muito pouco ansiosos, uma vez que cada um terá seu próprio nível ótimo para competir. A Psicologia do Esporte possibilita análise e discussão dos momentos esportivos e o estudo da ansiedade ótima, da avaliação da ansiedade, da sua deflagração do estresse e da personalidade agressiva do atleta permitem uma melhor dosagem do treinamento e melhor conduta do técnico, em competição, para se atingir um bom nível de desempenho, sem as atitudes observadas quando se trabalha sem uma boa fundamentação científica.

Quando um atleta está com um nível de ansiedade “ótimo” dizemos que está em controle psicológico. ao contrário, quando o

nível de ansiedade está fora de controle, aparecem reações em duas esferas: no nível cognitivo ( pensamentos negativos, lentidão de raciocínio, medo, apatia, apreensão, desinteresse,...) e em nível somático ( tensão muscular, taquicardia, lentidão de movimentos, pouca explosão,...), significando que a ansiedade é bidimensional. As situações analisadas, no decorrer desta pesquisa, demonstraram que as duas dimensões do estado ansioso foram detectadas, em atletas jovens de campeonatos federados.

A questão ganha maior seriedade se buscarmos ampliar nossos conhecimentos e soubermos que existe uma forte ligação entre ansiedade e estresse no esporte. HACKFORT ( 1992 ) informa que ele é uma situação ou a combinação delas, em que uma pessoa percebe- se ameaçada, vindo a se sentir ansiosa ou, ainda o processo que se desenvolve quando uma pessoa não é capaz de lidar com as demandas da situação e com a ansiedade geral, levando à reações de caráter psicofisiológico e conseqüentemente ao fracasso.

Tal estudo explica que a teoria fisiológica do estresse é baseada no conceito de que o organismo humano é que busca constantemente o equilíbrio físico e mental; quando, por qualquer motivo, este equilíbrio é perturbado, o sistema se auto- regula. Modificações na tensão muscular, nos batimentos cardíacos, nos hormônios são exemplos desta auto- regulação. Os estímulos que podem causar ansiedade são denominados estressores e podem ser de natureza física, psicológica ou social, como os que se seguem: super- estimulação, situação ou simulação de perigo, monotonia de treinamento, pressão de jogos, treinamentos excessivos, isolamento social, conflitos, decisões sobre muitas alternativas, incertezas,

exigências inadequadas, violações...cabendo uma rápida e certa sugestão: não será a torcida um fator estressante?

Voltando à análise e discussão dos dados coletados percebemos que estes estressores foram uma constante na vida de nossos atletas jovens. Podemos até informar que não tivemos um trabalho adequado para amenizar tais fatores, uma vez que sempre se corria atrás de um único objetivo, que se denominou Vitória ( a qualquer custo ). Assim, foi- nos possível entender que os aspectos emocionais estiveram tratados em seus limites ( quando foram ), sem possibilidade de se diminuir ações que pudessem comprometer a saúde mental destes adolescentes, em qualquer momento que fosse, salvo exceções. Nunca ouvimos comentários sobre as torcidas, sejam eles do tipo que fossem.

Como era de se esperar, o pai é um introdutor esportivo muito importante, dentro do grupo familiar. Ao mesmo tempo, os membros da família parecem exercer fortes informações para a participação em treinamentos, atuando com mais vigor que os próprios amigos, segundo dados apresentados por GUAY ( 1993 ) e JOLIBOIS ( 1995 ). É provável que, à medida que o jovem se desenvolva, haja evolução num determinado tipo de orientação voltada para uma prática que o aproxime mais do êxito, em se considerando suas habilidades motoras e preferências. Não observamos nenhum caso de prática forçada ou induzida, apenas percebemos que a influência paterna era perturbadora, tanto diante de colegas como em comentários mais diretos, com o próprio atleta ou junto aos técnicos; percebemos, inclusive, que havia uma certa ansiedade em

momentos iniciais de conversas pai- técnico, como se pudesse prever que seriam tratados de assunto desagradáveis sobre o jovem atleta.

Observações realizadas constataram, como explicita a literatura assumida ( GUAY, 1993; APPAY, 1995; SEGRÉ, 1995 e JOLIBOIS, 1995 ), que tanto em esportes individuais como em coletivos, os níveis de ansiedade ligada à competição, antes, durante e depois eram muito semelhantes, o que nos leva a considerar que tal fato se passa em função de comentários anteriores\_\_\_\_\_ de pais, técnicos, dirigentes e amigos\_\_\_\_\_ e medo do desconhecido\_\_\_\_\_ do tipo: adversário, torcida, resultado, tipo de jogo\_\_\_\_\_, durante ( envolvendo a performance, os temores, as emoções) e posteriores, mais críticos, considerando a situação observada, sem chances de retornar ao ponto inicial da partida e poder evitar, ou refazer com maior aprumo, os momentos menos felizes.

Interessante na metodologia adotada é que muito do observável vem a fornecer informações preciosas. Uma destas observações foi a que se fez, antes de jogos ou disputas em piscinas ou pistas de atletismo, em comentários isolados, entre esportistas, dando- se conta da pouca expectativa antes do embate:

*“...hoje não dá para ganhar. Os corredores são bons e a torcida deles está em peso. Vai ser dureza...”*

*“...não sei porque insistir. Não dá prá diminuir a diferença de meia piscina, o cara é bom. O recorde é dele, nesta prova. Analisa a galera ... todo mundo com a camiseta do Banco TAL, que patrocina ele...”*

*“...Oh, professor Afonso, porque o senhor veio hoje. Nós não temos a mínima chance de vencer o CADEX. Vai ser um massacre. É melhor o senhor ir embora, antes que a torcida deles comece a brigar com a nossa.”*

E, diante desta fala, optamos por uma pergunta direta: “O que voce sente numa situação desta, quando não vê possibilidade de vencer?”

A resposta foi muito clara:

*“...sinto uma coisa no meu estômago, um frio na espinha, a boca seca e uma vontade de entrar na quadra e meter a mão na cara deles. Daí, se não ganho no jogo, pelo menos mostro que sou mais forte na porrada...”*

A pesquisa participante nos permitiu tratar cada dado, em sua exatidão, com a força que lhe é peculiar. A informação colhida, como no exemplo acima, é rica de detalhes que nos deixam explícitos a falta de um preparo anterior ao confronto com equipes muito mais fortes, a possibilidade de ser trabalhado o controle desta ansiedade e, mais ainda, da agressividade que se está delineando, através de conversas sobre questões ligadas ao extra-quadra: a torcida, a imprensa, a família. Talvez estas conclusões sejam suficientes para uma reavaliação no planejamento de determinados profissionais do esporte, quando da montagem do plano de trabalho global, da próxima temporada.

E mais, podemos registrar duas posições antagônicas e que conduzem a uma divergência profunda entre dois setores representados, digamos, pelos dirigentes esportivos ( diretores de clube, diretores de esporte, coordenadores de modalidades ) e pelos professores ou técnicos: um destes que de fato é responsável pelo esporte como atividade social institucionalizada e que caracteriza as sociedades modernas, outro que é responsável pela preparação para a vida ( seria o esperado ) de todos os que têm de passar pelas suas quadras, para serem submetidos ao processo competitivo. Desta forma, condenar a competição e a torcida, como responsável única ou direta pela ansiedade e agressividade sem analisar criticamente as interações produzidas ao seu redor, ou decorrentes dela ou anteriores a ela tão pouco nos satisfaz.

Relatos nos fazem concluir que, durante as partidas ou eventos competitivos, os pais e os técnicos foram os maiores instigadores para as reações violentas, dentre os demais tipos de torcedores. A afirmação do papel reforçador foi mais pronunciado em esportes coletivos que favoreciam o contato corporal, como já houvera observado CRATTY ( 1989 ). Ainda de acordo com Cratty, os pais e técnicos emergem como as fontes mais fortes de influência nas ações agressivas e as evidências disponíveis sugerem que os pais são relativamente mais importantes como instigadores, insultando, encorajando à luta e insuflando seus filhos e os demais segmentos da torcida presente. Assim, por muito que os responsáveis pela política esportiva afirmam que é na competição que se é preparado para a vida, tal como ela é, não vemos como se poderá progredir



em nível de uma saúde mental, onde a ansiedade e agressividade possam ser controladas, se não dissipadas.

Pelas informações coletadas e pelos confrontos aos quais se teve oportunidade de presenciar, seguidos das inflexões que possibilitaram várias conclusões, pertinentes aos procedimentos cabíveis numa pesquisa participante, alertamos para o fato de se engrandecer a participação num evento do tipo CAMPEONATO FEDERADO, em um grupo jovem, sem orientação psicológica de suporte. Nosso entendimento é o de que uma dimensão de excessivo valor é passada para as disputas com o aval das federações esportivas, como se estas fossem de uma seriedade maior ou de uma exigência maior que as outras existentes \_\_\_\_ Ligas, Associações, JOJUESP, Quadrangulares,...\_\_\_\_.

Isto fará com que seus participantes ( atletas, dirigentes e torcidas ) se envolvam com uma motivação diferente, mais voraz, em busca de um resultado positivo, sem levar em conta o esforço ou o método para a concretização da vitória. Talvez esteja na condução dos trabalhos, ou na cobrança dos resultados, por pais e técnicos, em especial, e pelo público, de modo geral, a supervalorização destes campeonatos. Portanto, seus originadores, em especial, seguidos da força da torcida, de outros familiares, da mídia e até dos próprios adversários precisam ser alertados sobre a questão.

Os elementos apresentados, na análise e discussão, são suficientes para nos fornecerem elementos que norteiem nossas conclusões para caminhos que assumam posturas de propostas, uma vez que o processo competitivo juvenil, no Brasil, em especial, está

relativamente mal estruturado ou desconectado com os interesses do ideal performático: o equilíbrio total. Conclusivamente entendemos que o momento esportivo tem de ser diferente: tem que ser formativo e educativo, ainda que competitivo; a competição precisa contribuir para o desenvolvimento de nossos jovens.

É necessário que o confronto esportivo se componha de forma tal que corrija os erros e os males de uma prática que repele noventa e nove por cento dos iniciados em modalidades esportivas. Tanto para os que ficam, como para os que fogem do treinamento que conduz à competição é preciso que se consiga adequar o momento competitivo de modo que ele contribua efetivamente\_\_\_\_ e de maneira sadia\_\_\_\_ com o desenvolvimento e equilíbrio da personalidade dos atletas em formação.

## **SUGESTÕES**

Diante do estudado, alguns pontos de vista merecem um redimensionamento, em nível de reconstrução do profissional do esporte e o momento esportivo. Será preciso tratar de maneira mais séria tanto o momento inicial da prática esportiva quanto o aperfeiçoamento e especialização, incluindo a competição, se pretendermos que haja uma alteração no quadro atual do momento esportivo. desta forma, como sugestão, temos a oferecer:

1. que as federações incluam em seus quadros profissionais o psicólogo esportivo, para oferecer ajuda

aos profissionais, em todo e qualquer momento que anteceda ou decorra da competição;

2. que os árbitros e os dirigentes esportivos, bem como a mídia, sejam convocados, antes de cada temporada, para receberem instruções de atitudes a serem evitadas, ou de formas de conduta a serem observadas em ambientes de treinamento e competição juvenis;

3. que os professores, técnicos e instrutores sejam preparados, através de cursos de curta, média ou longa duração, oferecidos com periodicidade semestral, pelas federações, na tentativa de se evitar comportamentos díspares e estimuladores de ansiedade ou agressão, em jogadores jovens;

4. que os pais e familiares sejam convidados para palestras ou debates, nos clubes de seus filhos, onde se discutirão assuntos referentes aos problemas de uma equipe competitiva, tais como: valor da imprensa, mitos e heróis, ganhar/perder, influência dos pais, liderança, socialização, formação de torcidas e seu papel...

5. que dirigentes, técnicos e pais possam estar em constante trocas de informações, não sendo o resultado do jogo o único tipo de assunto a motivar o encontro entre as partes. E tais trocas de detalhes não precisam ocorrer apenas nas beiras das quadras, em momentos de disputa;

6. que as informações sejam mais divulgadas, em linguagem acessível, para todos aqueles que acompanham o desenvolvimento do momento esportivo, em especial àqueles que atuam com jovens atletas,

7. que esta pesquisa seja redimensionada, originando ampliação para outra onde se estude e analise a compreensão do papel da mídia, em questões relativas ao estímulo da ansiedade ou agressividade de jovens esportistas.

8. acreditamos ser possível a adoção de técnicas como a simulação de um resultado favorável; exercícios de visualização mental da situação de competição, incluindo gritos e ataques de torcida; utilização de equipamentos de competição e práticas estratégicas de confrontação com estas, que não só podem aumentar o nível de eficácia, mas também tornar os treinos mais

motivantes e diversificados, buscando diminuir o nível de ansiedade e protelar a elaboração de atos agressivos.

9.a realização de treinos no local da competição. Se o atleta já conhece o local, é possível que, mentalmente, ele se ajuste ao ruído e participação do público, às posturas dos juizes e o espaço físico.

10.por outro lado, é preciso ter cuidado com o treinamento intensivo, pré-competitivo. Este tipo de treinamento pode levar o atleta à fadiga, ao estresse ou, ainda, a desenvolver nele comportamentos anti-sociais e agressivos (ROWLEY, 1987).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A. **Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ALDERMAN, R. **Psychological Behavior in Sport**. Filadélfia: W. B. Saunders, 1984.

ALONSO, L. B. . Esporte e Psicologia: um debate necessário. **Anais do Simpósio - Esporte: Dimensões Sociológicas e Políticas**. EEF/USP, São Paulo, 1993.

APPAY, B. **Les Jeunes et L'apprentissage**. Tournai: Casterman, 1982( 1ere. édition ).

APPAY, B. **Les jeunes et l'apprentissage**. Tournai: Casterman, 1995( 2eme. édition).

AUSUBEL, D. P. **Theory and problems of adolescent development**. New York: Grune & Statton, 1969.

AZEVEDO, F. de. **Da educação física, o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser**. 3ª ed., São Paulo, SP: Melhoramentos, 1960.

BALBINO, F. **Agressão**: do genérico ao especialista. Rio Claro: UNESP, monografia, 1990.

BANDURA, A. **Aggression**: a Social Learning Analysis. Englewood cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1973.

BANDURA, A. **Social Foundations of Thought and Action**: a social cognitive theory. Englewood cliffs, New Jersey, 1986.

BANDURA, A. **Social learning theory**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1986.

BANDURA, A.; ROSS, L. & ROSS, L. A. Imitation of film-mediated models. In: **Journal of abnormal and social psychology**. New York: A.P. Press, vol. 66, p. 03-11, 1963.

BARROS NETO, T. L. A ciência do corpo em movimento. **Ciência Hoje**, 21 (121): 38-39, 1996.

BERKOWITZ, L. **Aggression**: a Social Psychological Analysis. New York: McGraw-Hill, 1962.

BERNIK, M. A. Ansiedade: como diagnosticar e tratar. In: **Revista Brasileira de Medicina**. São Paulo: CRM/SP, vol. 46, p. 99-105, 1989.

BLEGER, J. **Psicologia da conduta**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BLOS, P. **Les adolescents**. Paris: Folio Essais, 1993.

BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BUONOMANO, R.; CEI, A. & MUSSINO, A. Participation motivation in italian youth sport. **The Sport Psychologist**, 9 (3): 265-281, 1995.

BUSS, A. H. **The psychology of aggression**. New York: Wiley, 1961.

CAILLOIS, R. **Les jeux et les hommes**. Paris: Folio Essais, 1993.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência**. Petrópolis: Vozes, 1991.

CARVALHO, A. M. **Violência no Desporto**. Lisboa: Livros Horizontes, 1985.

CHIZOTTI, M. P. **Pesquisas em Psicologia**. São Paulo: Atlas, 1989.



COELHO,O.**Actividade física e desportiva:** aspectos gerais do seu desenvolvimento. Lisboa: Horizonte de Cultura Física, 1991.

COLEMAN,J.C.**The nature of adolescence.**New York: Mc Thuen, 1973.

CRATTY, B.J. **Motricidad y psiquismo.** Valladolid: Miñon, 1989.

CRATTY,B.J **Psicologia no Esporte.** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Prentice-Hall do Brasil,1973( 1a.ed.) e 1984( 2a. ed.).

CRATTY, B.J.**Psicologia do esporte.**Rio de Janeiro: Prentice Hall do Brasil, 1973.

CRATTY,B.J.**L'activité créatrice chez l'enfant.**Grenoble: Éd. de la Table Ronde, 1987.

CRATTY, B.J.**Psychologie et activité physique.**Paris: Seuil Éd., 1989.

CRATTY, B. J. Aggression and Hostility. In: Cratty, B. J. **Psychology in Contemporary Sport**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1989.

CRUZ, J. F. & VIANO, M. F. Autoconfiança e rendimento na competição desportiva. In: J. F. Cruz (orgs). **Manual de Psicologia do Desporto**, Braga: S. H. O, 1996.

DAROS, E. **Considerações sobre a torcida e agressividade**. Rio Claro: UNESP, monografia, 1989.

DEMO, P. **Pesquisa participante**. São Paulo: Editora Cortez, 1990

DERTER, B. & WEBER, M. **O aspecto da emoção no ensino e na educação**. Petrópolis: Vozes, 1975.

DOLLARD, J.; DOEB, L. W.; MILLER, N. E.; MOWER, O. H. & SEARS, R. R. Frustração e agressão. In: MEGARGEE, E. **A dinâmica da agressão: análise de indivíduos, grupos e nações**. São Paulo: E.P.U., p.27-47, 1976.

DOLLARD, J., DOEB, L. W., MILLER, N. E. MOWER, O. H. & SEARS, R. R. **Frustration and Aggression**. New Haven: Yale University Press, 1993.

DOLTO, F. **A causa dos adolescentes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DURANT, M. **El niño y el deporte**. Madrid: Ediciones Paidós, 1990.

EBERSPACHER, H. Implications of psychology in training and preparation. In: **Mental training for coaches and athletes**. Ontario: C.A.C., Vol.01, p. 90-92, 1983.

ELIADE, M. **O Mito do Eterno Retorno**. Lisboa: Edições Setenta, 1989.

ERIKSON, E. H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

FERRAN, J. **Sports, Valeurs et Périls**. Paris: L'Equipe, 1990.

FESHBACH, S. Aggression em P. H. Musseu (ed),  
**Carmichael's Manual of Child Psychology**. New York:  
Wiley, **2** (1): 159-259, 1970.

FORGHIERI, Y.C. **Psicologia fenomenológica**; fundamentos,  
métodos e pesquisa. São Paulo: Pioneira, 1993.

FRAYSSINET, P. **Le sport parmi les beaux- arts**. Paris: Privat,  
1994.

FREUD, S. **A General Introduction to Psychoanalysis**. New  
York: Boni e Leveright, 1920

FREUD, A. **Adolescence**. Paris: PUF, 1949.

FRIEDENBERG, F.N. **Foundations of behavioral research in  
Sport Psychology**. New York: H.R. Winston, 1967.

GESELL, A. **L'adolescent de 10 à 16 ans**. Paris: PUF, 1978.

GILL, D.L. **Psychological dynamics of sport**. Champaign:  
Human Kinetic Publ., 1988.

- GILLESPIE, W. H. Aggression and Instinct Theory. **International Journal of Psychoanalysis**. **52** (2): 155-160, 1971.
- GOLDBERG, J.P. **Psicologia da agressividade**. São Paulo: Editora ICC, 1991.
- GROEBEL, J. Chega de briga na TV. Entrevista - **Veja**. Páginas Amarelas de 20/07/1994.
- GUAY, H. **La culture sportive**. Paris: PUF, 1993.
- GUSSON, M. **A Família**: aspectos relevantes para a prática esportiva. Rio Claro: UNESP, 1989 (Monografia).
- HACKFORT, G. **Solidarity and motivation**: a critical review of concepts and definitions. New York: Random House, 1992.
- HARRIS, D. **Psicologia del deporte**. Barcelona: Hispano Europea, 1987.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**, Essai en la formation du jeu. Paris: Gallimard, 1981.
- HUNILÃ, K. Impressions of the State, friends and prospects of the sociology of sport, **International Review for the Sociology of Sport**, **25** (1): 33-39, 1990.

JAROV, K.P. **A vitória desportiva e a educação da vontade.**

Lisboa: Horizonte de Cultura Física, 1993.

JARVIK, L. F.; KLODIN, V. & MATSUYAMA, S. Human aggression and the extra y chrouro some: fact or fantasy?

**American Psychologist. 28** (3): 674-682, 1973.

JOLIBOIS, R. P. **L´initiation Sportive, de**

**I´enfance á I´adolescence.** Tournai: Casterman, 1992( 1ere. éd); 1995( 2eme. éd.).

KUJAWSKI,G.M.**Discurso sobre a violência e outros temas.**

São Paulo: Martins Fontes, 1973.

LANE, S. T. M. **Psicologia Social.** São Paulo:

Editora Brasiliense, 1981.

LEFEBVRE, L.; LEITH, L. & BREDEMEIRr, B. Models for Aggression Assessment and Control - A Sport Psychological Examination.

**International Review of Sport Sociology, 11** (1): 11-21, 1980.

LORENZ,K.A.**A agressão: uma história natural do mal.**São

Paulo: Martins Fontes, 1973.

LORENZ, K. **On Aggression.** New York: Harcourt Brace

Jovanovich, 1966.

MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte**: temas emergentes I. Jundiaí, Editora Ápice, 1997.

MACHADO, A. A. Importância da Motivação para o Movimento Humano. In: **Perspectivas Interdisciplinares em Educação Física**, S.B.D.E.F., 1995.

MACHADO, R. A. A ética e a política no esporte. **Anais do Simpósio - Esporte: Dimensões Sociológicas e Políticas**. EEF/EFEUSP, (1): 52-59, 1993.

MACIEL, S. V. **Atleta Juvenil Feminino**: estudo correlacional de algumas características psicológicas e lesões osteomusculares. Dissertação de Mestrado, PUCCAMP, Campinas, 1996.

MAFESSOLI, M. J. **Relative Influence of Two Types of Motivation on Improvement**. New York: Sppleton, 1994.

MAFESSOLI, M. J. **Essais sur la violence**: banale et fondatrice. Paris: Librairie des Méridiens, 1991.

MAGILL, R. **Aprendizagem motora**: conceitos e aplicações. São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 1984.

MARTENS, R. **Anxiety and motor behavior**. New York: J.Wiley& Sons, 1971.

MARTENS,R.**Trait and state- anxiety**. New York: Academic Press, 1972.

MATVEIEV,L.**O processo de treino desportivo**.Lisboa: Horizonte de Cultura Física, 1989.

MAY, R. **O homem a procura de si mesmo**.Petrópolis: Vozes, 1973.

MICHAUD, Y.**As causas da violência**: o ponto de vista antropológico. São Paulo: Ática, 1989.

MOSER,G.**A agressão**.São Paulo: Ática, 1991.

OMMUNDSEN, Y. & VAGLUN, P. C. Sport specific influences: Impact on persistence em soccer among adolescent antisocial soccer players. **Journal of Adolescent Research**, 7 (4): 507-521, 1992.

ORLICK,T.D. **Coaches training manual to psyching for sport**. Champaign: Leisure Press, 1986.



PAIVIO, A. **Childrearing antecedents of audience sensivity**. Child Development, 1964.

PARLEBÁS, P. **Perspectivas para una educación física moderna**. Barcelona: UNISPORT, 1987.

PESSOTTI, I. **Ansiedade**. São Paulo: E.P.U., 1978.

PFROMM NETTO, S. Efeitos da Violência Televisada sobre as Crianças. **Cadernos de Comunicação**. Proal 3, 25-39, 1976.

POPPELWELL, J. **A segurança das Multidões e o Controle nos Recintos Desportivos**. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura, 1989.

RICHARDS, J. **Las influencias exteriores en el deportista**. Madrid: Editorial Teleña, 1988.

RODRIGUES, P. A. **Motivação e Performance**. Rio Claro: UNESP, (Monografia) 1991.

SAMULSKI, D. **Psicologia do Esporte Teoria e Aplicação Prática**. UFMG, Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1992.

SCHMIDT, R. A. **Aprendizagem & Performance Motora**: dos princípios básicos à prática. São Paulo: Movimento, 1993.

SEARS, R. R.; MOCCOBY, E. & LEVIN, H. **Patterns of Child Rearing**. New York: Harper & Row, 1957.

SEGRÉ, M. **Les Enfants et les Adolescents Face au Temps "Libre"**. Paris: Les Editions ESF, 1993.

SERPA, S. Psicologia social do desporto: evolução e perspectivas. In: **Actas**. Portugal: Universidade do Porto, Vol.1, p.146-168, 1995.

SERPA, S. Os comportamentos agressivos nos desportos. In: J. F. Cruz (orgs). **Manual de Psicologia do Desporto**, Braga: S. H. O., 1996.

SINGER, R. **Sustaining motivation in sport**. Talahassee: S.C.I., 1984.

SINGER, R. N. **Psicologia dos Esportes**: mitos e verdades. 2 ed. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977.

SPENLÉ, A.M.R.O **adolescente e seu mundo**.São Paulo: Duas Cidades, 1990.

SPIELBERG,C.D.**Anxiety and behavior**. New York: Academic Press, 1966.

SUINN, R. M. **Sete Etapas para a Performance de Pico**. São Paulo: Editora Manole Ltda., 1988.

SULLIVAN, D. B. Commentary and Viewer perception of player hostility: Adding punch to televised sports. **Journal of Broadcasting and Eletronic Media**, 39 (4): 487-504, 1991.

SUPERINTERESSANTE, De onde vem a violência?, São Paulo: Abril, anoll, no.12, p.76-79, 1988.

SZABO,D. **El adolescente y la sociedad**.Madrid: Herder, 1995.

THOMAS, A. **Esporte**: uma introdução à psicologia. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

THOMAS, L.D. **Sport**: the conceptual enigma. Massachusetts: Addison- Wesley, 1991.

TSCHERWIKOWA, O.A. **Sport psychology**. New York: Academic Press, 1975.

TUTKO, T.A. **El deportista y su personalidad**. Madrid: Editorial Teleña, 1986.

WALL, W.D. **A adolescência**. Rio de Janeiro: Livraria Horizonte, 1990.

WEIL, P. **A Criança, o Lar e a Escola**. 13 ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1988.

WEINER, B. A theory of motivation for some classroom experiences. **Journal of Educational Psychology**. 71 (1): 3-25, 1979.

WILLIAM, R.M. **Sport and culture**: a psycho-sociological interpretation. New York: Knoff, 1994.

WITTER, C. **A televisão e o adolescente:** Análises de Conteúdo da Programação Preferida. Dissertação de Mestrado, I.P. - USP /São Paulo, 1991.

WONEL, G. L. & HARRY, D. The relationship of perceived and observed aggression of ice hockey players. **International Journal of Sport Psychology**, 1986

YANNAKIS,A. & GREENDORFER,S.L.**Applied sociology of sport.** Champaign: Human Kinetics Publ., 1982.